

Saber Humano

Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti

E- ISSN 2446-6298
Edição Especial n.4. 2019.
Restinga Sêca, RS.



Saber Humano – Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti
Estrada Recanto Maestro, nº 338 | Distrito Recanto Maestro | Restinga Sêca-RS

Cep: 97200-000

Tel. (55) 3289-1141 | (55) 3289-1139

saberhumano@faculdadeam.edu.br

www.saberhumano.emnuvens.com.br/sh

Licença Creative Commons



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-
Compartilha Igual 4.0 Internacional.

É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Os conceitos emitidos em cada artigo são de responsabilidade de seus respectivos autores.

APOIO:



Corpo Editorial

Editor-Chefe

Prof. Bruno Fleck da Silva, Antonio Meneghetti Faculdade, AMF; Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC Camp. Universidade Federal de Santa Maria, UFSM.

Editores Adjuntos

Dra. Patrícia Wazlawick, Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Restinga Seca-RS, Brasil, Brasil

Dra. Claudiane Weber, Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Restinga Seca-RS, Brasil; Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Brasil, Brasil

Editor Gerente

Jaqueline Cruz da Cunha, Antonio Meneghetti Faculdade, Brasil

Editor de Layout

Luiz Victor Azevedo Gazzaneo, Faculdade Antonio Meneghetti, Brasil

Professora Isabele Corrêa Vasconcelos Fontes Pereira, Antonio Meneghetti Faculdade, Brasil

Maria Clara Mahlke Ranoff, Antonio Meneghetti Faculdade, Brasil

Breno Prado da Silva, Faculdade Antonio Meneghetti, Brasil

Consultoria SEER/OJS

Lepidus Tecnologia, Brasil

Jusélia Paula da Silva, Faculdade Antônio Meneghetti - AMF, Brasil

Conselho Editorial

Dra. Constança Terezinha Marcondes Cesar, Universidade Federal de Sergia UFS; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC SP.

Dr. Élsio José Corá, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS

PhD Marcos Cordeiro D'Ornellas, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria-RS., Brasil

Dra. Lisiane Pellini Faller, Faculdade Metodista de Santa Maria – FAMES, Santa Maria-RS, Brasil, Brasil

Ms Tais Andrade, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria-RS., Brasil

Dr^a. Lisandra Manzoni Fontoura, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria-RS., Brasil

Dr^a. Andrea Ad Reginatto, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM., Santa Maria-RS., Brasil

Dr. Felipe da Veiga Dias, Faculdade Meridional, Passo Fundo-RS, Brasil, Brasil

Dr. Horácio Chikota, Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Restinga Seca-RS, Brasil, Brasil

Ms. Renato Preigschadt de Azevedo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre-RS., Brasil

Ms. Vinícios Gonchoroski de Oliveira, Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, Santa Cruz do Sul-RS, Brasil

Ms. Lúcio André Müller Lorenzon, Faculdade Antonio Meneghetti - AMF, Restinga Seca-RS, Universidade Luterana do Brasil - ULBRA, Santa Maria-RS, Brasil, Brasil

Dr. Rafael Padilha dos Santos, Università degli Studi di Perugia, São Petersburgo-Rússia; ; Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Restinga Seca-RS, Brasil, Brasil

Ms. Ricardo Schaefer, Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Restinga Seca-RS, Brasil, Brasil

Dr. Fernando do Nascimento Lock, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria-RS., Brasil

Dra. Estela Maris Giordani, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria-RS., Brasil

Ms. Erico Azevedo, Pontifícia Universidade Católica - PUC, São Paulo; Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas- São Paulo., Brasil

Dr^a. Leticia Lassen Petersen, Faculdade America Latina - FAL; Fundação Educacional Machado de Assis - FEMA, Brasil

Dr. Siegfried Muñoz van Lamoén, Universidade de Playa Ancha de Ciencias de la Educación, Valparaíso, Chile

Ms. Vera Lucia Rodegheri, Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Restinga Seca-RS, Brasil, Brasil

Assessores Científicos/Avaliadores

Dr. Jonábio Barbosa dos Santos, Universidade Federal da Paraíba Universidade Federal de Campina Grande UNIFACISA, Brasil
Me. Felipe Dalenogare Alves, Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Restinga Seca-RS, Brasil, Brasil
Ms. Clarissa Mazon Miranda, Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Restinga Seca-RS, Brasil, Brasil
Dr^a. Andrea Ad Reginatto, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM., Santa Maria-RS., Brasil
Dr. Rafael Padilha dos Santos, Università degli Studi di Perugia, São Petersburgo-Rússia; ; Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Restinga Seca-RS, Brasil, Brasil
Ms. Erico Azevedo, Pontifícia Universidade Católica - PUC, São Paulo; Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas- São Paulo., Brasil
Esp. Eloy Demarchi Teixeira, Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Restinga Seca-RS, Brasil, Brasil
Dr. Felipe da Veiga Dias, Faculdade Meridional, Passo Fundo-RS, Brasil, Brasil
Ms. Renato Preigschadt de Azevedo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre-RS., Brasil
Ms. Vinícios Gonchoroski de Oliveira, Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, Santa Cruz do Sul-RS, Brasil
Dra. Patrícia Wazlawick, Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Restinga Seca-RS, Brasil, Brasil
Ms. Elita Maria Bianchi Tessari, Faculdade América Latina - FAL, Brasil
Ms. Rafael Gomiero Pitta, Faculdade de Balsas - UNIBALSAS, Brasil
Dr. Fernando do Nascimento Lock, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria-RS., Brasil
Dra. Estela Maris Giordani, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria-RS., Brasil
Msc. Paulo André Nogueira Lima, Faculdade de Balsas - UNIBALSAS, Brasil
Msc. Luiz Dutra, Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Restinga Seca-RS, Brasil, Brasil
Dr^a. Ana Marli Bulegon, Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Restinga Seca-RS, Brasil, Brasil
Ms. Ariane Simioni, Universidade Federal de Pelotas - UFPel, Brasil
Ms. Marcia Zilio, Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS - Unijuí, Brasil
Dr^a. Leticia Lassen Petersen, Faculdade America Latina - FAL; Fundação Educacional Machado de Assis - FEMA, Brasil
Msc. Grasiela Lourenzon de Lima, Faculdades Santo Augusto - FAISA, Brasil
Ms. ROSANE MARIA NEVES, Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC - Campus Gaspar, Brasil
Dra. Claudiane Weber, Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Restinga Seca-RS, Brasil; Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Brasil, Brasil

Saber Humano: Revista científica da Antonio Meneghetti Faculdade –
Edição Especial, n. 04 – Restinga Sêca: Antonio Meneghetti
Faculdade, 2019. 233 p.: il.

Semestral

A partir de 2014, a Saber Humano: Revista científica da Antonio Meneghetti Faculdade publicada de 2011, Vol. 1, n. 1 até o ano de 2013, Vol. 3, n.3, em formato impresso, passou a publicar apenas na versão On-line.

Modo de acesso World Wide Web:
<<http://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/index>>.

ISSN: 2178-7689
E-ISSN: 2446-6298

1. Ontopsicologia 2. Administração 3. Sistema de informação
4. Direito 5. Educação I. Faculdade Antonio Meneghetti

Bibliotecário Responsável: Jaqueline Cruz da Cunha. CRB-10/2543



Editorial

Prezados leitores

Com satisfação a *Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti* apresenta à comunidade acadêmica e científica, interna e externa, a sua *Edição Especial Cadernos de Ontopsicologia n.4*. Este dossiê científico reúne 20 artigos que são resultado do processo de pesquisa desenvolvido nos anos de 2016 e 2017 através da disciplina Pequena Tese III pertencente ao Projeto Pequena Tese sob forma de Iniciação Científica.

Os textos reunidos versam sobre diferentes perspectivas sob o viés científico da Ontopsicologia, sobretudo, evidenciando suas três descobertas: Em Si ôntico, campo semântico e monitor de deflexão, em perspectiva de atuação e diálogo com outras áreas e nos textos aqui reunidos especialmente: Direito, Física Contemporânea, Pedagogia, Economia e Música.

A presente *Edição Especial Cadernos de Ontopsicologia n.4* publicada em versão eletrônica da *Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF)* é resultado da eficiente colaboração dos membros de seu Conselho Editorial, de sua Equipe Técnica e de seus competentes Avaliadores, colaboração esta que recebe aqui agradecimento. Por fim, nosso especial agradecimento aos autores que tiveram seus textos aqui publicados e ao interesse contínuo de nossos leitores.

Cordiais saudações

Prof. Bruno Fleck da Silva

Editor-Chefe da *Saber Humano: Revista Científica*



Apresentação

Chegamos a nossa quarta edição do *“Cadernos de Ontopsicologia” – Iniciação Científica do Bacharelado em Ontopsicologia*, como Edição Especial da Saber Humano – Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF), ISSN 2446-6298, o que muito nos orgulha e alegra, que agora apresentamos aos leitores!

Esta publicação é resultado do Projeto de Iniciação Científica do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia da AMF, desde o início de suas atividades no ano de 2015. Integra o Laboratório Didático de Práticas Específicas do Curso, compondo do Núcleo de Iniciação Científica (NIC). Deste Laboratório/Núcleo fazem parte todos os professores das disciplinas de “Pequenas Teses I, II, III e IV” (Módulos 1, 2, 3 e 4 do Curso), “Metodologia da Pesquisa Científica” (Módulo 5 do Curso) e “Elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)” (Módulo 6 do Curso) e fazem parte todos os alunos envolvidos nestas atividades e disciplinas. Até dezembro de 2018 o Núcleo de Iniciação Científica já realizou 10 (dez) *Mostras de Iniciação Científica do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia*, envolvendo todos os alunos do Curso.

Este Laboratório/Núcleo é construído justamente considerando a possibilidade de formação do egresso também como um futuro pensador e pesquisador científico na área da Ontopsicologia e conjuntamente em suas interfaces interdisciplinares. Além disso, é uma demanda que surge na contemporaneidade, no ambiente universitário e acadêmico, abrindo espaço para a configuração de redes de pesquisa e de colaboração nos contextos emergentes atuais no que diz respeito ao aspecto científico, da produção científica da integração das ações realizadas na formação universitária entre ensino, pesquisa e extensão. Dessa forma, é um espaço para o desenvolvimento de redes de pesquisa e colaboração entre discentes e docentes no Bacharelado em Ontopsicologia.

É também e sobremaneira, para todos nós, uma honra compartilharmos, neste momento, aspectos importantes da avaliação de Reconhecimento do Curso¹ de Bacharelado em Ontopsicologia, realizada por comissão de avaliadores designados pelo

¹ A avaliação de Reconhecimento do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia da AMF ocorreu em 25 de 26 de fevereiro de 2019, por comissão de avaliadores designada pelo Ministério da Educação (MEC), na instituição. Os parágrafos transcritos aqui, em itálico, são parte do Relatório de Avaliação elaborado após a avaliação realizada e encaminhado à Faculdade Antonio Meneghetti.

Ministério da Educação (MEC), em relação ao trabalho de iniciação científica com as Pequenas Teses no Curso. Ficou evidente que é um projeto inovador, que existe em poucas faculdades e universidades no Brasil, tal como metodologias e propostas acadêmico-científicas que se encontram em renomadas universidades europeias e norte-americanas. A partir do relatório de avaliação, a saber:

“A Pequena Tese é produção de conhecimento de iniciação científica em Ontopsicologia, congrega ensino e pesquisa em sala de aula de modo interdisciplinar. Em reunião com os alunos e docentes, os mesmos relatam sobre o trabalho de pesquisa teórica ou empírica com os conteúdos estudados em cada disciplina, escrevem e apresentam um artigo científico a uma banca, e após correções, as melhores são publicadas no ‘Cadernos de Ontopsicologia – Edição Especial Iniciação Científica do Bacharelado em Ontopsicologia’, Revista Saber Humano”.

“A estrutura curricular foi pensada e encontra-se em desenvolvimento, a partir de uma dinâmica que favorece a relação de objetos de aprendizagens fundamentados e ao mesmo oportuniza exercícios de iniciação científica, chamados ‘Pequena Tese’, em todos os períodos do curso”.

Nosso Curso recebeu, no mês de março de 2019, a nota máxima na avaliação de Reconhecimento pelo MEC. A avaliação dos cursos de graduação é realizada periodicamente em todos os cursos de graduação das instituições de ensino superior do país, avaliando aspectos como ensino, pesquisa, extensão, responsabilidade social, desempenho dos alunos, gestão, corpo docente e instalações físicas. Segundo o processo de avaliação conduzido para o curso de Bacharelado em Ontopsicologia da AMF pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES-BASIS-MEC) essa graduação recebeu o conceito 5 (grau máximo).

Os critérios estabelecidos pelo MEC determinam que os cursos de graduação com conceito 5, como o Bacharelado em Ontopsicologia da AMF, são cursos de alto nível, devendo ser vistos como referência pelos demais. Para alcançar essa avaliação, a AMF passou por diferentes etapas protocolares desse processo. O relatório de avaliação enviado à instituição pela Comissão de Avaliação destacou o caráter inédito dessa graduação no Brasil: *“é observado que o curso, no cotidiano, é conduzido com empenho, dedicação e atenção, englobando desafios como a própria iniciação no Brasil desse trabalho inédito, mas já em pleno desenvolvimento. A Ontopsicologia é uma ciência e profissão que dá os primeiros passos em terras brasileiras, mas já o faz de forma robusta, consistente e competente, firmando-se como proposta bem sucedida”.*

Sendo assim, todos os alunos (Corpo Discente), professores (Corpo Docente), Núcleo Docente Estruturante (NDE), Coordenação de Curso, Direção, com o auxílio do

Corpo Técnico-Administrativo e comunidade acadêmica, seguimos trabalhando firmes e com cada vez mais responsabilidade e seriedade na implementação e realização do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia da AMF. Boa leitura a todos!

Prof^a Dr^a Patrícia Wazlawick
Coordenadora do Bacharelado em Ontopsicologia



Como recuperar a exatidão de natureza?

Ademar Silva Junior

Resumo: Sabemos hoje por meio da Ontopsicologia que, na grande maioria das vezes, o homem “é (constituído por natureza) de uma forma”, mas “se pensa de outra forma”. Na sua maneira de pensar e agir possui desvios que o levam a distorcer a percepção do real. Somos intencionados pelo núcleo formalizante ou Em Si Ôntico com informações para a nossa vida e para a realização da nossa existência. Mas apesar desta informação precisa e direta, a nossa consciência lê de forma distorcida a informação, nos levando a agir contra a nossa própria natureza original. As consequências dessa leitura distorcida são sempre a esquizofrenia existencial, o homem não se conhece e vive uma vida de erros, angústia e depressão. A Ciência Ontopsicológica descobriu novas estruturas no interior humano, que na contramão do acima exposto, levam o homem à sua mais perfeita exatidão de consciência. Trata-se do método de acesso ao princípio ôntico, recuperando a percepção do real. O presente trabalho visa expor este processo de recuperação da exatidão e natureza do homem mediante a metodologia da Ciência Ontopsicológica.

Palavras-chave: consciência; percepção organísmica; Em Si ôntico.

How to recover an accuracy of nature

Abstract: We know today through modern science that man is in a form, but thinks himself in another. In his way of thinking and acting he has deviations that make him distort the perception of real. We are intentionaled by the formalizing core or ontic In Itself with information for our life and for the fulfillment of our existence. But although there is this and direct information, our consciousness reads in a distorted way the information, driven us to act against our own original nature. The consequence of this distorted reading is always the existential schizophrenia, the man does not know himself and lives the life of errors, anguish and depression. The ontopsychological science has discovered new structures inside the human that, on the other hand of what was exposed up here, take man to his most perfect exactness of consciousness. It is the method that access the ontic principle, recovering the perception of real. This paper aims to expose this process of recovering the exactness and nature of man through the methodology of the ontopsychological science.

Keywords: consciousness; perception organismic; ontic In Itself.

¿Como recuperar la exactitud de la naturaleza?

Resumen: Sabemos hoy a través de la ciencia moderna que el hombre es de una forma, pero se piensa de otra. En su manera de pensar y actuar, tiene desvíos que lo llevan a distorsionar la percepción de lo real. Somos intencionados por el núcleo formalizante o por el En Si Ôntico con informaciones para nuestra vida y para la realización de nuestra existencia. Pero a pesar de esta información precisa y directa, nuestra conciencia lee de forma distorsionada la información, llevándonos a actuar contra nuestra propia naturaleza original. Las consecuencias de esa lectura distorsionada son siempre la esquizofrenia existencial, el hombre no se conoce y vive una vida de errores, angústia y depresión. La ciencia ontopsicológica descubrió nuevas estructuras en el interior humano, que en contra de lo expuesto, llevan al hombre a su más perfecta exactitud de conciencia. Se trata del método de acceso al principio ôntico, recuperando la percepción de lo real. El presente trabajo pretende exponer este proceso de recuperación de la exactitud y de la naturaleza del hombre mediante la metodología de la Ciencia Ontopsicológica.

Palabras clave: conciencia; percepción organísmica; En Si Ôntico.

1 Introdução

Este trabalho parte de algumas premissas já estudadas e comprovadas pela Ciência Ontopsicológica, visíveis por meio de suas três descobertas científicas: *campo semântico*¹, *Em Si Ôntico*² e *monitor de deflexão*³. Existe um núcleo, um projeto primário que estrutura todo o homem. Um princípio ôntico, que no passado foi chamado de “*alma*”⁴ ou sopro vital pelos antigos gregos. O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti com base em seus mais de 50 anos de estudo e dez anos de prática clínica bem sucedida, descobriu um método para identificar este princípio de natureza, que descreve e denomina de *Em Si ôntico*. O que seria este Em Si ôntico ou projeto de natureza do homem? De acordo com Meneghetti (2012) se trata do:

(...) projeto-base de natureza que constitui o ser humano. O Em si constitui o critério-base da identidade do indivíduo, seja como pessoa, seja como relação. É o núcleo com projeto específico que identifica e distingue o homem como pessoa e como raça, em âmbito biológico, psicológico e intelectual. (...) Princípio formal inteligente que faz autóctise histórica (MENEGETTI, 2012, p. 84).

Sendo este um princípio, é ele que dá intencionalidade às nossas ações existenciais, caso esta informação dominante chegue à nossa consciência sem nenhuma alteração, e a partir dela o sujeito decide agir e operar esta informação. Neste caso o sujeito produz autorrealização, felicidade, saúde e com isto podemos afirmar que suas ações são conforme ou seu projeto de natureza. O homem produz autorrealização quando a sua ação é conforme, ou iso (igual) ao próprio ESO (Em Si ôntico) (MENEGETTI, 2012).

Outra descoberta científica da Ontopsicologia é o campo semântico. Na verdade, esta foi a primeira descoberta, e através dela foram descobertos o Em Si Ôntico e o monitor de deflexão. Acerca do campo semântico:

Por campo semântico entende-se todo o operativo que está sob as zonas de linguagem e sentido da esfera linguística (língua, palavras, gramática, sintaxe, cultura, moral, estereótipos, etc.), da esfera cinésica (o mover-se espontâneo e não espontâneo no somatopsíquico) e da proxêmica (o modo das duas significâncias, linguística e cinésica, a quem intenciona e especifica). Este

¹ Campo semântico: “é a comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações. Transdução de forma ou informação sem deslocamento de energia” (MENEGETTI, 2012, p. 38).

² Em Si ôntico segundo elucida o autor: O homem é fundado e mantido por um holístico estrutural da natureza, cuja mediação de sustentação é o Em Si ôntico. O Em Si ôntico é o núcleo e forma da unidade de ação que é o indivíduo homem (MENEGETTI, 2012).

³ Monitor de deflexão é: um “engenho psicodélico deformador das projeções do real à imagem” (MENEGETTI, 2012, p. 175).

⁴ Alma: do grego – sopro, movimento, vento, hálito, ar. Alma, no sentido laico é uma presença, uma causa que suscita precisos efeitos (MENEGETTI, 2012).

operativo subjacente ao cinésico, proxêmico e linguístico, é o húmus radical – ou universo-base – dos reais formais que indicam e especificam posição e ação da individuação humana (MENEGETTI, 2012, p. 38).

Na natureza e no mundo estamos imersos em um universo informacional, somos constantemente bombardeados por informações, dados, códigos, pulsões intencionais, entre outros. A natureza transmite muitos sinais, a consciência colhe somente alguns, seleciona e os lê, na grande maioria das vezes, de maneira distorcida. Peguemos um exemplo somático no corpo: a *obesidade*. Culpa-se muito o tipo de alimentação, a quantidade, ou mesmo a qualidade dos alimentos, quando não se relaciona como culpada a hereditariedade, uma predisposição genética a engordar. Mas na natureza produzir o erro é algo impossível, pois o “ser é, e o não ser não é”, a máxima já dita pelo filósofo Parmênides, ainda em tempos de Antiguidade Clássica. Não existe na natureza a possibilidade da doença ou de uma distorção somática, portanto, a questão a respeito do erro se encontra na consciência do sujeito, que quer aquela doença, quer aquele tipo de constituição física, para compensar, para ter o primado afetivo, etc. É necessário buscar as repostas na causa e não nos efeitos.

Fundamental se faz a responsabilização sobre a intencionalidade psíquica do sujeito. Os erros são a consequência dos nossos modelos de comportamento ou do estilo de vida que assumimos em base a terceiros, muitas vezes equivocados em relação à nossa identidade de natureza. Como já relatado, “*somos de uma forma*” e “*pensamos de outra forma*”. É importante ressaltar que a pessoa gosta, tem afeto, busca aquele comportamento, ama aquele modo de ser, pois assim consegue ter o primado de uma forma irresponsável e infantil. “Não é difícil ajudar a natureza, mas é muito difícil mudar a consciência, fazer mudar o Eu do sujeito” (MENEGETTI, 1993, p. 10). Ainda mais:

O isolamento do Campo Semântico consentiu individuar a existência de um computador psicodélico que interage com especularidade fotônica em sinapses neurocerebrais localizadas. Esse desviante informático das recepto-transmissões sensoriais impõe uma angulação fixa das imagens sintéticas ou passivas; por isso, a sucessiva reflexão racional nem sempre dá a exata correspondência entre fórmula e quântico funcional (MENEGETTI, 2010b, p. 13).

Nas sinapses cerebrais existe um monitor, um engenho psicodélico que interage com especularidade fotônica em sinapses cerebrais localizadas (MENEGETTI, 2010), que deflete as informações que passam por ele, sendo que quando a informação chega, ela já não é mais original, foi lhe acrescentado algo de diverso e com isso temos uma distorção

da informação original. Este monitor é como uma máquina, uma imagem predominante, um holograma que distorce a leitura que o sujeito faz do real.

O monitor de deflexão é um programa acumulado no interior das células cerebrais que age com interferência especular, antecipando e defletindo a percepção egoceptiva com base em uma imagem dominante impressa durante o momento de aprendizagem da vida: a infância. Sucessivamente, o monitor renova continuamente essas imagens, por meio dos sonhos, dos estereótipos, das instituições, da cultura selecionada (MENEGETTI, 2012, p. 176).

O monitor de deflexão é um estereótipo que prevalece no interior das lógicas racionais já acreditadas há séculos, é uma espécie de vírus que se formou a partir da repetição *standard* de algumas logicas consideradas não prevaricáveis (MENEGETTI, 2015). Portanto, funciona em base à cultura, à moral, a todos os aprendizados da civilização.

No trajeto entre o núcleo e a consciência, essa informação sofre alteração (na grande maioria das vezes) devido à influência dos nossos complexos, estereótipos ou matriz reflexa, que são estruturas inseridas no homem e que se tornaram inconscientes. São estas estruturas que consentem a ação do monitor de deflexão e que deflete a maioria das informações do Em Si ôntico ou a informação dominante, modificando seu sentido ou ação (lembrando que é um mecanismo que altera a leitura que o sujeito faz da realidade).

O resultado desta distorção é tornar o homem alheio a si mesmo, gerando dor, angústia, depressão, e uma esquizofrenia existencial, fazendo-o disforme da sua identidade original ou projeto de natureza, com perda progressiva de e para si mesmo.

Na sua origem ou natureza existencial o ser humano é firmado em uma tensão à felicidade, são suas convenções, educação, cultura societária e principalmente a influência do monitor de deflexão que fazem sua realização não acontecer. Justamente, a palavra Monitor de Deflexão: vem do “Latim – Moneo, monitor = que sugere, que corrige, que censura, que notifica. Também do latim – Deflecto = desviar, mudar a estrada, virar para outro lugar” (MENEGETTI, 2012, p. 175).

2 Aspectos teóricos

É importante para o nosso estudo o conceito de “Eu lógico-histórico”. No *Dicionário de Ontopsicologia* encontramos a definição de *Eu lógico-histórico* – ou *Eu Voluntarista pensante*, ou ainda, *Eu responsável* – como aquele que tem a capacidade de

medir o real externo segundo a exigência individual do íntimo (MENEGETTI, 2012). É por meio dessa estrutura que o homem toma suas decisões conscientes, tem seu voluntarismo e sua responsabilidade.

Entre estas duas estruturas: Em Si ôntico e Eu lógico-histórico, existe uma informação dominante que deveria levar o homem à sua realização total e plena. Por que isto não acontece? Dentro deste mundo inconsciente temos estruturas como estereótipos, complexos, matriz dominante que interferem e que modificam esta informação dominante. Temos ainda o mecanismo psicodélico que está inserido nas sinapses dos nossos neurônios e que modifica e altera (na grande maioria das vezes) a informação dominante proveniente do Em Si ôntico, fazendo com que o homem seja um eterno desconhecido a si mesmo. Desse modo, “a consciência é exatamente um monitor, ou espelho de exposição ou reflexão de qualquer real com o qual está em relação”, “(...) é um espelho psicodélico onde as imagens coincidem com o vivido real” (MENEGETTI, 2012, p. 181).

Portanto, é necessário um esforço para a relativização da nossa consciência, do nosso Eu lógico-histórico. Pois, não é uma outra pessoa a nos fazer mal, mas é como acreditamos naquela situação que vai condicionar o resultado. É fundamental que estejamos constantemente em vigília e atenção, para estarmos sempre sobre a própria autenticidade de si mesmo e não atuando convenções ou intenções de outros.

A primeira coisa substancial que compreendi foi exatamente esta: a consciência do pesquisador, do cientista, assim como a dos homens em geral não se reflete de maneira exata. Constantemente o ser humano é de uma maneira, mas crê, pensa e reflete de outra (MENEGETTI, 1993, p. 9).

Quando decidimos com base em nossa intencionalidade de consciência e/ou mediante as reações orgânicas que sentimos, e se esta decisão é voluntária e consciente e está em acordo com a intencionalidade de natureza daquele momento, temos o ganho, o acerto, a satisfação e o bem-estar, o sucesso, a realização, o prazer, a alegria. Do contrário, se erramos, se escolhemos em base à intencionalidade de nossos estereótipos e complexos, mesmo que inconscientemente, produzimos, muitas vezes, o erro para nós mesmos, a angústia, a dor – sendo estes também sintomas dessas escolhas, bem como a tristeza, a desilusão, o erro econômico, a doença.

Nosso corpo pode ler o corpo do outro se estamos em reversibilidade com nossa realidade ôntica. Temos esta possibilidade de ler o outro através de nós mesmos, o que seria a leitura de campo semântico na prática cotidiana. O contrário também é possível.

Temos, infelizmente, também a possibilidade de produzir doença no corpo, quer seja um tumor ou uma alergia, a psique faz *soma*⁵.

O corpo humano é um radar de conhecimento, um instrumento de percepção sensório-visceral. Uma correlação interessante de se fazer e com a natureza no sentido de biologia: a natureza, quando de acordo com as estações, o clima, vento, chuva, usa tudo que a terra dispõe, fazendo uma seleção daquilo que lhe serve em acordo com sua identidade e funcionalidade. A natureza exerce seu projeto até a última folha ou fruto. Nós, seres humanos, como fazemos na vida, como enfrentamos nossos problemas? “O nosso corpo é uma máquina extraordinária, mas na maioria das vezes é tratado com muita superficialidade sem nos darmos conta de suas capacidades” (MENEGETTI, 2007, p. 241).

3 Metodologia

A metodologia adotada neste artigo é a de revisão bibliográfica e estudo teórico. Pesquisamos, a partir das disciplinas estudadas ao longo dos módulos do curso de Bacharelado em Ontopsicologia, e em especial neste terceiro módulo, os conceitos fundamentais da Ontopsicologia, em específico as obras de seu fundador, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti.

No que se refere à teoria da personalidade e da teoria organísmica, pouca literatura foi produzida relacionando estes dois aspectos. Diferentemente, a partir da obra de Meneghetti muito se esclareceu sobre o assunto. Ainda mais, neste trabalho, foram investigadas as diferentes contribuições científicas sobre o referido tema em livros, periódicos, teses e busca na *web*, fazendo com que ele tivesse o embasamento teórico necessário para a compreensão por parte do leitor do conceito e teses dos respectivos autores.

4 Discussão e Resultados

Verificamos, a partir dos argumentos abordados, que é necessário recuperar, trazer de volta, voltar à posse de si mesmo. Somente com o rigor e a determinação de medidas precisas, poderemos ter o ponto, a precisão dos acontecimentos. A natureza tem na sua

⁵ *Soma* ou somatização é a fenomenização de determinados efeitos de causas psíquicas.

base uma lei fundamental e nós, seres humanos, somos postos, lançados por esta ação da vida, portanto, não podemos deixar de observar, seguir e manter coerência com esta lei. Esse critério fundamental da natureza, o Em Si do homem (ou Em Si ôntico), possui uma ordem apriórica e categórica de qualquer humano. Este princípio dá a base de todo conhecimento organísmico, o conhecimento que temos ao nascer. Uma criança não vê, não ouve, não fala, mas sente, sente tudo ao seu redor, através do seu corpo sabe selecionar o que é para ela e o que é contra ela. É como uma célula: se aceita algo impróprio à sua estrutura originária, ou seja, que contraria a sua natureza originária, dá início à doença. O homem adulto perdeu este tipo de conhecimento natural, isto devido à sua educação, aos estereótipos, aos memes, etc. Ao contrário disso, é necessária a recuperação dessa percepção, do conhecimento organísmico no ser humano.

Por que precisamos deste conhecimento? Reconhecemos que a nossa consciência é póstuma, ou seja, colhe a si mesma depois do fato de existir, não antes. Temos um inconsciente que age, pulsa, informa, e não temos consciência dele. Com isso, esse inconsciente, com suas estruturas desviantes como descrevemos anteriormente, a exemplo o monitor de deflexão, fixa a vida do homem em seguimento do falso, de uma cópia e nunca seu original, mas um meme, um clone, não considerando que existe um princípio ordenante, ou seja, o Em Si ôntico.

De acordo com Meneghetti (2012), no nosso corpo há uma mente que organiza a existência do todo e das singulares partes, portanto se quisermos ser sérios e nos realizarmos, devemos partir dela, isto é, de nós mesmos, de onde somos reais, de onde existimos: Em Si ôntico.

5 Considerações Finais

Como se pode recuperar a exatidão de natureza? Primeiramente, vamos à etimologia conceitual: *recuperar* significa trazer de volta, retornar, readquirir, restabelecer-se, recobrar-se, restaurar-se, voltar à posse de algo; *exatidão* se refere a rigor de determinação, de medida, peso, valor. Já *natureza*, conceito mais relevante ao nosso estudo, do - *lat.*: *quod oritur ex nato* – significa, aquilo que a mente aciona. O produto da mente é natureza. O que surge por nascimento (MENEGETTI, 2012).

Quando a natureza posiciona o ato, cria uma estrutura. Por consequência, dá uma direção, um endereço. A partir do momento em que se existe, seja uma natureza global ou

individuada, há um fim, escolhido pelo pressuposto da vetorialidade. Este critério não é subjetivo enquanto é anterior a qualquer subjetividade.

Ao observar cada um de nós, notamos que no interior do nosso corpo preexiste uma lei, uma intenção: a vida nos predispôs em um determinado modo. Trata-se de uma predisposição química, biológica, fisiológica. Portanto, para compreender essa informação é necessário um homem integral, livre dos estereótipos, complexos e da ação dos memes. Ou seja: “o homem verdadeiro é aquele que possui o Eu lógico-histórico em ação unívoca com o Eu a priori” (MENEGETTI, 2012, p. 109).

Neste sentido, é fundamental a leitura do nosso organísmico, nosso primeiro cérebro, como chama a Ontopsicologia, o cérebro visceral, pois é o único que está livre das influências mêmicas. Esta leitura se dá por meio do campo semântico que consente a cada pessoa fazer uma leitura de si mesmo, do outro, do mundo, das coisas, através das sensações e percepções orgânicas, neuro-orgânicas, imagens e pensamentos que percebemos em nós mesmos. Também é fundamental para uma visão clara sobre o resultado uma compreensão das imagens e da energia que elas contêm, e isto se dá fazendo uma análise das imagens oníricas dos sonhos com a interpretação ontopsicológica.

Enfim, trata-se de um código de leitura, uma inovação do método ontopsicológico, pois ele é feito com base na função orgânica das imagens para o sonhador. Neste sentido, o método ontopsicológico implica numa nova compreensão sobre a realidade da compreensão humana em geral.

Referências

HALL, C.C e LINDZEY, G. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1966.

MENEGETTI, A. *A Psicossomática na ótica Ontopsicologica*. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2005.

MENEGETTI, A. *Campo Semântico*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGETTI, A. *Fisicidade e Ontologia: a relação crítica entre Física Nuclear e Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. *Imagem e Inconsciente*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2010a.

MENEGHETTI, A. *Lições de Leningrado: uma introdução à Ontopsicologia*. Porto Alegre: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 1993.

MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010b.

MENEGHETTI, A. *O Projeto Homem*. Porto Alegre: Ontopsicologica Editrice do Brasil, 1999.

MICHAELIS. *Dicionário Escolar da língua Brasileira*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2002.

PASQUALE, L., *Os Tipos Humanos: A Teoria da Personalidade*. São Paulo: Ed. CopyMarket, 2000.

TOMPKINS, P. e BIRD, C. *A vida secreta das plantas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.



Intencionalidade e Miricismo Cotidiano

Alessandra Heinz

Resumo: A intencionalidade é o ponto que fundamenta a existência como um todo, pois, por ser vetorial, direciona todo o mover-se das individualizações. A maior parte dos seres humanos não tem consciência da intencionalidade de natureza que os constituem e, por tal motivo, não alcançam o pleno de si mesmos no arco da própria existência. A Ontopsicologia tem como proposta a recuperação da consciência do homem em relação ao pleno de si mesmo. Como parte desse processo existe o miricismo cotidiano, entendido como as pequenas ações que levam o ser humano a recuperar a consciência da intencionalidade ôntica.

Palavras-chave: intencionalidade; miricismo cotidiano; Ontopsicologia.

Intentionality and Daily Miricism

Abstract: Intentionality is the point that underlies an existence as a whole, because by being intentional it directs the whole movement of individuals. Most human beings are unaware of the intentionality of nature that constitutes themselves, so they do not reach the fullness of their own no arc of existence. Ontopsychology proposes a recovery of man's consciousness in relation to the fullness of himself. And as part of the process there is Daily Miricism, understood as little actions that, although simple, make all the difference and gradually leads the human being to regain consciousness of ontic intentionality.

Keywords: intentionality; daily miricism; Ontopsychology.

Intencionalidad y Miricismo Cotidiano

Resumen: La intencionalidad es el punto que fundamenta la existencia como un todo, pues por ser vector, dirige todo el moverse de las individuaciones. La mayoría de los seres humanos no tienen conciencia de la intencionalidad de la naturaleza que los constituyen y, por tal motivo, no alcanza el pleno de si mismo en el arco de la propia existencia. La Ontopsicología tiene como propuesta la recuperación de la conciencia del hombre en relación al pleno de si mismo. Como parte de ese proceso, existe el miricismo cotidiano, entendido como las pequeñas acciones que llevan al ser humano a recuperar la conciencia de la intencionalidad ôntica.

Palabras clave: intencionalidad; miricismo cotidiano; Ontopsicología.

1 Introdução

Tudo na existência se constitui através de informações provindas da realidade causal, ôntica. No homem, tal informação é denominada *Em Si ôntico*¹. Trata-se de uma informação que é intencional, ou seja, tem uma direção que é dada pelo ser: *diretividade ôntica*. A Ciência Ontopsicológica apresenta-se como método capaz de conduzir

¹ “Centralidade do ser. Princípio ôntico existencial no homem. Projeto-base de natureza que constitui o ser humano” (MENEGETTI, 2012, p. 84).

novamente o homem à realidade desse projeto, ou seja, “dar eficácia à virtualidade da verdade, isto é, da inseidade do existir” (MENEGETTI, 2015, p. 199).

O homem nasceu para a vida, porém tem experimentado cada vez mais o caos em todos os aspectos da existência e como consequência se distancia do sentido de viver, não sabe de si, não se reconhece, estando cada vez mais cindido da verdadeira identidade de si mesmo. Neste sentido, o homem erra justamente porque está desconectado do próprio projeto de natureza, do real que ele é.

Partindo disso, a delimitação de nosso tema está relacionada ao estudo da intencionalidade como informação ôntica no homem. O problema de pesquisa que se busca elucidar é: como o estilo de vida no miricismo cotidiano se apresenta como solução para dar ao homem o acesso à informação do seu projeto de natureza?

Parte-se da hipótese de que o homem perdeu a capacidade de conhecer o seu próprio íntimo e desconhece que o verdadeiro conhecimento é originário do seu próprio ser. Isso implica na necessidade de resgatar o modo de ter acesso à informação já intencionada pela vida no homem.

Buscamos assim evidenciar a importância do estilo de vida dentro do miricismo cotidiano com atitudes fundamentais para recuperar a evidência da intencionalidade da vida para que o homem possa agir de modo coerente com o seu projeto de natureza. O objetivo específico é traçar um estudo teórico breve sobre a intencionalidade e seus tipos em relação à realidade humana. Assim sendo, este estudo justifica-se ao tratar de um tema atual, em um contexto em que cada vez mais a identidade humana vem sendo deteriorada por informações e comportamentos de massa, perdendo, portanto, a ética da própria identidade.

Neste trabalho, no presente momento, será realizado um estudo teórico acerca dos principais constructos teóricos apresentados acima.

2 Fundamentação Teórica

2.1 O valor do homem enquanto intencionalidade do ser

Os adjetivos que qualificam o homem na sociedade usualmente passam por definições de raça, de sexo, de religião, de posições sociais, etc. Entretanto, é necessário

considerar que no interno de cada pessoa há um ponto imaculado, que não cabe no tempo e no espaço histórico onde se vive: “naquele ponto, cada homem, existe como presença eterna” (MENEGETTI, 2003, p. 26).

O homem quando é posto na existência se encontra determinado por categóricas exigências que escapam à sua vontade: não pode escolher seu corpo, seu sexo, nasce já pronto de um modo, portanto, previamente constituído. Por isso Meneghetti (2015) afirma que a liberdade do homem é relativa, porque este deve partir sempre do ato que o constituiu daquele modo e não de outro. Caso o homem viva de acordo com este projeto, a ele é consentido felicidade e realização. Há, portanto, “uma proposta por parte do ser para o homem” (MENEGETTI, 2003, p. 27), lhe sendo possível realizá-la de muitas formas.

Tal presença organizada em cada ser humano é denominada, pela Ciência Ontopsicológica, de Em Si ôntico (MENEGETTI, 2015, p 37). Trata-se da identidade específica de cada pessoa, o Em Si ôntico é o projeto de natureza que constitui o ser humano. É a partir dessa identidade que é possível reconhecer como o ser faz presença, como se mostra, como se individua em cada específica existência.

O projeto base de natureza do homem, o Em Si ôntico, é uma “informação intencional”, ou seja, tem uma direção, uma vetorialidade que é especificada de acordo com esse projeto, e que serve como parâmetro para o homem estabelecer suas ações no mundo: “a intencionalidade de natureza é o projeto escrito nos nossos instintos” (MENEGETTI, 2013, p. 145). Isto é, essa intencionalidade de natureza comanda uma ordem de vida com precisas leis, que não estão vinculadas a qualquer cultura, lei, moral, religião, filosofia, etc. Estar de acordo com as leis da intencionalidade do projeto significa viver a evolução e o bem-estar, do contrário, tem-se a angústia e a dor (MENEGETTI, 2013).

O homem, portanto, mesmo que exista apenas num instante do universo, é um momento do ser, ou seja, a presença do homem é, porque o ser é: “Eu sou, eu existo, eu penso, o ser é. O que motiva, que causa, que fenomeniza o instante da minha existência é a idêntica realidade que motiva o ser” (MENEGETTI, 2015, p. 29). Isso significa que cada ser humano tem seu valor na existência, porque foi escolhido, foi desejado, foi colocado no mundo para que o ser exista através de cada um: “o ser se quer totalmente em nós lá onde existimos” (ibid., p. 31).

No homem, a intencionalidade de natureza é a constante H, que se trata de um valor que distingue e especifica o humano das outras formas de fenomenologia e de existir:

A constante H é um modo de síntese da vida, pela qual eu colho o universo segundo a virtualidade da minha constante. Tudo o que está fora da virtualidade da minha fórmula base não existe, é nada para mim (MENEGETTI, 2002, p. 65).

Das muitas fenomenologias do ser, a constante H representa o modo humano, especificado, de compreender a ordem a qual ele está estabelecido. Reconhecimento e ação acontecem num propósito positivo quando operadas pela consciência ôntica de ser pertencente ao ser. Dadas estas premissas, a seguir aborda-se como se dá a ação do homem na existência.

2.2 A ação do homem na existência

Não obstante a intencionalidade de natureza, quem conduz o homem na existência é o Eu lógico-histórico. Esse Eu é determinado por três instâncias: a) tecido orgânico ou código genético; b) imediatismo de interação corpo-ambiente; c) incidência diretiva organizada do social (MENEGETTI, 2010, p. 255).

Quando Meneghetti (2010) aborda a questão do Eu, o entende como uma estrutura com capacidade de fazer a mediação da realidade externa com o organismo: “o Eu é aquela estrutura que nasce no momento em que o organismo seleciona o ambiente para si” (2010, p. 256). Esse processo de individuação inicia com o corpo, que, através do instinto de posse, busca sanar as exigências do seu organismo (fome, sede, frio, sono, etc.), ou seja: “o instinto de posse é a primeira fenomenologia da existência individuada e lhe garante a conservação e expansão” (MENEGETTI, 2010, p. 256).

É a partir da incidência diretiva e organizada do social que o Eu da criança será constituído, ou seja, o Eu estará à mercê da vetorialidade presente na família na qual está inserido, estando sujeito a sofrer o tipo de organização mental ali presente. Assim, o Eu é resultado de “um precipitado do social ambiental” (MENEGETTI, 2010, p. 256), ou seja, a consciência será muito mais um resultado de um processo social do que da sua própria natureza.

Essa situação decorre devido à inserção do mecanismo psicoplástico do monitor de deflexão, o qual insere um traçado mnéstico preferencial que determina um precipitado, constituindo o complexo dominante (MENEGHETTI, 2010). Por isso, após esse evento, a percepção de mundo do sujeito será sempre filtrada pelo modo dessa interferência, ou seja, no momento decisório da *intencionalidade do Eu*, que deveria ser a projeção e reflexo da *intencionalidade de natureza*, irá antecipar-se a *intencionalidade do complexo*, a qual será reforçada pela *intencionalidade sócio-ambiental* (MENEGHETTI, 2012, p. 141). Com essa situação não se constrói um Eu Lógico-Histórico, mas um eu fictício:

O problema do Eu não é de fácil análise e resolução. As razões são múltiplas, mas creio que é fundamental: a enorme frequência de um Eu fictício. Esse se dá na maioria dos indivíduos existentes, incluindo muitos estudiosos. Enquanto um Eu não é autêntico, não pode reportar-se à forma em si do que é Eu (MENEGHETTI, 2010, p. 260).

Uma vez que o sujeito não consegue mais ter acesso à leitura da sua identidade de natureza, faz-se necessário encontrar uma estratégia que permita a recuperação das informações que sejam congruentes segundo as premissas do Em Si ôntico.

2.3 A solução de pessoa

A Ciência Ontopsicológica propõe como alternativa a *metanoia*, que significa mudança de mente, que estaria relacionada à adoção de novos modelos mentais e comportamentais, os quais resultariam no desinvestimento progressivo do passado em direção às ações conformes aquelas selecionadas pelo Eu a priori (MENEGHETTI, 2012, p. 172).

Mas as mudanças desses comportamentos devem seguir as diretivas da intencionalidade de natureza, o critério deve sempre se originar na informação do Em Si ôntico, as quais são possíveis de serem evidenciadas pela leitura onírica e individuadas pelos resultados internos e externos do sujeito (MENEGHETTI, 2010, p. 277).

As mudanças comportamentais irão promover modificações estruturais nas conexões entre os neurônios, o que permite a plasticidade neural. Segundo Pozza (2015), “a plasticidade neural consiste num conjunto de modos pelos quais essas modificações são implementadas” (POZZA, 2015, p. 53). Desse modo, a autora defende que com a

metanoia, ao invés do homem ser objetificado pelo mecanismo psicoplástico, ele se torna sujeito. Outro aspecto a ser salientado é que quando o sujeito aplicasse as mudanças de comportamento e agisse conforme ao primeiro código de informação, o traçado mnéstico ficaria com a atenção reduzida.

Ainda mais, a efetividade dessas mudanças deve ser mantida, uma vez que o traçado mnéstico não desaparece, ou seja, se o sujeito voltar a se conduzir de acordo com as imagens do Eu fictício, o mecanismo estará intacto e o traçado se reforça novamente.

A manutenção das mudanças ocorre por meio do miricismo cotidiano através das mudanças em pequenos detalhes do estilo de vida. Isso significa que o homem deve continuamente “pontuar as pequenas coisas e vigiar o habitat de si mesmo. Consegue-se proporcionando o todo em ordem as partes” (MENEGETTI, 2003, p. 239). A perda de si mesmo implica sempre regressão para cada pessoa, nesse sentido, ater-se ao idêntico de si é o apelo principal.

3 Metodologia

A problemática abordada em nossa Pequena Tese exigiu uma pesquisa qualitativa. A mesma desenvolveu-se a partir do estudo direto das obras do fundador da Ontopsicologia, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, que puderam auxiliar na compreensão dos conceitos de intencionalidade e miricismo cotidiano, relacionando-os à sua efetivação a nível estético da vida.

4 Conclusão

A problemática exposta na presente pesquisa em forma de Pequena Tese buscou evidenciar a relação entre intencionalidade, como movimento vindo da realidade ôntica do homem, e o miricismo cotidiano. Isto é, buscou-se elucidar que, através da Ciência Ontopsicológica, o estilo de vida do sujeito, suas escolhas cotidianas, o entorno do seu habitar, do seu trabalho e de suas ações, para que possam angariar a plenitude da vida, ou seja, para que possam dar valor, dignidade e beleza ao todo da vida, necessitam de revisão constantes, isto é, se as partes são boas, também o todo será. Portanto, o miricismo

cotidiano implica em ater-se à intencionalidade vinda do Em Si ôntico, dando ao sujeito congruência ôntica na estética da vida.

Referências

MENEGHETTI, Antonio. *O critério ético do humano*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2002.

MENEGHETTI, Antonio. *O Em Si do Homem*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. *OntoArte: O Em Si da Arte*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. *Ontologia da Percepção*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. *Genoma ôntico*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.



Considerações sobre a aplicação da Ciência Ontopsicológica no Direito

Amauri Paulo Cervo

Resumo: A Ontopsicologia com seu método bilógico surge como uma ciência epistêmica que serve como base para todos os campos do conhecimento. Possibilita a utilização de um critério que segue a própria natureza humana e certifica o conhecimento que é produzido em qualquer ciência. Não é diferente na ciência do Direito, onde o operador pode também se utilizar da metodologia ontopsicológica para qualificar a sua atuação e, conseqüentemente, construir a Ciência Jurídica com base no critério de natureza intrínseco ao homem.

Palavras-chave: Ontopsicologia; Direito; aplicação.

Some brushstrokes on the application of ontopsihological science in law

Abstract: Ontopsychology, with its well-elaborated and scientifically proven method, emerges as an epistemological science that serves as the basis for all fields of knowledge. It allows the use of a criterion that follows human nature itself and certifies the knowledge that is produced in any science. It is not different in the science of law in which the operator can use the ontopsihological methodology to qualify its performance and consequently build legal science based on the criterion of nature intrinsic to man.

Keywords: Ontopsychology; Law; application.

Consideraciones sobre la aplicación de la ciencia ontopsicológica en el derecho

Resumen: La Ontopsicología con su método bien elaborado y científicamente comprobado, surge como una ciencia epistemológica que sirve como base para todos los campos del conocimiento. Posibilita la utilización de un criterio que sigue la propia naturaleza humana y certifica el conocimiento que se produce en cualquier ciencia. No es diferente en la ciencia del Derecho, donde el operador puede también utilizar la metodología ontopsicológica para calificar su actuación y, conseqüentemente, construir la Ciencia Jurídica con base en el criterio de la naturaleza intrínseca al hombre.

Palabras-clave: Ontopsicología; Derecho; aplicación.

1 Introdução

Nas aplicações próprias da Ciência Ontopsicológica descritas pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti no *Manual do Ontopsicologia*¹, em especial nas áreas de intervenção, encontra-se, dentre outras, o Direito. Mas para se chegar a essa fase é necessário, minimamente, tecer algumas considerações sobre o que vem a ser esta nova ciência, quem foi o seu fundador, seu percurso, e a sua gênese. Posteriormente, já tendo considerado os desdobramentos epistemológicos da Ontopsicologia, mostraremos sua implicação no campo da Ciência Jurídica.

¹ MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

2 Fundamentação Teórica

2.1 A Ontopsicologia: seu autor e sua gênese

Alguns passos são necessários para que se possa falar como deve ser o operador da Ciência Jurídica que se utiliza da Ontopsicologia, e em especial de sua visão. Para tanto, é necessário brevemente descrever um pouco a respeito do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, fundador e expressão máxima da Ciência Ontopsicológica, bem como apresentar o que é a Ontopsicologia e a sua ideografia (estrutura científica), com maior enfoque à sua visão, para demonstrar como a ciência Ontopsicológica pode contribuir com o Direito.

Antonio Meneghetti nasceu em Avezzano, na Itália, no ano de 1936, uma pequena cidade da província de Áquila. Com poucos anos de vida enfrentou a turbulência da II Guerra Mundial, que, devido aos constantes ataques, obrigou-o a ter uma vida errante na sua infância, tendo que trabalhar para ajudar a sustentar a família desde os sete anos de idade². Sua formação ocorre no interior da Itália e em Roma, onde se graduou em Biblioteconomia e em Filosofia, sendo posteriormente ordenado sacerdote. Como clérigo, na década de 1970 obtém três Doutorados Clássicos – em Filosofia, Ciências Sociais e Teologia –, sendo-lhe dada a possibilidade de lecionar na Pontifícia Universidade Católica São Tomas de Aquino, em Roma.

Antonio Meneghetti era considerado, conforme descreveu o Pe. Abelardo Lobato Casado, como “um revolucionário do pensamento³”. Posteriormente, sai da Igreja Católica com respeito e gratidão e abre um centro em Roma para a realização de cursos de formação e durante 10 anos dedica-se à atividade clínica, pois “(...) tinha diante de si um campo criativo sobre o qual prosseguir: a Ontopsicologia”, como afirmou o Padre Lobato (apud BERNARBEI; ZOPPALATO⁴). Na atividade clínica confirma os pressupostos da nova ciência que havia descoberto. Nesta extensa e produtiva realização acadêmica escreve mais de 50 livros, dos quais muitos já traduzidos em diversas línguas.

² Relato do mesmo conforme MENEGHETTI, A. A autóctise histórica. In: *Os jovens e a Ética ôntica*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013, pp. 29-38.

³ Esta citação do Padre Lobato se encontra no ANTONIO MENEGHETTI: Antonio Meneghetti uma viagem de sucesso. São Paulo: Ontopsicológica Editrice, Ano XXV, *Revista Semestral* n. 2-2007/1-2008, pp. 2-6.

⁴ Ver BERNARBEI, Pamela de; ZOPPOLATO, Andrea. In: *Revista Semestral* n. 2-2007/1-2008.

A Ciência Ontopsicológica tem por base três descobertas, a saber, o *campo semântico*, o *monitor de deflexão* e o *Em Si óptico*. Como afirma seu próprio fundador, esta ciência é interdisciplinar⁵, através da própria metodologia se coloca a serviço das outras. Pelas próprias palavras, Meneghetti (2006, p. 7) afirma que: “(...) é uma ciência que justifica a própria diversidade das outras ciências com base em algumas inovações prioritárias e exclusivas. Esta de fato descobriu três realidades cardinais para compreender a existência humana, sobre as quais funda toda a própria teoria e práxis”.

O campo semântico é uma destas realidades cardinais descobertas pelo autor e por ele esclarecidas em diversos livros. Elucida que é “a transferência de uma informação de um campo a outro” (MENEGHETTI, 2005a, p. 13), e também afirma que “(...) é um transdutor de informação sem deslocamento de energia. (...) não transfere energia, mas está com energia” (MENEGHETTI, 2006, p. 109). O campo semântico pode ser registrado em diversas formas e modos, de acordo com o autor. Entre eles, o mais rápido seria o sonho⁶, mas pode ser através das linguagens proxêmica⁷, cinésica⁸ e fisionômica⁹.

Outra realidade cardinal é o *monitor de deflexão*, também denominado por Meneghetti (2011) de *grelha de deformação*, que faz com que o ser humano não consiga possuir a exatidão da própria vida, desta forma não alcançando a sua própria função vital. Assegura que:

Cada um de nós tem um monitor de deflexão próprio, que é inserido na primeira infância como uma placa-mãe, porém é uma *placa-mãe especular*. Não é um aparelho, mas uma projeção inserida no cérebro humano com o procedimento idêntico ao da realização de uma imagem holográfica, por isso, se fizermos a análise do nosso cérebro, não a encontraremos. Porém, a vemos operante tão logo o sujeito se encontre em uma ação do próprio sistema psíquico. Eu defino tal placa-mãe holográfica, que é inserida na infância, *matriz reflexa*. “Matriz” porque a partir dessa placa mãe determina-se e programa-se toda vida do indivíduo: seria o denominado destino (MENEGHETTI, 2011, p. 50).

Como descreve o autor, esta *grelha de deformação* é uma projeção inserida na primeira infância em cada ser humano. Também, “é um complexo psicodélico fixo que, do

⁵ Ver MENEGHETTI, A. *O residense Ontopsicológico*. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editrice, 2005.

⁶ MENEGHETTI, A. et al. *Atos do Congresso Business Intuition 2004*. São Paulo: Foil, 2007. p. 56.

⁷ Proxêmica = estudo da utilização do espaço, principalmente pelo ser humano. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/prox%C3%A9mica>. Acesso em: 06-abr-2017. Para melhor se aprofundar sobre o assunto ler PEASE, A. Os invasores de espaço. In: _____. *Desvendando os segredos da linguagem corporal*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005. p. 125-136.

⁸ Cinésica: significado dos gestos e atitudes do Homem, conforme WEIL, P.; TOMPAKOW, R. *O corpo fala*. Petrópolis: Vozes, 1986.

⁹ Significado de fisionômica. O que é fisionômica: Relativo à fisionomia, conjunto de traços do rosto. Disponível em: [www.dicionarioinformal.com.br/fisionômica](http://www.dicionarioinformal.com.br/fision%C3%B4mica). Acesso em: 06 abr 2017.

próprio formal estático, observa e controla e, depois, dirige as intervenções decisórias em relação ao inteiro organísmico” (MENEGETTI, 2006a, p. 189). Destaca também que esta grelha atua, isto é, entra em ação nas grandes passagens da vida do humano e permanece indiferente nas emoções mais baixas. Nas ações em que interfere, o estímulo chega ao cérebro como “proibido”, “perigoso”, “mau”, como erro. As informações chegam à consciência passando pelo filtro que as deforma, ou cancela, por isso não chega à percepção do Eu.

Neste sentido, demonstra e ensina Meneghetti (2006, p. 61): “quando um homem faz a análise de um projeto, de uma política, de um comportamento, não vê tudo, mas faz a anamnese total. Alguns pontos são perdidos, e são os mais importantes”. O monitor de deflexão intercepta as realidades que podem levar o homem a ter e ser consciência total de seu mundo, e atua de forma tão consistente que quando não consegue bloquear o “objeto proibido”, ele reporta a consciência como perigo, medo, coisa proibida, fazendo-o viver no medo e na dúvida. Outro tópico a respeito de monitor de deflexão é que ele, conforme Meneghetti (2007, p. 42), “é um constante repetidor, (...) algo que se formou historicamente através da sociedade, sistemas etc. Esse terceiro estranho fornece uma informação não centrada para o utilitarismo funcional da pessoa”.

Assegura Meneghetti (2011, p. 58) que “para nós termos o conhecimento exato, devemos saltar a consciência e chegar à percepção direta do organísmico, depois disso, gradualmente podemos desarranjar ou neutralizar a grelha de deformação”.

O terceiro ponto cardinal é o *Em Si ôntico*, que é considerado como o critério e o fulcro de toda a Ciência Ontopsicológica¹⁰, que possui como sinônimos: “pensamento”, “mente”, “alma”, “espírito”, “inteligência”. Como escreve Meneghetti (2006, p. 49), “é o primeiro real que me faz ser e me identifica”. Sendo que cada pessoa é única e irrepitível. Cada ser humano possui suas próprias características que o tornam único e, fazendo uma relação e exemplo com o campo da botânica, Meneghetti (2010, p. 150) afirma que a “exemplo das sementes cada um deve compreender a própria diversidade: de semente (Em Si ôntico) somos todos iguais, porém, de fato, nenhum é igual ao outro”.

O Em Si ôntico possui quinze características assim descritas por Meneghetti (2010): 1) *Inseico*, 2) *Holístico-dinâmico*, 3) *Utilitarista-funcional*, 4) *Virtual*, 5)

¹⁰ Para mais informações: MENEGETTI, A. As três descobertas: O Em Si ôntico. In: *Nova Fronda virescit: introdução à Ontopsicologia para jovens*. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editrice, 2006, p. 47-56. Bem como em MENEGETTI, A. As três descobertas. In: *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Ed., 2010 p. 145-168.

Econômico-Hierárquico, 6) Vencedor, 7) Alegre, 8) Criativo, 9) Espiritual ou transcendente, 10) Agente no interior de um universo semântico, 11) Mediânico entre o ser e a existência histórica, 12) Histórico, 13) Estético, 14) Volitivo-Intencional, 15) Santo. Como esclarece o autor¹¹, colhendo uma delas, todas as outras estão implícitas. E o Em Si ôntico concretiza-se como identidade utilitarista e funcional.

2.2 A Ideografia¹² da Ontopsicologia

A ideografia e/ou a estrutura científica da Ontopsicologia contempla o objeto de estudo, o método bilógico, o fim, a demonstração, as descobertas, o critério, a visão, a dinâmica, os instrumentos, destacando os instrumentos de análise (diagnose), os instrumentos de intervenção e as aplicações da Ontopsicologia.

O objeto de estudo da Ciência Ontopsicológica é a atividade psíquica. “É o ponto através do qual o homem pensa, quer, existe, mas não pode objetivar, nem mesmo nos seus processos racionais. É transcendente, invisível e revela-se somente pelos efeitos” (MENEGHETTI, 2010 p. 131). A definição de atividade psíquica, conforme o Dicionário de Ontopsicologia é:

A ação-base das modalidades do pensamento e da motivação do existir homem, até a exteriorização somática (o corpo é palavra, o psíquico é sentido). "Realidade" psíquica (inconsciente, pulsões, associações, transposições oníricas, alucinações, visões etc.) deve ser entendida com a mesma concretude com a qual um físico concebe a matéria. É um mundo subjetivo operável como: a) intencionalidade em antecipação a qualquer fenomenologia; b) pensamento ou ato já formalizado; c) razão ou vontade consciente; d) via fantasiosa, artística, onírica (MENEGHETTI, 2012, p. 26).

O método da Ciência Ontopsicológica é chamado método bilógico, pois ele é um “processo racional indutivo-dedutivo com novidade dos princípios complementares de campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão” (MENEGHETTI, 2010). Bilógico porque de duas formas diferentes e complementares a lógica “caminha”, isto é, uma lógica indutivo-dedutiva, que é a lógica racional desde Aristóteles, o modo racional do proceder humano de pensamento e a lógica intuitiva, dada pela possibilidade da análise cruzada a partir das informações provenientes das três descobertas científicas da Ontopsicologia.

¹¹ Ver MENEGHETTI, A. As três descobertas: O Em Si ôntico. In: *Nova Fronda virescit: introdução à Ontopsicologia para jovens*. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editrice, 2006, p. 56.

¹² Ideografia: representação direta das ideias por sinais gráficos que são a imagem figurada do objeto. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ideografia/> Acesso em: 06 de abril de 2017.

O método indutivo é o que permite chegar a regras gerais partindo-se de fatos particulares. “Assim, podemos dizer que o raciocínio indutivo é um argumento no qual a conclusão tem uma abrangência maior que as premissas” (CERVO, 2016, p. 86). Já o método dedutivo parte de elementos universais já demonstrados para particulares iguais aos estudados e deduz-se que respondem às mesmas regras.

A lógica “científica” “é o que é acreditado pela academia, pela universidade, pela cultura, já a lógica “intuitiva” refere-se a tudo o que não é reconhecido pela ciência tradicional” (MENEGHETTI, 2010, p. 132). Para conhecer o homem, deve-se usar a intuição, e o método bilógico, isto é, utiliza também o critério organísmico também com o campo semântico. Para isto é necessário que:

A metodologia se expõe principalmente sobre três preparações por parte do operador: a) *bagagem de conhecimentos sobre a teoria ontopsicológica*; b) *autenticidade da pessoa* (o operador deve ser exato, portanto fazer metanoia, e isso significa distanciar-se da fixidez dos estereótipos sociais, não ser mais ator do sistema e ter uma lógica exata); c) *conhecimento do campo semântico*. O campo semântico é válido somente na pessoa que tem a bagagem cognoscitiva da Ontopsicologia e fez metanoia. Esses três aspectos devem estar presentes sempre conjuntamente (MENEGHETTI, 2010, p. 134).

Como salienta o autor, tanto o conhecimento da teoria ontopsicológica como a autenticidade do operador e o conhecimento do campo semântico devem estar sempre presentes para que o técnico ontopsicólogo possa utilizar e aplicar corretamente e sem distorções o método bilógico.

Evidencia-se que: “o fim¹³ da Ontopsicologia é reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico para consentir a realização” (MENEGHETTI, 2010, p. 134).

As *descobertas* científicas da Ontopsicologia, provenientes de todos os anos de experimentação em prática clínica bem sucedida, são o Em Si ôntico, o Campo Semântico e o Monitor de Deflexão, já descritos anteriormente.

Demonstração: encontra-se através do resultado a ser alcançado, que são a sanidade funcional e a realização, com o desaparecimento do problema ou sintoma e a funcionalidade integral do indivíduo.

Critério: O Em Si ôntico conforme as 15 fenomenologias¹⁴ já descritas, entre as quais presentes ao menos a identidade, o utilitarismo e a funcionalidade. “O homem

¹³ “Fim” no sentido de “finalidade”, “escopo”.

¹⁴ 15 fenomenologias é sinônimo de 15 características (do Em Si ôntico).

escolhe, com base na sua identidade, o que é útil para a funcionalidade de sua individualidade histórica” (MENEGETTI, 2010, p. 136).

Visão: o homem protagonista responsável, baseado em uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser (MENEGETTI, 2010).

Dinâmica: de acordo com Meneghetti (2010, p. 138), “no homem podem ser verificadas duas dinâmicas, uma prevista pela lógica da natureza, da vida, e outra devida ao efeito desorganizador do monitor de deflexão. a) saúde para a criatividade; (...) b) Esquizofrenia existencial (...)”. A primeira é o resultado baseado na relação do Em Si ôntico, Eu a priori e o Eu lógico-histórico, que reflete em sanidade, em crescimento. A segunda é o resultado da dinâmica de relação entre o monitor de deflexão, a matriz reflexa, os complexos, os estereótipos, os memes e o Eu lógico-histórico, em que o homem experimenta a perda, a frustração, a patologia.

Os *instrumentos* são os de análise (diagnose) e os de intervenção. Instrumentos de análise (diagnose) são: *anamnese linguística e biografia histórica; análise do sintoma ou problema; análise fisiognômico-cinésico-proxêmica; sonho (análise onírica); campo semântico; resultado*. Em relação a isso, “de tais instrumentos, os três primeiros são utilizados também na ciência tradicional. A Ontopsicologia une a esses, os outros três aspectos: o campo semântico, o resultado e o sonho” (MENEGETTI, 2010, p. 140).

Quanto ao campo semântico, como já foi esclarecido acima, quanto ao resultado, torna-se possível verificar se há evolução imediatamente ao pôr em prática as orientações que lhe são passadas. Com relação ao sonho, o mesmo representa o critério do Em Si ôntico que “(...) é um pintor universal e se interessa sempre pela própria identidade, o resto é relativo. Dentro do sonho é necessário selecionar a passagem técnica da atividade psíquica, o que esta agindo na hipófise, no dinheiro, no casamento (...)” (MENEGETTI, 2010, p. 141). Ainda mais, “(...) o primeiro mestre do indivíduo é o seu sonho e eu mesmo frequentemente digo esta frase: ‘Eu ensino a você aquilo que aprendo de você’, não tenho outra verdade” (MENEGETTI, 2006a p. 73).

Instrumentos de Intervenção são: psicoterapia individual e de grupo; consultoria de autenticação; consultoria empresarial; imagogia; cinelogia; psicotea; melolística, melodance, hidromúsica solar; residence; Isomaster. Aplicações em áreas de intervenção humanista-profissionais destacam-se os campos da: Psicossomática; Pedagogia; Psicologia do líder; OntoArte; Estética; Ética; Direito; Metafísica existencial.

2.3 Aplicação da Ciência Ontopsicológica na Ciência Jurídica

Como se nota, na Ideografia da Ontopsicologia, descrita no segundo capítulo do *Manual do Ontopsicologia*, uma de suas áreas de intervenção é o Direito, a Ciência Jurídica. Mas qual é o critério a ser adotado? Para o nosso autor, “(...) este critério ôntico é identificável facilmente, a partir do momento em que, há décadas a Escola Ontopsicológica iniciou uma ordenada metodologia da qual qualquer operador do direito pode usufruir” (MENEGETTI, 2004, p. 185). Afirma ainda que a objetivação da funcionalidade do direito se aplica numa dupla perspectiva: “aplicação metanoica *in vivo* no sujeito global e projeção na área de ação legislativa e jurídica” (MENEGETTI, 2002, p. 165).

O autor, de forma muito clara, pondera que existem perigos de resistência que se dão de duas formas, isto é, através do monitor de deflexão e os desvios do Eu através dos papéis educativos ajustados como estereótipos de personalidade. Mostra como a saída encontra-se na autopóiese¹⁵ ôntico-humanista, mas esclarece que na realidade “de fato, todos estamos imersos em uma autopóiese dóxica. A doxa (opinião) é a lógica da ação de um número de sujeitos que prevalece com base na quantidade de violência física” (MENEGETTI, 2004, p. 186). Por fim, é importante considerar que: “O Em Si ôntico não ensina o direito, mas coloca o homem capaz de direito a funcionar mentalmente e a produzir estruturas que possam dar lugar a uma sociedade de qualquer modo melhorada” (MENEGETTI, 2004, p. 177).

3 Considerações Finais

A Ciência Ontopsicológica, conforme demonstrado, é uma ciência que foi construída tendo por base suas três descobertas científicas, Em Si ôntico, o campo semântico e monitor de deflexão. Possui uma ideografia/estrutura científica que contempla como uma de suas áreas de aplicação o Direito. Para que isto possa ocorrer é necessário que o operador da ciência jurídica tenha alicerçado uma bagagem de conhecimentos teórico-práticos sobre a Ontopsicologia; também deve fazer a metanoia e ter um amplo

¹⁵ Autopoiese é uma expressão que vem do grego auto “próprio” e poiesis “criação”. Surgiu inicialmente com a ciência da biologia, servindo para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios. Definição Jurídica: é a ideia de um sistema jurídico fechado e autossuficiente, ou seja, que não sofre a influência de outros sistemas ou subsistemas, sendo capaz solucionar sozinho os conflitos que forem desencadeados em seu interior. Disponível em: www.dicionarioinformal.com.br/autopoiese/. Acesso em: 09 abr 2017.

conhecimento da área em que vai atuar. Pois, para conseguir o seu intento, o operador da Ciência Jurídica deve fazer com que o seu Eu lógico-histórico reflita o seu Em Si ôntico em situação histórica, apoiando-se na autopoiese ôntico humanista.

Referências

BERNARBEI, P; ZOPPOLATO, A. In: *Nuova Ontopsicologia*. Revista Semestral n. 2-2007/1 -2008.

CERVO, A. Algumas considerações sobre a lógica. In: *Saber Humano*. Disponível em: <<https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/105>>. Acesso em: 05 abr 2016.

MENGHETTI, Antonio. et all. *Atos do Congresso Business Intuition 2004*. São Paulo: Foil, 2007.

MENEGHETTI, Antonio. *Campo Semântico*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005.

MENEGHETTI, Antonio. *Imagem e alfabeto da energia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2006a.

MENEGHETTI, Antonio. *Nova Fronda virescit: introdução à Ontopsicologia para jovens*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2006b.

MENEGHETTI, Antonio. *O critério Ético do Humano*. Porto Alegre: Ontopsicológica Editrice, 2002.

MENEGHETTI, Antonio. *O Em Si do homem*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004.

MENEGHETTI, Antonio. *O projeto homem*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, Antonio. *O residence Ontopsicológico*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005.

MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. *Os jovens e a Ética ôntica*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. Antonio Meneghetti uma viagem de sucesso. São Paulo: Ontopsicológica Editrice, Ano XXV, *Revista Semestral* n. 2-2007/1-2008, p. 2-6.

MENEGHETTI, A. *Sistema e Personalidade*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004.



Homem: eterno aprendiz

Carla Sewald Vieira

Resumo: “*Homem: eterno aprendiz*” é um tema instigante e serve de incentivo a todos aqueles que estão a caminho, em direção a si mesmos, buscando o melhor de si mesmos como pessoas e como profissionais. O objetivo geral desta pesquisa é analisar se o homem é capaz de revisar e corrigir os conhecimentos aprendidos e, como consequência, alcançar a autorrealização. O enfoque foi dado à fase adulta do ser humano, estudando a teoria psicossocial do desenvolvimento da personalidade de Erik Erikson, ciclo vital: estágio adulto, e estudando a Ciência Ontopsicológica no que tange à revisão da consciência por meio da psicoterapia ontopsicológica. A metodologia utilizada foi o estudo teórico com realização de pesquisa bibliográfica. Constatou-se que a revisão da consciência através da psicoterapia ontopsicológica permite ao homem a capacidade de mudança de concepções, eliminando estereótipos e absorvendo aprendizados que fazem referência à sua identidade, implicando assim num caminho de autorrealização e alegria de viver.

Palavras-chave: aprendiz; atividade psíquica; psicoterapia ontopsicológica; autorrealização.

Man: eternal apprentice

Abstract: Man: eternal apprentice is an exciting topic and serves as an incentive to all those who are on the path, towards themselves and seeking the best of themselves. The general objective of this research is to analyze if the man is able to review and correct the knowledge learned and as a consequence to achieve self-realization. The focus was given to the adult stage of the human being, studying the psychosocial theory of personality development by Erik Erikson - life cycle: adult stage and studying the ontopsychological science regarding the correction of consciousness through ontopsychological psychotherapy. The methodology used was the theoretical study through bibliographic research. It was found that the correction of consciousness through ontopsychological psychotherapy allows to man the capacity of change conceptions, eliminating stereotypes and absorbing learning that make reference to his identity, implying in a path of self-realization and joy of living.

Keywords: apprentice; psychic activity; ontopsychological psychotherapy; self-realization.

Hombre: eterno aprendiz

Resumen: Hombre: eterno aprendiz es un tema instigador y sirve de incentivo a todos aquellos que están en camino, hacia si mismos, buscando lo mejor. El objetivo general de esta investigación es analizar si el hombre es capaz de revisar y corregir los conocimientos aprendidos y como consecuencia alcanzar la autorrealización. El enfoque se dio a la fase adulta del ser humano, mediante el estudio de la teoría psicossocial del desarrollo de la personalidad de Erik Erikson - ciclo vital: etapa adulta y estudio de la ciencia ontopsicológica en lo que se refiere a la corrección de la conciencia a través de la psicoterapia ontopsicológica. La metodología utilizada fue el estudio teórico a través de la investigación bibliográfica. Se constató que la corrección de la conciencia a través de la psicoterapia ontopsicológica permite al hombre la capacidad de cambio de concepciones, eliminando estereotipos y absorbiendo aprendizajes que hacen referencia a su identidad, implicando así en un camino de autorrealización y alegría de vivir.

Palabras clave: aprendiz; actividad psíquica; psicoterapia ontopsicológica; la autorrealización.

1 Introdução

A questão do aprendizado já foi tema de nossa segunda *Pequena Tese* e insistirmos na continuação desta abordagem implica ater-se à contínua novidade da vida, expressa nos seus variados modos. Cabe ressaltar que o conceito de aprendizado por nós desenvolvido faz sempre alusão ao aprendizado em sentido pleno e existencial, aquele aprendizado individual e organísmico que coloca o homem em sintonia com o seu Em Si ôntico.

O presente trabalho foi escrito para responder ao objetivo geral que é analisar se o homem é capaz de revisar e corrigir os conhecimentos aprendidos e, como consequência, encontrar uma nova situação que o torne realizado. Os objetivos específicos, por sua vez, são: 1) pesquisar como a Ciência Ontopsicológica analisa o homem, a sua consciência e a sua capacidade de autorrealização e 2) pesquisar a teoria psicossocial do desenvolvimento de Erik Erikson, especificamente quando trata do ciclo vital: estágio adulto.

O foco central da pesquisa será a fase adulta do indivíduo maduro, que possui autonomia e liberdade, mas que ainda está à procura da alegre realização pessoal, e que coincidentemente condiz com a fase que atualmente vivenciamos.

A psicoterapia ontopsicológica e a consultoria de autenticação, instrumentos de intervenção da Ciência Ontopsicológica, serão utilizados como caminho para explicar como o homem aprende a si mesmo e como é possível alcançar a capacidade de ser exato e autorrealizado.

Tratar da capacidade de conhecer do homem é sempre instigante, uma preocupação de filósofos, cientistas, psicólogos, matemáticos, físicos, demonstrando que o tema sobre o conhecimento, sobre como o homem pode compreender a si próprio tem uma relevância interdisciplinar. Pois, se o homem sabe a si próprio como aquilo que é, este homem é resposta a qualquer tipo de ciência.

A presente pesquisa está organizada em três partes. A primeira apresenta a fundamentação teórica, sob o título: “O eterno aprendiz”, na qual a Ciência Ontopsicológica tem presença determinante e uma breve descrição da teoria psicossocial do desenvolvimento de Erik Erikson; a segunda trata da metodologia utilizada para organizar o presente trabalho e, por fim, as considerações finais trazendo uma síntese e hipótese em referência ao objetivo geral indicado inicialmente.

2 O Eterno Aprendiz

O ser humano a partir do momento em que nasce até a sua morte percorre um caminho onde é constantemente convocado a aprender algo novo, para alcançar e vencer uma nova etapa, pois a vida é um eterno *continuum*¹.

A máxima de Heráclito² ilustra bem esta eterna continuidade da vida: *panta rei*³ – tudo escorre. “Basta observar um rio: ainda que, na sua unidade, o rio seja sempre o mesmo, na realidade ele está em dinâmica contínua. De fato, não é possível banhar-se duas vezes na mesma água, dado que a água que constitui o rio jamais é a mesma” (MENEGHETTI, 2010, p. 78).

A cada momento a vida, que é dinâmica, assinala um caminho ótimo a seguir, e o ser humano, que muda continuamente (o corpo muda, a mente muda, a vontade muda, o trabalho muda, as amizades mudam), deve ter a capacidade de ler as informações dadas, momento a momento, pela natureza, e assim refleti-las e atuá-las. Meneghetti (2014) aponta que a vida não dá saltos e tudo aquilo que aconteceu na infância e na adolescência servem para amadurecer a grandiosa fase adulta.

A escola da vida é um ambiente propício para resolver os problemas, tendo como resultado o ganho existencial. Neste sentido, a condição de aprendiz é eterna no ser humano e, conforme Vidor (1996, p. 28), o aprendiz deve ser provocado “a evidência⁴ do que aprende onde (...) o único caminho que leva à evidência é o reencontro consigo mesmo”. Aprendiz pode ser definido como: “aquele que aprende uma arte ou ofício” (HOUAISS, 2001, p. 261).

Não importa a fase da vida que está acontecendo, em todas elas há sempre uma novidade, um ofício, um trabalho que serve de estímulo para aprender-se, atualizar-se, ou melhorar-se. Erik Erikson, destacado psicanalista, desenvolveu a teoria psicossocial do desenvolvimento da personalidade.

Conforme Schultz e Schultz (2015), Erikson dividiu o crescimento da personalidade em oito estágios, ao longo do ciclo da vida, sublinhando a importância das influências biológicas e sociais no desenvolvimento da personalidade.

¹ *Continuum* (latim) – continuamente, seguir sem interrupção (REZENDE, 2014).

² 535 a 475 a.C.

³ πάντα ῥεῖ (grego) – *panta rei* = tudo escorre (MENEGHETTI, 2010, p. 78).

⁴ Evidência do latim *ex. vidente* = o que resulta da experiência daquele que vê. Implica uma exata relação de coincidência entre objeto aberto e o íntimo de quem vê (MENEGHETTI, 2012, p. 111).

Erikson aponta que cada estágio do desenvolvimento passa por uma crise, ou momento de decisão, necessitando sempre de uma mudança de comportamento, e esta resposta à crise pode ser positiva ou negativa. Saliencia também que em cada estágio é um momento para o desenvolvimento de forças básicas, ou virtudes que aparecem na resolução positiva da crise (SCHULTZ e SCHULTZ, 2015).

Os oito estágios do desenvolvimento são:

| Estágio | Idades aproximadas | Formas positivas versus negativas de reagir | Força básica |
|----------------------|---------------------------|--|---------------------|
| Oral sensorial | Nascimento – 1 ano | Confiança versus desconfiança | Esperança |
| Muscular anal | 1 – 3 anos | Autonomia versus dúvida, vergonha | Vontade |
| Locomotor genital | 3 – 5 anos | Iniciativa versus culpa | Objetivo |
| Latência | 6 – 11 anos | Diligência versus inferioridade | Competência |
| Adolescência | 12 – 18 anos | Coesão de identidade versus confusão de papéis | Fidelidade |
| Jovem adulto | 18 – 35 anos | Intimidade versus isolamento | Amor |
| Adulto | 35 – 60 anos | Generatividade versus estagnação | Cuidado |
| Maturidade e velhice | + 60 anos | Integridade do ego versus desespero | Sabedoria |

Quadro dos Estágios de desenvolvimento psicossocial e suas forças básicas In: (SCHULTZ e SCHULTZ, 2015, p. 167).

No estágio adulto (35 a 60 anos), o indivíduo alcançou a maturidade e precisa estar envolvido com a educação e orientação de uma nova geração. Este envolvimento passa pela própria família, mas também pelas instituições públicas governamentais, instituições acadêmicas e empresariais, ou seja, não há uma necessidade de o indivíduo estar na condição de pai e mãe, mas sim na condição de participante de uma sociedade. Neste sentido: “(...) qualquer que seja a organização ou atividade em que estejamos envolvidos, geralmente encontramos uma forma de nos tornarmos mentores, professores ou de guiar os mais jovens para a melhoria da sociedade como um todo” (SCHULTZ E SCHULTZ, 2015, p. 171).

Ainda mais, Erikson descreve que quando os adultos não se preocupam com as próximas gerações, ou com a criação de algo novo, eles podem se tornar pessoas estagnadas, satisfazendo-se de maneira infantil, preocupados somente consigo mesmos. Aparece neste estágio o cuidado como força relevante.

O cuidado é a força básica que surge da preocupação com as próximas gerações na fase adulta; Erikson a definiu como uma preocupação ampla pelos outros e acreditava que se manifestava na necessidade de ensinar, não só para ajudar os outros, mas também para formar a própria identidade (SCHULTZ e SCHULTZ, 2015, p. 171).

Erikson descreve que durante o estágio adulto:

(...) a pessoa estabelece um compromisso de trabalho e talvez comece uma nova família, dedicando tempo e energia a incrementar sua vida sadia e produtiva. A pessoa também pode envolver-se na comunidade e em muitas de suas atividades diversas. (...) A generatividade inclui procriatividade, produtividade e criatividade, portanto, a geração de novos seres, novos produtos e ideias, incluindo uma espécie de autogeração relativa ao desenvolvimento adicional da identidade (ERIKSON, 1994, p. 94/59).

O homem está sempre em interação, em contato com outros indivíduos, pois é um ser social, sendo assim, é fundamental aproveitar sempre as ocasiões de interação para entender algo de si mesmo. Para Meneghetti:

A maturidade do indivíduo forma-se através da inevitável dialética biológica, psicológica e política, através do modo de metabolizar o social. O social é o útero permanente onde o sujeito administra a própria possibilidade, isto é, a própria virtualidade para realizar aquilo do qual é dotado de nascimento (MENEGETTI, 2004, p. 17).

A sociedade é formada por indivíduos e uma sociedade pode ser funcional ou não funcional conforme o nível de conhecimento que estes indivíduos têm de si mesmo. Por isso a importância do homem em se autoconhecer, recuperar o próprio inconsciente para tornar-se instrumento de orientação da própria vida e daqueles que se permitirem serem orientados.

A Ciência Ontopsicológica nasce como pressuposto para responder o problema crítico do conhecimento: o homem é capaz de conhecer? Inicialmente o problema crítico do conhecimento foi abordado na prática clínica, pois “a doença e o sofrimento do homem são a evidência mais tangível da falta ou inexatidão do conhecimento de si mesmo por parte do homem, e da carência de um critério certo de escolha, de ação” (MENEGETTI, 2010, p. 106).

A novidade da Ciência Ontopsicológica reside em suas três descobertas inéditas e exclusivas, que são três princípios utilizados para compreender em base a que o homem constrói sua história, são elas:

- 1) *Em Si ôntico*: “Princípio ôntico e existencial do homem. Projeto-base de natureza que constitui o ser humano. O homem produz autorrealização quando a sua ação é conforme ao próprio Em Si ôntico (...) é a radicalidade da atividade psíquica” (MENEGETTI, 2012, p. 84);
- 2) *Campo semântico*: “Transdução de forma ou informação sem deslocamento de energia. É uma variável da atividade psíquica, é o projeto momentâneo da semovência psíquica” (MENEGETTI, 2012, pp. 38-39);
- 3) *Monitor de deflexão* ou grelha de deformação: “É um dispositivo psicodélico que deforma as projeções do real à imagem” (MENEGETTI, 2010, p. 172).

O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, fundador da Ciência Ontopsicológica, a estruturou cientificamente de modo “que mede o real segundo a função homem” (MENEGETTI, 2010, p. 130). Ela tem um objeto de estudo (atividade psíquica), um método (bilógico: 1) processo racional indutivo e dedutivo; 2) com novidade dos princípios complementares do campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão); e um fim: reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico para consentir a realização.

Trazendo à luz o objeto de estudo desta ciência, a atividade psíquica, é possível dizer que esta ciência “estuda a experiência psicológica humana, individua as causas que a constituem e os elementos que podem resolvê-la” (MENEGETTI, 2010, p. 131).

Por atividade psíquica entende-se o *númeno*, a alma, o si de cada si, o informal que forma cada sucessivo. É o ponto através do qual o homem pensa, quer, existe, mas que não pode objetivar, nem mesmo nos processos racionais. É transcendente, invisível e revela-se somente pelos efeitos. A última redução que podemos fazer da atividade psíquica é potência formalizante (MENEGETTI, 2010, p. 131).

Meneghetti (2002) afirma ainda que a atividade psíquica é o passante, mas é possível vê-lo através de suas pegadas, ou seja, se vê e se compreende somente depois.

Esta ciência também tem seus instrumentos de intervenção⁵, onde a psicoterapia ontopsicológica se ocupa da análise da atividade psíquica, verificando como age, ou seja, verifica onde a psique está intencionando (MENEGHETTI, 2010).

Com este instrumento é possível “ver a atividade psíquica antes que se fenomenize em consciência, em emoção, ou em soma” (MENEGHETTI, 2010, p. 287). E o fim que requer este instrumento “é a autenticação do humano, isto é, a reintegração ou conscientização do original natural em antecipação a qualquer aculturação sucessiva não congruente” (ibid, p. 288).

A importância de fazer psicoterapia ontopsicológica, sendo um instrumento de autenticação e de promoção do homem criativo, é que a mesma possibilita a recuperação da consciência do homem (desestabilização dos estereótipos não funcionais, correção das convicções, ou seja, aprender a reinvestir o quântico energético do complexo de uma nova maneira, isolar a ação do monitor de deflexão), através da recuperação do critério organísmico. Isto é, “mudar o processo reflexivo em coincidência com a elementaridade dos acontecimentos organísmico” (MENEGHETTI, 2015b, p. 93).

Na concepção ontopsicológica, corpo e consciência atuam juntos. Toda mudança no plano da consciência implica numa resposta por parte do todo. Ainda mais:

Organísmico implica a presença do dinamismo vital; é o orgânico em dinâmica unitária, unidade orgânica com presença simultânea de consciência: existo e sei de mim. É uma unitária tomada de consciência em ato orgânico, é a ação de *co-intuir o mover-se do corpo segundo correspondência da intencionalidade psíquica*. O sujeito que recupera o próprio organísmico sabe ser “Eu” em cada parte do próprio corpo (MENEGHETTI, 2005, p. 95).

Com a metanoia, mudança radical de mente e de comportamento, obtida através da psicoterapia, ocorre o reestabelecimento da percepção informática do campo semântico e o sujeito renasce a partir de si mesmo aprendendo que é o único responsável pela construção da sua própria vida e da sociedade.

A linguagem organísmica leva em consideração o corpo, pois a alma, o Em Si ôntico, o ser se faz presença a partir dele. Por isso é necessário aprender o próprio corpo com amor continuamente. Ele é o radar que capta, impacta, traduz todas as informações do holístico ambiental que o homem está inserido (MENEGHETTI, 2014). Neste sentido: “O

⁵ Instrumentos de intervenção da ciência ontopsicológica: 1) psicoterapia individual e de grupo, 2) consultoria de autenticação, 3) consultoria empresarial, 4) imagogia, 5) cinelogia, 6) psicotea, 7) melolística, melodance, hidromúsica solar, 8) residence e 9) Isomaster (MENEGHETTI, 2010, pp. 141-142).

Em Si ôntico fala com linguagem organísmica, usa todo o corpo” (MENEGETTI 2006, p. 82).

O conhecimento é um processo crescente e gradual, ocorrendo uma ampliação da evidência, passando pelo redescobrimto do próprio corpo, pois ele é o mediador entre os demais objetos. Segundo Vidor (sem ano, p. 18), o conhecimento passa “do sensorial ao psíquico, do parcial ao pleno, do concreto ao abstrato, do relativo ao absoluto metafísico”. O problema do organísmico relaciona-se à descoberta do campo semântico, que é justamente um “conhecimento sensório-visceral” sendo definido como:

(...) a comunicação-base que a vida usa no interior de suas individuações; é um transdutor de informação. Transmite uma informação, um código, uma imagem que, quando chega, estrutura em emoção qualquer coisa vivente, comportando uma variante emotiva orgânica; é uma variável da atividade psíquica, é o projeto momentâneo da semovência psíquica (MENEGETTI, 2012, pp. 38-39).

Portanto, para Antonio Meneghetti o campo semântico é uma comunicação da natureza, que acontece entre dois ou mais indivíduos, mas o homem não vê, não colhe, em razão da sua ignorância, da sua incapacidade de leitura por erros na sua consciência e modo de existir. Ainda mais, para saber, compreender o campo semântico se faz necessário:

- 1) Precisar o radar do próprio corpo. Deve-se recuperar a consciência holística do organísmico. Uma vez que atingiu esse nível, jamais deve perdê-lo, deve-se vigiar sempre esta integridade dia e noite, estando sempre atentos às relações emotivo-afetivas com pessoas que podem poluir essa integridade.
- 2) Deve-se cultivar o prazer estético em todos os aspectos da própria vida privada.
- 3) Encontrar o cientista capaz de ensinar a colher o campo semântico: aprende-se o campo semântico do mesmo modo que se aprende a ler e escrever (MENEGETTI, 2010, p. 202).

A capacidade de conhecer se dá a partir da limpeza da consciência, de ter uma consciência flexível, não rígida, capaz de refletir as percepções organísmicas. É fundamental, também, a participação em várias ações do dia-a-dia, o miricismo cotidiano, pois é daí que nascem ações vencedoras ou não, mas que levam o ser humano à autorregeneração, ou seja, ao nascimento de si mesmo.

A participação em uma pluralidade de situações faz autogênese de inteligência e autoliberação dos estereótipos. Operar em muitas realidades dá a capacidade de participar do metabolismo vital. É preciso saber sincronizar-se em muitas dinâmicas, nutrir-se de interações multiparticulares e não da fixidez de si mesmo, a fim de incentivar-se no que é supremo para cada um (MENEGETTI, 2010, p. 249).

A posição de abertura do sujeito que tem como escopo a evolução plena de si deve estar conexas à possibilidade de colher a cada momento e situação aquilo que pode ser crescimento em nível ôntico, isto é, significar o melhor que faz ressonância ao Em Si ôntico.

3 Metodologia

Uma pesquisa, simples ou complexa, sempre envolve a vida do pesquisador, que necessita se entregar à leitura na busca de inspiração, mergulhar nas próprias sombras a fim de iluminar e propiciar conhecimento.

Partindo da concepção de Gil (2010), a pesquisa tem o escopo de responder as indagações propostas pelo pesquisador se utilizando de técnicas científicas e, ainda mais, o sucesso desta pesquisa depende de alguns itens que o pesquisador tem que ter: criatividade, perseverança, paciência, curiosidade, etc.

O método utilizado para o desenvolvimento da presente pesquisa, cujo tema é: “Homem: Eterno Aprendiz”, foi o estudo teórico com pesquisa bibliográfica, especificamente em dois autores: Antonio Meneghetti e Erik Erikson.

O relevante é a compreensão que toda pesquisa é uma viagem sem retorno que leva ao autoconhecimento e a descoberta de que existem várias vias para se locomover na busca do saber.

4 Considerações Finais

A grandiosidade da vida é que ela proporciona ao ser humano a possibilidade da perene aprendizagem e de um novo recomeço. Analisando a teoria psicossocial de desenvolvimento de Erik Erikson e a Ciência Ontopsicológica de Antonio Meneghetti, constatou-se que o indivíduo adulto tem uma responsabilidade ampliada, mais global, mas partindo sempre do nível de conhecimento individual e de uma mudança de comportamento.

Erik Erikson indica que o homem no estágio adulto (maduro, livre e autônomo), participante ativo da sociedade, deve ser um facilitador às novas gerações, ensinando, orientando, trabalhando para que eles se tornem também adultos maduros e responsáveis. Este é um caminho onde se obtém a satisfação pessoal, inclusive.

Cabe ao homem utilizar os próprios dons e habilidades para encontrar as próprias soluções e soluções para alcançar uma sociedade mais humana.

Antonio Meneghetti aponta que para se tornar um homem exato e autorrealizado é necessária uma constante atualização e aprendizagem do organísmico, que se move continuamente, onde a consciência deve estar em constante metanoia.

Dado o momento em que o indivíduo opta em fazer parte da vida e decide pela psicoterapia ontopsicológica, verificou-se que:

- 1) Este instrumento indica que dentro do sujeito existe algo maior, que é o seu Em Si ôntico, seu projeto de natureza e que seguir suas intenções é evolução;
- 2) E que, para sabê-lo, para agir em sintonia com ele (Em Si ôntico) deve-se corrigir a consciência;
- 3) A revisão da consciência facilita o entendimento de que existe, também, um programa deformador (monitor de deflexão) das informações que chegam à consciência. A ação desta *grelha deformadora* precisa ser isolada e que só acontece quando se recupera a exatidão do critério organísmico;
- 4) Assim o indivíduo inicia o percurso para alcançar a exatidão de consciência e a autorrealização, responsabilizando-se pela própria vida e, inclusive, pela sociedade, pelo planeta, enfim, pelo universo.

Tudo na vida é relativo, porque tudo muda constantemente, a única coisa absoluta é o projeto de natureza de cada ser humano: o Em Si ôntico. Por isso que a verificação interna pessoal é constante, pois existe uma novidade a ser atuada a cada momento. Somente o homem maduro, exato, autorrealizado pode ajudar a recuperar a humanidade da sociedade.

Referências

ERIKSON, E. *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisas*. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2010.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MENEGHETTI, Antonio. *Campo Semântico*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro/RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. *Ideografia ontopsicológica*. Conferência proferida na Itália em 17-ago-2002.

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Melolística*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2005.

MENEGHETTI, Antonio. *Nova fronda virescit*. Volume 1. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2006.

MENEGHETTI, Antonio. *Ontologia da Percepção*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. *Pedagogia Ontopsicológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. *Sistema e personalidade*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004.

REZENDE, A. *Dicionário do latim essencial*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SCHULTZ D. P.; SCHULTZ S. E. *Teorias da Personalidade*. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

VIDOR, Alécio. *A Epistemologia Interdisciplinar: o Homem e seu Conhecimento*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, publicação acadêmica, s/d.

VIDOR, Alécio. *A Gênese da Alienação Psicológica e a Ontopsicologia*. Frederico Westphalen: Editora da URI, 1996.



Narrativa Autobiográfica: a escolha ótima mediada pela percepção organísmica¹

Carmen Ivanete D'Agostini Spanhol

Resumo: No presente trabalho apresenta-se uma narrativa autobiográfica que tem por objetivo focar a escolha ótima, mediada pela percepção organísmica da autora-pesquisadora. A tomada de decisão, com base na percepção organísmica, tem seu enfoque teórico na aplicação prática da Ontopsicologia. Os modos de produção do conhecimento também estão respaldados nesse método e na pesquisa de natureza autobiográfica. Para melhor compreensão, apresenta-se a contextualização do fato ou momento de vida do pesquisador, a análise frente à tomada da decisão, bem como os processos da ação e o resultado final. O relato permite dizer que: o estudo autobiográfico rompe com o referencial teórico-metodológico, assentado na suposta objetividade, o que significa a superação da neutralidade do pesquisador. Assim, a utilização do método ontopsicológico, denominado bilógico, representa uma novidade epistemológica no campo da pesquisa, e exige a exatidão subjetiva do pesquisador para conferir objetividade ao conhecimento produzido.

Palavras-chave: narrativa; percepção organísmica; método ontopsicológico.

Autobiographical narrative: the optimal choice measured by organizational perception

Abstract: In the present work an autobiographical narrative is presented whose objective is to focus on the optimal choice, mediated by the organismic perception of the author-researcher. Decision-making, based on organismic perception, has its theoretical focus in the practical application of Ontopsychology. The modes of production of knowledge are also supported by this method and by research of an autobiographical nature. For a better understanding, the contextualization of the fact or life of the researcher, the analysis before the decision making, as well as the action processes and the final result are presented. The report allows to say that: the autobiographical study breaks with the theoretical-methodological reference, based on the supposed objectivity, which means the overcoming of the neutrality of the researcher. Thus, the use of the ontopsychological method, called bilogic, represents the epistemological novelty in the field of research, and requires the subjective accuracy of the researcher to give objectivity to the knowledge produced.

Keywords: narrative; organismic perception; Ontopsychological method.

Narrativa autobiográfica: la elección óptima mediada por la percepción organísmica

Resumen: En el presente trabajo se presenta una narrativa autobiográfica que tiene por objetivo enfocar la elección óptima, mediada por la percepción organísmica de la autora-investigadora. La toma de decisión, basada en la percepción organísmica, tiene su enfoque teórico en la aplicación práctica de la Ontopsicología. Los modos de producción del conocimiento también están respaldados en ese método y en la investigación de naturaleza autobiográfica. Para una mejor comprensión, se presenta la contextualización del hecho o momento de vida del investigador, el análisis frente a la toma de la decisión, así como, los procesos de la acción y el resultado final. El relato permite decir que: el estudio autobiográfico rompe con el referencial teórico-metodológico, asentado en la supuesta objetividad, lo que significa la superación de la

¹ O presente texto em forma de Pequena Tese foi publicado no formato de capítulo de livro disponível em: Ontopsicologia: ciência interdisciplinar – volume III/ Fundação Antonio Meneghetti (Org.) – Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2017, pp. 343-356.

neutralidad del investigador. Así, la utilización del método ontopsicológico, denominado bilógico, representa una novedad epistemológica en el campo de la investigación, y exige la exactitud subjetiva del investigador para conferir objetividad al conocimiento producido.

Palabras clave: narrativa; percepción organísmica; método ontopsicológico.

1 Introdução

Vive-se em um universo informacional e tudo aquilo que circunda o sujeito está em constante interação porque as informações tocam todos os sentidos. Para colher as informações que são úteis e funcionais para a existência deve-se ter a consciência exata. Para tanto, se faz necessária a constante revisão crítica da consciência. É preciso resgatar o núcleo último do íntimo do sujeito para saber o que fazer e atingir a realização.

O presente ensaio/Pequena Tese se refere a uma narrativa autobiográfica, elaborada com o objetivo de colocar em foco a escolha ótima, mediada pela percepção organísmica da autora-pesquisadora. Para cumprir tal escopo, é imprescindível introduzir os argumentos que possibilitam tal mediação: o método ontopsicológico e as premissas de um pesquisador exato.

Por ocasião dos estudos preparatórios para os exames do curso de Pós-Graduação, na Universidade Estatal de São Petersburgo (SPbU), em São Petersburgo-Rússia, a protagonista do fato aqui descrito decidiu estar alguns dias na praia para priorizar os estudos em um ambiente ecobiológico de vitalidade e regeneração do próprio organismo. Naquele local, vivenciou uma experiência organísmica ímpar, motivada por uma cena relativa à pesca da tainha. Justifica-se o emprego da primeira pessoa do singular dos verbos, “eu”, presente na sequência do texto, por ser uma narrativa de vivência pessoal.

A escolha ótima, mediada pela percepção organísmica, foi baseada em um fato ocorrido, em uma tarde, à beira mar. Era outono, e o período era de pesca, mas essa atividade não era uma área de meu conhecimento. Porém, o fato envolveu a decisão de permanecer em frente ao mar, sem saber conscientemente por que queria permanecer ali. Porém, o corpo assinalava que o lugar em que queria estar era, exatamente, aquele. Ao seguir a lógica racional, com a informação advinda da intuição, foi possível vivenciar a pesca de duas toneladas de peixe tainha, exatamente na minha frente.

Na época em que o fato ocorreu, eu iniciava, seriamente, os estudos no Curso de Especialização em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia da Universidade Estatal de São Petersburgo na Rússia, e exercitava a cada instante a aplicação do conhecimento

teórico, na vivência prática. Seguramente, foi uma experiência marcante que só compreendi ao longo do tempo. Por isso, passados mais de 15 anos, ao rememorar esse fato, por meio da escrita, análise e pesquisa, ainda revivo as mesmas emoções.

Atualmente, vivo em um período de renovação da minha vida e dos meus estudos. Um ciclo da minha carreira profissional se concluiu ao me aposentar da Universidade. Assim, busco viver a maior parte do meu tempo, em um local de natureza exuberante e revitalizante, onde estudo e trabalho. Dedico uma parcela do tempo retomando meus estudos e, desse modo, curso uma nova Graduação, o Bacharelado em Ontopsicologia, que tem como objetivo formar técnicos operadores capazes de aplicação do nexu ontológico.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Modos de Produção do Conhecimento

2.1.1 O método ontopsicológico²

O método que se utiliza para fazer ciência, no parâmetro da Ontopsicologia, é o “processo racional indutivo-dedutivo com novidade dos princípios complementares do campo semântico³, Em Si ôntico⁴ e monitor de deflexão⁵” (MENEGETTI, 2010, p. 131). Esse método denomina-se bilógico e ao, utilizá-lo para conhecer o ser humano, cabe ao pesquisador e/ou profissional, aliá-lo aos conhecimentos já previstos na pesquisa científica racional – indução-dedução – às descobertas próprias da Ontopsicologia, por meio das quais é possível identificar o total da individuação humana. Por meio da compreensão da comunicação inconsciente, Meneghetti chega a três descobertas: Campo Semântico (transferência), Em Si ôntico (essência virtual e formal) e Monitor de Deflexão (distorção).

Para Meneghetti (2013, p. 68), “o método ontopsicológico é uma linguagem-base, isto é, um conhecimento que se especifica conforme as adaptações”. Em outra obra, o autor argumenta:

²O conteúdo aqui apresentado compõem, em parte, um item da tese de Doutorado da autora.

³ Campo Semântico: “comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações” (MENEGETTI 2012a, p. 38).

⁴ Em Si ôntico: “é um princípio formal inteligente que faz autóctise histórica” (MENEGETTI, 2010, p. 157). “Projeto-base de natureza que constitui o ser humano” (MENEGETTI 2012a, p. 84).

⁵ Monitor de deflexão: para Meneghetti (2010), o mecanismo do monitor de deflexão instala-se antes da fase egoceptiva, de modo que a síntese do conhecimento será desviada do real, da informação única, ou seja, a informação, ao alcançar o Eu não é mais reflexo único do total perceptivo.

Para mim, é ciência somente quando aquilo que sei, sou; aquilo que sei, faço; aquilo que sou, sei. A possibilidade de intercâmbio entre fazer, ser e saber, em uma circularidade na qual o uno, facetando-se, propõe sempre a unidade, que depois se identifica na unidade da natureza: a unidade de ação do homem singular na unidade de ação do evento vida, de modo tal que o homem seja um coordenado funcional da vida em si no setor que compete ao humano. Não digo que se deva ser onipotente em todas as coisas, mas ao menos o sagaz provedor e construtor da própria pequena existência (MENEGHETTI, 2010, pp. 107-108).

Para a Ontopsicologia, quando se quer compreender o ser humano, é necessário partir do princípio, o qual diz que se precisa usar o ser humano por inteiro. Assim, o método ontopsicológico, para resolver o problema crítico do conhecimento humano, utiliza a “constante indução bilógica com verificação da funcionalidade subjetiva” (MENEGHETTI, 2010, p. 132).

Vidor (2013) explica que, para que o eu consciente esteja em coincidência com os valores da própria vida, inerentes à natureza, a Ontopsicologia propõe o método indutivo-dedutivo e intuitivo. A utilização do método bilógico implica em: usar “a intuição e o raciocínio indutivo-dedutivo, ou seja, une o conhecimento do campo semântico à lógica da razão” (MENEGHETTI, 2010, p. 133). Ao utilizar as duas lógicas, o pesquisador, profissional das diferentes áreas do saber, colhe a intuição, baseado nas linguagens provenientes de: anamnese linguística e biografia histórica, análise do sintoma ou problema, fisionômico-cinésico-proxêmica, sonho⁶, campo semântico e resultado. A partir da intuição inicia-se o processo indutivo e se faz uma diagnose completa. Na sequência, evidenciada a fenomênica da intuição, procede-se ao processo dedutivo.

Em relação aos elementos do método ontopsicológico, o autor escreve:

A intuição é a semântica unidirecional do Em Si, em antecipação ao monitor de deflexão, aos complexos, aos estereótipos culturais e logísticos da sociedade. A *indução* é a pesquisa dos elementos para chegar a exatidão. A *dedução* é a partida de elementos já demonstrados. (...) Para curar, não basta fazer o levantamento da causa da patologia ou do problema (...) *é preciso encontrar a pulsão do Em Si ôntico em situação*. Isso consente uniformar o Eu lógico-histórico do sujeito à sua intencionalidade de natureza (MENEGHETTI 2010, pp. 133- 134).

⁶ “Sonho é o espelho holístico da atividade orgânico funcional do nosso existir” (MENEGHETTI, 2010, p. 296). “O sonho fala documentando a realidade física e histórica do sujeito, ele faz uma análise exata do sonhador de um ponto de vista médico, comportamental e social” (MENEGHETTI, 2012a, p. 252). Para uma compreensão completa do modelo ontopsicológico sobre o sonho consultar o texto “Imagem e Inconsciente” (MENEGHETTI, 2012b).

O uso do método ontopsicológico permite ao pesquisador, em qualquer campo do saber, colocar-se em ausculta das causas primeiras. No entanto, são necessárias três preparações àquele que se propõe a utilizar essa metodologia, bem como, para compreender essa ciência, a qual proporciona resultados de funcionalidade e evolução: 1) conhecimento sobre a teoria ontopsicológica; 2) exatidão do pesquisador, que implica em autenticidade de pessoa, realizada por meio da metanoia⁷ contínua e 3) conhecimento do campo semântico. Eles são elementos imprescindíveis, contemporaneamente (MENEGHETTI, 2010).

Para Wazlawick (2013, p. 98, tradução nossa), “a Ontopsicologia é uma análise científica, racional, que faz a revisão crítica da consciência”. Ela possui “um método que consente uma técnica de verificação” nas mais distintas situações em que o humano se encontre e, como agente do conhecimento, lhe permitem tomar suas decisões.

Ao definir a Ontopsicologia, Mendes (2009, p. 67) assevera que o “método ontopsicológico analisa contemporaneamente os fatos e conhece suas causas, possibilitando ao pesquisador atuar, sempre, na realidade *hic et nunc* (aqui, agora e assim)”. Tem-se, desse modo, que o método proposto é um modo de análise que se aplica às diferentes áreas do conhecimento humano de intervenção humanista-profissional⁸. Nesse viés, segundo Meneghetti (2004b, p. 159, grifo do autor), “*a verdade do objeto observado é certificada e evidenciada no interior da subjetividade do conhecedor*”.

Para o emprego do método que apresenta como escopo o nexos ontológico⁹, a premissa básica é um convite a ser simples e colher a lógica da vida, o critério de natureza¹⁰ – o Em Si ôntico. Nessa perspectiva, esse é o primeiro passo para ser um pesquisador exato.

Entende-se por “pesquisador exato” todo e qualquer profissional, no uso de suas atividades, que “demonstre externamente funcionalidade circular a si mesmo” (MENEGHETTI, 2004a, p. 142; 2010, p. 143). Ainda, para o autor não existem saltos, é a partir da natureza humana que se tem a medida “*é um contínuo do uno: ser saber e fazer são modos da unicidade dessa identidade de natureza*” (MENEGHETTI, 2002, p. 44, grifo

⁷ Metanoia: palavra de origem grega, metanoia (μετανοεω) significa “mudo a mente” (MENEGHETTI, 2012a, p. 172). Em outra passagem, o autor define metanoia como “aprender a si mesmo segundo a ótica da própria identidade de natureza ou Em Si ôntico” (MENEGHETTI, 2010, p. 112).

⁸ Para aprofundamento, consultar Meneghetti (2010, p. 142).

⁹ Para aprofundamento, consultar Meneghetti (2010, p. 499) e Meneghetti (2015b, p. 81).

¹⁰ “Critério de natureza é uma medida que procede por evidência (...). É a intencionalidade de natureza quando e como se evidencia” (MENEGHETTI, 2010, p. 147).

do autor). Desse modo, conclui o autor: *“faz-se ciência exata quando a egoceptividade coincide com a propioceptividade”* (MENEGETTI, 2010, p. 142, grifo do autor).

2.2 A pesquisa de natureza autobiográfica

O uso das narrativas como método de investigação se autoafirmou no Brasil a partir das últimas duas décadas, principalmente, com estudos na área da Educação, desenvolvidos por Nóvoa e Finger (1988) e Nóvoa (1992).

As narrativas autobiográficas visam a reconstituição da história de uma pessoa e possibilitam o encontro do narrador com o seu “eu” ou com o “eu” de sua personagem. Permitem a compreensão do sujeito e de sua formação por meio da análise de narrativas de vida. Portanto, apresenta semelhanças com os depoimentos da história oral em que os fatos rememorados são subproduto de suas vivências (LIMA, GERALDI; GERALDI, 2015). Segundo esses autores, na autobiografia “os dados empíricos são coletados por pesquisadores que se tornam os próprios objetos do estudo e fazem uma escrita de si e sobre si no processo de formação” (LIMA, GERALDI; GERALDI, p. 25).

A respeito da pesquisa narrativa, Josso (2004) ressalta que é necessário compreender que essa metodologia favorece um conjunto de aprendizagens que vão muito além de um processo de conhecimento de si, no registro psicológico. A escrita da narrativa da história de vida do sujeito, como momento de um processo de conhecimento da sua formação ao longo da vida, evidencia o que está em jogo nessa escrita e são os dois grandes eixos que vão organizar a reconstituição de um conjunto de reflexões, construídas a partir das observações efetuadas em prol de um corpo de experiências vivenciadas.

Neste artigo, apresenta-se uma narrativa em que a autora-pesquisadora evidencia, com clareza, a percepção organísmica. O fato é narrado em primeira pessoa, seguido de análise.

3 O Fato

“Estava na praia, em uma pousada à beira mar, com uma vista esplêndida. A pousada ficava no alto de uma colina e havia uma escada para chegar ao mar. Eu frequento a praia poucas vezes e não sou uma conhecedora do mar e das épocas propícias para pescaria. Era outono, meados de abril ou início de maio, não recordo precisamente.

Havia decidido estar naquele lugar, praia da Pinheira, litoral de Santa Catarina, para estudar. Na época, cursava o Curso de Especialização, na Universidade Estatal de São Petersburgo, e nos próximos meses haveria os exames de Ontopsicologia.

Naquele dia, pela manhã, passei um tempo caminhando à beira mar e depois, dediquei meu tempo ao estudo. Mais tarde, preparei o almoço e após fazer a limpeza da cozinha, meu cônjuge foi para o quarto, dormir uma cesta. Na varanda havia uma rede, me deitei e fiquei a contemplar o mar¹¹. Após alguns minutos, senti um forte erotismo e um calor muito intenso que envolvia todo o meu corpo¹². Olhei para dentro da casa e visualizei a porta do quarto, olhei para o mar e percebi que deveria permanecer ali, que aquele erotismo vinha do mar. Passados alguns minutos vi pessoas – pescadores – que se aproximavam e começaram a entrar no mar. Formaram uma corrente e avançaram mar adentro. Depois de alguns instantes, vi os golfinhos. Os pescadores puxaram a rede, e, para minha surpresa, a pescaria foi concluída na minha direção. Ali, na minha frente, naquele momento, se concluía uma pesca de duas toneladas de peixe tainha”.

2.3 Análise do fato

A análise pretende elucidar a percepção organísmica e, para isso, recorre à intuição como parte do método ontopsicológico para explicar o fato narrado. Intuir¹³ a presença da vida no universo, no aqui e agora da existência, é ter a presença da origem do universo no seu íntimo. É um átimo da existência que sintoniza a presença do ser metafísico, que se manifesta na existência como “participação universal de todas as coisas (...) como participação de mim existente” (MENEGHETTI, 2012a, p. 244).

Construído dentro da sociedade, o ser humano se desvia da sua ordem natural, por complexos infantis, fé, ideologias, entre outros aspectos que corrompem, no dia-a-dia, o processo original e o desviam da estrada. Para a Ontopsicologia, o homem deve recuperar a lógica da natureza e tomar consciência “por como é” e não “por como acredita”. Para ser verdadeiro, convém fazer metanoia, isso implica em “fazer coincidir o seu Eu lógico-

¹¹ “O ser humano nutre-se, sobretudo, de um contínuo sistema de informações, derivadas do metabolismo ambiental. A informação é uma forma inserida que estrutura energia, ou seja, uma dinâmica com vetorialidade específica” (MENEGHETTI, 2010, p. 175).

¹² “O organismo é um radar contínuo, uma percepção fluida das contínuas interações” (MENEGHETTI, 2015a, p. 249).

¹³ Intuição: *Lat. intus actionis* = o dentro ou íntimo da ação. Saber o íntimo da ação. Ver o fazer. (...) Saber antes dos efeitos” (MENEGHETTI, 2012a, p. 144).

histórico com a vetorialidade do próprio Em Si ôntico”. Precisa estar atento, pois “nenhuma sociedade nos preparou a como ser verdadeiros na nossa interioridade” (MENEGHETTI, 2013, p. 16). Nesse contexto, ser verdadeiro com a interioridade implica em nexos ontológicos.

No interior de uma situação pode-se controlar e isolar o específico preestabelecido. A relevância deste experimento se obtém com a mensuração técnica adequada e a conscientização da sinalização semântica que o próprio pesquisador possui através do orgânico existencial. O mesmo orgânico existencial (corpo, situações, sensores, radiações), em dote natural do pesquisador com consciência exata colhe o diferenciado e dele escreve o comportamento para o escopo preestabelecido (MENEGHETTI, 2015b, p. 29).

Naquela tarde, eu poderia ter seguido o estereótipo padrão: ir para o quarto e ficar com o cônjuge, afinal, estávamos de férias na praia! Mas a minha percepção organísmica¹⁴ indicou uma outra direção, em vez de permanecer em casa, ir até o mar.

Retomo aqui uma passagem de Meneghetti (2007a) que faz um convite aos cientistas para que sejam simples e diz:

Simple significa ter a coincidência com o projeto das coisas (coincidência = ser iguais: mente e realidade, mente e processo, mente e resultado). Se, ao contrário, o pesquisador é antecipado por convicções ou complexos, ou por contradição sócio existencial, então já está desviado da transparência das coisas (MENEGHETTI, 2007a, p. 20).

Ser simples, naquele momento, era estar próximo ao mar. Na simbologia onírica o mar: “é ato infinito possível. É o todo organísmico, e as suas modalidades indicam a situação organísmica do sonhador” (MENEGHETTI, 2012b, p. 396).

Quando fiz a escolha de “*permanecer verso ao mar*”, a fiz porque percebi que a vitalidade vinha daquela direção. Para a Ontopsicologia:

O homem é um corpo e tem um corpo (...) como quer que sejam os nossos modos de mensagens, o organismo sofre e interage somente a informação que se estrutura no corpo, que é medianicidade (mediânico enquanto mediação) de intenção real (MENEGHETTI, 2015a, p. 248).

A interpretação correta da percepção organísmica, colhida corretamente, por minha consciência lógico-racional me permitiu vivenciar um momento único para minha

¹⁴ Organísmico: “conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação. Contexto psicológico e espiritual. Presença do Em Si ôntico no orgânico humano (MENEGHETTI, 2012, p. 198). “Organísmico” é um termo próprio da Ontopsicologia que define a unidade de consciência em ato orgânico. “O organísmico é o sincronismo entre alma e corpo, percebido como tomada de consciência unitária” (MENEGHETTI, 2005a, p. 29).

existência: a pesca de duas toneladas de peixe. Aquela pesca de tainha foi um espetáculo singular da natureza, a minha frente, naquele instante. A simbologia onírica para peixes reporta a “animais positivos em relação ao homem, símbolo do instinto livre no todo, símbolo de vivacidade e sanidade” (MENEGETTI, 2012b, p. 402).

Os resultados pela escolha ótima naquela ocasião, se traduzem, contemporaneamente, em alegria intensa e produtividade. Os peixes representaram para a sociedade alimento e lucro. Porém, para mim, naquela situação, representaram mais energia para o meu trabalho e estudo, pois havia compreendido a informação vital de prosperidade para minha existência.

A passagem da análise científica fenomênica à intrinsecidade da posse do verdadeiro, que é igual e contínuo seja em mim que conheço como no externo que existe, é fundada no nexos ontológico. Eu vejo a identidade do objeto e esta identidade que eu possuo como informação no meu intelecto é igual àquela do objeto, de tal modo igual que eu não mais necessito do objeto, porque posso refazê-lo como e quando quero. É fundamental a informação, a fórmula intelectual que eu tenho, não sou mais dependente da expectativa do objeto: conheço-o por antecipação (MENEGETTI, 2015b, pp. 30-31).

Quando não se segue a percepção organísmica, que dá evolução à história do sujeito, nessa existência, é porque se está preso àquele “eu” que sofreu uma adaptação dentro dos ambientes e contextos de vida, para conviver no contexto social.

Ser como a natureza nos constitui, ou ter um comportamento condizente com o princípio essencial da vida, indica ser exato. Meneghetti (2013) entende por “pesquisador exato” aquele que é livre de estereótipos, de próteses impostas no meio sócio-familístico¹⁵ e das instituições político democráticas.

Permitir-se compreender a novidade requer abrir mão daqueles padrões estruturados na mente. É saber como utilizar aquilo que foi ensinado, não como valor absoluto, mas relativo. Isso exige saber discernir, a cada instante, onde e como usar aquilo que se aprendeu nas relações de convívio social. Exige, também, transcender aos valores que a sociedade dá, como únicos válidos para viver.

Os escritos de Meneghetti (2010) mostram que um dos aspectos fundamentais para a pesquisa da subjetividade humana diz respeito à figura do pesquisador que, acima de tudo, deve ser exato¹⁶. “Para objetivar com exatidão, o homem de ciência deve sair do

¹⁵ Familístico: “com ‘familístico’ o autor entende ‘estereótipo da família’, ao invés disso, ‘familiar’ significa ‘psicologia social da família’ (MENEGETTI, 2011, p. 65; MENEGETTI, 2007b, p. 125).

¹⁶ “Exato – ser como a natureza põe” (MENEGETTI, 2013, p. 74).

mundo da objetividade e ser perene subjetividade¹⁷” (MENEGHETTI, 2010, p. 142). Acrescenta o autor, “para restituir uma ciência praxica, de função humanista, antes é preciso partir do enveramento individual” (MENEGHETTI, 2013, p. 93).

A proposta da Ontopsicologia permite a exatidão do pesquisador, entendido, aqui, como o sujeito da ação da vida. Esse processo é possível com o uso do método bilógico e com a aplicação das novidades descobertas pela Ontopsicologia, conforme explicitado neste texto. A vantagem se dá àquele que tem a humildade de rever a si mesmo e fazer metanoia, isto é, mudança da mente. Muda a consciência para torná-la igual àquilo que a pessoa é; ser igual àquilo que a vida e a natureza projetaram, sem as distorções introjetadas pelo contexto.

Com as passagens propostas pela Ontopsicologia, o pesquisador pode recuperar a consciência de si (identidade de natureza – Em Si ôntico) e agir com a potencialidade do Em Si ôntico no aqui, e agora, da sua existência. No entanto, é tarefa da racionalidade exata fazer constante verificação da existência dessa identidade de natureza, para operar a dialética e os silogismos.

Com a utilização do método proposto pela Ontopsicologia, segundo Meneghetti, 2015b, “posso melhorar a exatidão do critério no processo de percepção (exteropceptivo, proprioceptivo e egoceptivo), conhecimento e reversibilidade” (MENEGHETTI, 2015b, p. 87).

O autor argumenta que um cientista vive de espírito, no entanto, quando escreve, precisa usar a técnica. Também, deve encontrar passagens que portem à simplicidade no convívio socioambiental e científico, para ser referência a outras pessoas. Ele complementa: “um cientista não pode produzir realização, se ele mesmo não é íntimo ao espírito. O espírito do homem é muito maior que a sua racionalidade” (MENEGHETTI, 2007a, p. 21). Em outra obra, o autor trata da ciência que dá ao homem, a condição de ser operador reversível com o real.

3 Considerações Finais

O relato, apresentado neste texto, permite duas conclusões básicas. Inicialmente, o cunho autobiográfico do estudo rompe com o referencial teórico-metodológico, assentado

¹⁷ Em relação à subjetividade como instrumento de indagação e de conhecimento MENEGHETTI, A. O valor intrínseco da moral. In: *O Em Si do homem*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004b.

na suposta objetividade, capaz de conferir confiabilidade aos dados, na medida em que o pesquisador não se envolve com a realidade da pesquisa. Dito em outras palavras, significa a superação da neutralidade do pesquisador, fundamento de toda pesquisa positivista e do modelo cartesiano, predominante no pensamento científico, nos últimos três séculos.

Em segundo lugar, a fundamentação e a utilização do método ontopsicológico representa a novidade epistemológica no campo da pesquisa, que permite rever e validar o conhecimento, com base na indução-dedução e na intuição, por isso, denominado bilógico. Estabelece o nexos ontológico entre o conhecimento intuitivo e as demais ciências. Exige a exatidão subjetiva do pesquisador para conferir objetividade ao conhecimento produzido.

Portanto, para estar de acordo com seu projeto original, o ser humano precisa se apossar, momento a momento, da história das indicações colhidas por campo semântico, das imagens que aparecem no seu Eu *a priori* (intuição), que são indicações provenientes do seu mundo interior, denominado Em Si ôntico. Colhida a intuição, o pesquisador exato prossegue a pesquisa indutivo-dedutiva e chega à decisão, com racionalidade superior. Desse modo, é possível fazer a escolha ótima consciente, a cada situação, e garantir a evolução, em progresso, para a existência.

Referências

JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

LIMA, M. E. C. de C.; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em Educação. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 31, n.1, pp. 17-44, jan./mar., 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698130280>. Acesso em: 3 abr 2017.

MENDES, A. M. *Método para a gestão do conhecimento em Iniciação Científica segundo os pressupostos da Ontopsicologia*, 2009. 173f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MENEGHETTI, Antonio. A intuição segundo a recente descoberta ontopsicológica. In: *Atos do Congresso Business Intuition*. São Paulo: FOIL, 2007a.

MENEGHETTI, Antonio. *Campo Semântico*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.

MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012a.

MENEGHETTI, Antonio. *Genoma ôntico*. Roma: Psicológica Editrice, 1997.

MENEGHETTI, Antonio. *Genoma ôntico*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. *Imagem e inconsciente*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012b.

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Melolística*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005.

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004a.

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. *O critério ético do humano*. Porto Alegre: Ontopsicológica Editrice, 2002.

MENEGHETTI, Antonio. *O Em Si do homem*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004b.

MENEGHETTI, Antonio. *O Projeto Homem*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, Antonio. *O Residence Ontopsicológico*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005b.

MENEGHETTI, Antonio. *Ontologia da Percepção*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, Antonio. *Pedagogia Ontopsicológica*. 4. ed. Roma: Psicológica Editrice, 2007b.

NÓVOA, A.; FINGER, M. *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992.

VIDOR, A. *Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

WAZLAWICK, P. *Percorso filosofico dalla fenomenologia di Husserl al nesso ontologico di Antonio Meneghetti: L'uomo è in grado di conoscere?* Nuova Ontopsicologia, Roma: FOIL. srl, ano XXX, n.2/2012-1/2013, pp. 88-101, 2013.



A trajetória da mulher empresária e o campo semântico

Claudia Vicentini

Resumo: Este estudo objetiva pesquisar a trajetória da mulher empresária e identificar se o contexto em que viveu contribuiu para sua situação atual. Ao investigar a trajetória de mulheres empresárias, constatou-se que a presença feminina à frente das empresas aumentou, porém a mulher ainda é reticente para falar de si de forma sincera. A natureza dotou a mulher de uma graça explosiva e vencedora, porém se vê como mãe e não consegue entender o primado de si mesma, como pessoa. O presente estudo evidenciou este aspecto. Observou-se que as mulheres lideram de forma parcial e inconstante, por terem se distanciado de sua essência natural, porque sua maneira de agir espelha-se na tática masculina, da família e dos papéis sociais que lhes foram impostos e por elas acatados. Mas na vida ascende-se continuamente a tensão a fazer mais para ser mais e durante a pesquisa realizada percebeu-se que as mulheres estão continuamente em busca desse ser mais, com ações diversas, participando de estudos, cursos, palestras, buscando um desenvolvimento da sensibilidade, da espiritualidade de ordem estética, e autoconhecimento.

Palavras-chave: mulher; empresária; intuição; campo semântico; método ontopsicológico.

The women's trajectory and the semantic field

Abstract: This study aims to research the trajectory of the entrepreneur woman and identify if the context in which she lived has contributed for her current situation. In investigating the trajectory of entrepreneur woman, it has been verified that the female presence ahead of companies has grown, however woman is still reticent on speaking of herself in a sincere way. Nature has gifted woman with explosive and winner grace, but she sees herself as mother and cannot understand the primacy of herself, as a person. This study evidenced this aspect. It was observed that women lead in a partial and inconstant way, for having distance of her natural essence, because her way of acting mirrors the tactics of men, family and the social role that were imposed and accepted by her. But life rises continually in tension of doing more to be more and during this research is was perceived that women are continually in search of this being more, with various actions, joining studies, courses, speeches, searching for a development of sensibility, spirituality of aesthetic order and self-knowledge.

Keywords: woman; businesswoman; intuition; semantic field; Ontopsychological method

La trayectoria de la mujer empresarial y el campo semántico

Resumen: Este estudio objetiva investigar la trayectoria de la mujer empresaria e identificar si el contexto en que vivió contribuyó para su situación actual. Al investigar la trayectoria de mujeres empresarias, se constató que la presencia femenina frente a las empresas aumentó, pero la mujer todavía es reticente para hablar de si de forma sincera. La naturaleza dio a la mujer una gracia explosiva y vencedora, pero se ve como madre y no logra entender el primado de si misma, como persona. El presente estudio evidenció este aspecto. Se observó que las mujeres lideran de forma parcial e inconstante, por haberse distanciado de su esencia natural, porque su manera de actuar se refleja en la táctica masculina, de la familia y de los papeles sociales que les fueron impuestos y por ella acatados. Pero, en la vida, se eleva continuamente la tensión a hacer más para ser más y durante la investigación se percibió que las mujeres están continuamente en busca de ese ser más, con acciones diversas, participando de estudios, cursos, charlas, buscando un desarrollo de la vida la sensibilidad, la espiritualidad de orden estético, y el autoconocimiento.

Palabras clave: mujer; negocios; la intuición; campo semántico; método ontopsicológico.

1 Introdução

“Todo negócio é bem-sucedido conforme se é e se vive”
Antonio Meneghetti

Vivemos uma época de transformações sem precedentes, em uma era de notícias veiculadas pela internet, excesso de informações e pouquíssimo tempo. No citado contexto, a mulher vem buscando conhecer-se e apropriar-se de um espaço que considera seu.

Ao estudarmos a trajetória de algumas mulheres empresárias, observamos que, em sua maioria, a mulher não é construtora de sua própria história. Por outro lado, a história conhece e reconhece grandes mulheres e nos dias atuais cresce o número de mulheres que buscam sua independência estando à frente de suas empresas.

Em seu livro *Seis Mulheres e a Imaculada Conceição*¹, Antonio Meneghetti tem o escopo de que as mulheres comecem a compreender as situações de modo sério e integral, e se tornem maiores protagonistas de ação social e da vida, progredindo e tendo uma capacidade mais compreensiva, inteligente, portanto, de liderança. Sendo necessário que os homens comecem a ter uma mentalidade social e de maior consideração acerca da mulher. Meneghetti (2013) descreve exemplos femininos na história, como a Rainha Elizabeth I da Inglaterra, que conseguiu vencer através do voto de castidade imperando por quarenta anos e criando a grande potência econômica, marítima e terrestre da Inglaterra.

Enquanto descreve a história das mulheres, do feminino, Meneghetti (2013) afirma que nem sempre a mulher foi considerada por meio de uma leitura positiva. É importante ater-se ao fato de que:

Deve-se levar em consideração que, em termos católicos, a alma espiritual foi reconhecida à mulher somente no II Concílio de Lyon, em 1274. A mulher sempre foi considerada conexas com o diabo, com algo sujo e nos modos mais odiosos (MENEGETTI, 2013, p. 21).

Diante dessas constatações nos perguntamos: como vivem as mulheres empresárias do século XXI? Qual foi sua trajetória para chegar à liderança de uma empresa? A presente *Pequena Tese*, considerando o contributo da Ciência Ontopsicológica, tem por escopo

¹ MENEGETTI, A. *Seis Mulheres e a Imaculada Conceição*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

levar a mulher a refletir sobre si mesma, entender sua essência, sua funcionalidade, buscando a própria realização e consequente felicidade.

2 Aspecto histórico

Na mitologia existem muitas crenças e lendas sobre a mulher que em sua maioria a consideram de modo negativo.

Pandora, por exemplo, a primeira mulher terrestre, de acordo com a mitologia grega, ganhou beleza e uma mente maldosa, sendo gerada para castigar Prometeu. Foi lhe entregue um vaso lacrado que não poderia abrir, no entanto o fez e do vaso jorraram todas as desgraças que, até hoje, perseguem a humanidade. No fundo do vaso ficou somente a esperança. Desse modo, compreende-se a mulher como culpada pelos males sofridos pela humanidade.

Para os cristãos, Deus criou Adão e de sua costela, Eva, que comeu o fruto proibido, por esse motivo trazendo à humanidade o sofrimento.

Alguns filósofos atribuíram à mulher um papel inferior. Aristóteles considerava que a mulher não tinha o direito de participar da vida social, que era menos bonita, o corpo feminino era algo feio ou inferior.

São Tomás de Aquino, na Idade Média, não acreditava que mulher tivesse alma e Santo Agostinho de Hipona considerava Eva a portadora da sexualidade e de todo o mal, fazendo dela um ser inferior. Neste período a mulher foi relegada ao ambiente domiciliar, à castidade, somente assim poderia ter uma vida virtuosa.

2.1 A Psicologia Feminina

Já no século XX, na teoria psicanalítica, a figura feminina é concebida de modo incompleto, faltando-lhe algo, sendo desvalorizada por teorias que viam sua inferioridade na falta do elemento fático. A mulher gira em torno de ser castrada, de não ser completa, toda. “A mulher é estruturada pelo desejo do pênis” (FREUD *apud* GUIMARÃES, 1986, p. 72).

Ainda segundo a citada teoria, na infância, a menina, por desconhecer a diferença entre os sexos, acredita que todos possuem um pênis, porém ao vê-lo no pai, julga que foi castrada e surge a inveja do pênis e nisto resulta o complexo de castração no sexo

feminino. Ao defrontar-se com o fato que a mãe e as outras mulheres também são castradas, despreza e rejeita a mãe por não ter lhe transmitido o falo.

Ao reconhecer que foi castrada, a mulher, ainda em processo de formação, tem como objeto de amor o pai, depois o pênis, e por último a vontade de ser mãe, de procriar. Neste sentido, “a feminilidade é, definitivamente, um constante devir, tecido por uma multiplicidade de trocas, todas destinadas a encontrar para o pênis o melhor equivalente” (NASIO, 1993, p. 21).

Quando nos defrontamos com a Escola Ontopsicológica temos uma visão diferente. Para Meneghetti (1999), a mãe faz a primeira informação existencial ao transmitir à filha uma cultura completa de comportamento e o faz por semântica de complexo². Assim, “inconscientemente, toda mulher transmite um pedaço daquela cadeia complexual, de geração em geração, o *imprinting* já é total até os quatro anos de idade” (MENEGHETTI, 1999, p. 17).

Por isso, a mulher acredita que não pode realizar-se por si mesma. De acordo com o autor, “(...) toda vez que a mulher vê o seu futuro ou a hipótese do seu sucesso, vê antes de tudo o marido ou um homem como companheiro fixo, a família, os filhos” (MENEGHETTI, 1999, p. 31).

A mulher quer vencer, mas por sua ambivalência adoece, culpa o outro, fica frustrada e infeliz. Ela não se compreende e não realiza o seu projeto de vida e não tem consciência de que a responsabilidade é unicamente sua.

Ao finalizar o enfoque teórico da pesquisa, devemos considerar que a mulher está buscando de todas as maneiras seu autoconhecimento e sua realização, porém, ainda não conseguiu e também não encontrou efetivamente seu espaço na sociedade. Neste sentido, por não se compreender e não se conhecer, na grande maioria das vezes, não realiza seu potencial. Deixa de perceber-se capaz de produzir bem-estar para si e para os outros.

2.1 A utilização do Campo Semântico pela mulher líder

Sabemos que o campo semântico, como uma das três grandes descobertas da Ontopsicologia, não foi algo criado por esta ciência, mas tão somente evidenciada e

² Uma realidade psíquica que se forma em compromisso às exigências sociais e biológicas do indivíduo. Para mais informações: MENEGHETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012, p. 51.

descrita cientificamente pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti. Trata-se de um conhecimento presente em todo e qualquer ser humano.

Não se pode olvidar o conceito desta importante ferramenta inata ao ser humano, que é definido como “a *comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individualizações*. (...) É o código de sentido de qualquer realidade; é o código de significado de qualquer evento, é *estrutura de sentido*” (MENEGETTI, 2012, p. 39).

Por mais que não se saiba cientificamente o conceito, é possível que algumas pessoas, na prática, utilizem-se da leitura do campo semântico, ainda que inconscientemente, na sua vida cotidiana. O exemplo categórico é a intuição, em que a pessoa se deixa levar por determinado impulso, somente a ela evidenciado, ainda que não o saiba totalmente.

Além disso, a leitura da percepção organísmica também é feita por determinadas pessoas com uma sensibilidade mais apurada. Algumas dessas pessoas relacionam essas informações do campo semântico aos sinais não compreensíveis racionalmente, no entanto, a Ciência Ontopsicológica apresenta a fundamentação técnico-racional deste importante instrumento inato ao ser humano.

No âmbito organizacional isso é muito frequente entre os grandes líderes, que depois são vistos no contexto social como pessoas de hábitos estranhos. Com o intuito de verificar essa afirmação, realizamos pesquisas locais com algumas empresárias da cidade de Passo Fundo no estado do Rio Grande do Sul. Em consonância fizemos uma pesquisa do número de mulheres empresárias em âmbito regional, nacional e internacional para contextualizar o cenário do empreendedorismo feminino.

3 Metodologia

A metodologia utilizada para a realização desta *Pequena Tese* foi a de revisão bibliográfica em consonância com entrevista aberta com perguntas de cunho qualitativo. Trazendo as principais informações coletadas, foi possível relacionar conteúdo teórico e prática. A fonte bibliográfica refere-se à produção científica na área da Ontopsicologia.

Buscou-se acessar artigos científicos e dissertações, entretanto, a referência principal está na obra de Meneghetti.

4 Resultados e Discussão

4.1 Pesquisas acerca do cenário atual do empreendedorismo feminino

Num primeiro momento é de suma importância salientar o número de mulheres empreendedoras e executivas de alto renome em âmbito regional, nacional e internacional, no intuito de verificarmos a relevância da mulher em parte do cenário organizacional atual.

Antes de mais nada, é necessário verificar o que é ser empreendedor de acordo com os parâmetros das pesquisas realizadas pelos órgãos competentes. O economista austríaco Joseph A. Schumpeter, no livro *“Capitalismo, socialismo e democracia”*, publicado em 1942, associa o empreendedor ao desenvolvimento econômico.

Segundo este autor, o sistema capitalista tem, como característica inerente, uma força que ele denomina de processo de destruição criativa, fundamentando-se no princípio que reside no desenvolvimento de novos produtos, novos métodos de produção e novos mercados; em síntese, trata-se de destruir o velho para se criar o novo.

Pela definição de Schumpeter, o agente básico desse processo de destruição criativa está na figura do que ele denominou de empreendedor.

Numa visão mais simplista, podemos entender como empreendedor aquele que inicia algo novo, que vê o que ninguém vê, enfim, aquele que realiza antes, aquele que sai da área do sonho, do desejo, e parte para a ação.

4.1.1 Mulheres empreendedoras na cidade de Passo Fundo, RS

Na cidade de Passo Fundo, localizada no estado do Rio Grande do Sul, segundo dados do Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal, a educação foi a que mais cresceu, mas ainda assim permanecendo abaixo da mediania das cidades gaúchas.

Estudos realizados pelo IPC Maps, através da análise dos dados entre 2015 e 2016, constataram que o número de empresas no município de Passo Fundo é de 30.229.

Levantamentos do SEBRAE/RS para Planalto, RS, foram abertas no ano de 2016, 8.600 MEI (Microempreendedor Individual), e dessas 46% geridas por mulheres e 54% por homens.

4.1.2 Mulheres empreendedoras no Brasil

Quanto às mulheres empreendedoras do Brasil, optamos pelos resultados dados por uma pesquisa elaborada pelo SERASA Experian, no ano de 2015³, trazendo em seu bojo alguns dados estatísticos extremamente importantes acerca do empreendedorismo feminino, vejamos:

- 8% da população feminina do país são sócias de empresa (cerca de 5.693.694);
- Isso significa que são 43% donos de empresa do sexo feminino;
- A idade média destas mulheres é de 44 anos.

Desse total:

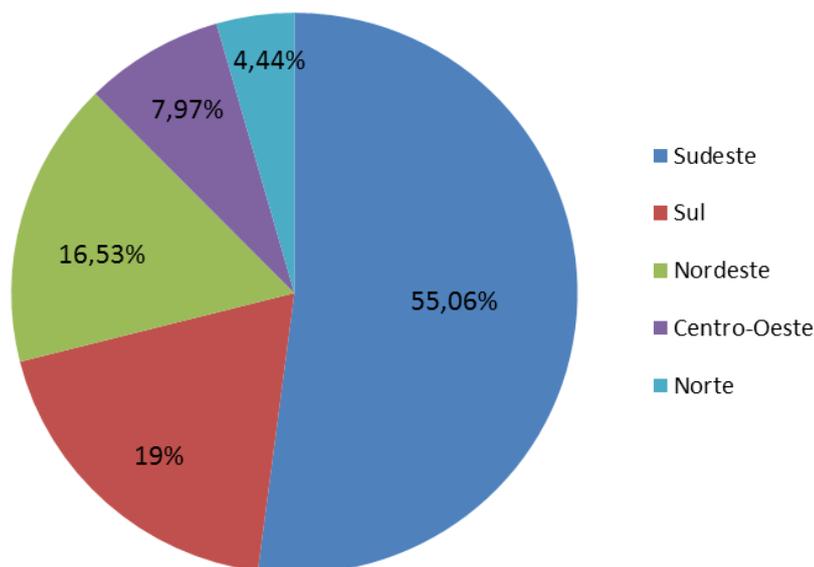
- Apenas 0,2 % são proprietárias de grandes empresas;
- 1,7% são empresas de médio porte;
- 25,2% são MEI;
- 35,8% são micro empresas;
- 37,1% são empresas de pequeno porte;

Geograficamente no Brasil, se distribui do seguinte modo:

- 52,06% no Sudeste;
- 19% no Sul;
- 16,53% no Nordeste;
- 7,97% no Centro-Oeste;
- 4,44% no norte.

Na sequência, o gráfico abaixo demonstra de maneira ilustrativa como se dá a distribuição de mulheres empreendedoras no território nacional:

³ Disponível em: <<http://noticias.serasaexperian.com.br/blog/2015/02/23/brasil-tem-mais-de-5-milhoes-de-mulheres-empendedoras-revela-estudo-inedito-da-serasa-experian/>> Acesso em: 06 abr 2017.



4.1.3 Mulheres empreendedoras no Mundo

O Brasil foi apontado como o país com maior nível de empreendedorismo feminino entre os países integrantes do G-20.

De acordo com o EY G20 Entrepreneurship Barometer 2013⁴, o Brasil possui 10,4 milhões de mulheres empreendedoras (14% da população com idade economicamente ativa). O número supera países como Argentina (12%), México (10%), África do Sul (8,5%), Austrália (6,5%).

Importante destacar que o órgão em questão leva em consideração tanto empresas formais quanto informais, deste modo, há uma certa discrepância em relação aos números das pesquisa do item 3.2.2 *supra*.

Além disso, é necessário destacar que na América Latina, no que se refere às empresas de grande porte, as mulheres que participam do conselho de administração, ainda são número muito ínfimo. Das 100 maiores empresas da América Latina, as mulheres ocupam 6,4% dos cargos do conselho de administração (2015)⁵. Em 2005 esse número era de 5,1%. O cenário deste quadro em outros continentes é o seguinte: Europa 20%, América do Norte 19,2%, Ásia-Pacífico 9,4 %.

⁴ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/brasil-tem-maior-proporcao-de-mulheres-empreendedoras-entre-paises-do-20-diz-ey-9973869>> Acesso em 07 de abr 2017.

⁵ Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/carreira/mulheres-detem- apenas-6-4-das-administracoes-latinas/>> Acesso em: 06 de abr 2017.

O que impressiona é que 47% das maiores das empresas da América Latina não tem nenhuma mulher no Conselho Administrativo. O Brasil com 42 empresas na lista das 100 maiores da América Latina possui uma média de 6,3% mulheres nos conselhos administrativos.

Visto o cenário atual do empreendedorismo feminino no Brasil e no mundo, o estudo se volta para a verificação de como algumas empreendedoras atuam e como elas lidam com a vida cotidiana e com seus hábitos no ambiente organizacional e se têm alguma relação com a percepção organizacional e com o campo semântico.

A tabela abaixo demonstra as empresárias entrevistadas, e o seu perfil étnico-social:

| Mulher | Idade | Formação | Profissão | Estado Civil | Genitura | Família |
|---------------|--------------|-----------------|------------------|---------------------|-----------------|---------------------|
| M1 | 48 | 2º GRAU | EMPRES. | DIVORCIADA | SEGUNDA | RESIDE C/2 FILHOS |
| M2 | 56 | PÓS-GRAD | EMPRES. | VIÚVA | SEGUNDA | RESIDE C/1 FILHA |
| M3 | 51 | SUP. INC. | EMPRES. | CASADA | SEGUNDA | RESIDE C/1 FILHO |
| M4 | 58 | SUP. INC | EMPRES. | CASADA | SEGUNDA | MARIDO E 3 FILHOS |
| M5 | 59 | 3º GRAU | EMPRES. | CASADA | PRIMEIRA | MARIDO E 1 FILHA |
| M6 | 51 | 3º GRAU | EMPRES. | CASADA | TERCEIRA | RESIDE C/MARIDO |
| M7 | 40 | SUP. INC. | EMPRES. | DIVORCIADA | PRIMEIRA | RESIDE C/1 FILHO |
| M8 | 47 | 3º GRAU | EMPRES. | DIVORCIADA | PRIMEIRA | MARIDO, MÃE E FILHO |
| M9 | 60 | PÓS-GRAD. | EMPRES. | SOLTEIRA | PRIMEIRA | RESIDE SOZINHA |

Além disso, a partir das perguntas abertas, foi possível coletar as seguintes respostas dadas pelas entrevistadas:

- Nenhuma pensou ou escolheu a profissão de empresária, deu-se mediante a circunstância em que se encontrava;
- 03 começaram para ganhar mais;
- 05 porque o marido quebrou a empresa em que trabalhava, elas assumiram;
- 01 para mudar de vida;
- 05 moravam no interior;
- todas em condições de muita pobreza e dificuldades na infância;
- todas faziam atividades domésticas quando crianças;
- nenhuma delas montou estratégia ou plano de negócios, iam sentindo vontade e faziam;
- todas com problemas afetivos nos relacionamentos;

- 04 das casadas não pensam em separar-se, acreditam que o marido é funcional para a empresa;
- 01 das casadas quer se separar – mora sozinha –, porém não se separa para não prejudicar a empresa;
- 04 estão em condições econômicas excelentes;
- 03 em ótimas condições;
- 02 em boas condições;
- 07 já estudaram sobre Campo Semântico;
- 02 nunca ouviram falar sobre Campo Semântico;
- Todas reconhecem a presença de uma comunicação em suas vidas, nas relações diversas, em destaque, no campo profissional;
- As outras 07 que tem conhecimento já fazem observações a respeito e por várias vezes se utilizam das informações a seu favor;
- Todas buscam especializar-se em suas áreas e tem sempre uma busca interior.

Assim, evidencia-se o surgimento de uma nova inteligência feminina no âmbito empresarial, ainda que em um número reduzido de pesquisa. Todas as entrevistadas, de certo modo, utilizam a intuição no seu ambiente de trabalho. Obviamente, aquelas que sabem desse conhecimento podem utilizá-lo com muito mais propriedade no seu cotidiano, de modo consciente. Entretanto, mesmo aquelas que não detêm esse conhecimento já mantêm certa afinidade com a intuição e a ausculta da percepção orgânica, visando resultados no campo de atuação empresarial.

6 Considerações Finais

Atualmente é comum a afirmação de uma lógica para o sucesso no mundo dos negócios. De fato, os grandes empresários trilham um caminho geralmente muito parecido entre si. O que não se sabia até pouco tempo era como isto poderia ser realizado. Através da realização de inúmeras consultorias com grandes empresários de todo o mundo, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti tornou esta problemática visível, inclusive cientificamente.

Na verdade, o empresário que obtém sucesso geralmente é aquele que possui uma pré-disposição de natureza e que ao mesmo tempo trabalha arduamente para se desenvolver, não só no âmbito profissional, mas também no que determina o êxito final dos seus objetivos, que é o seu estilo de vida, a sua vida pessoal.

Não basta ser excelente somente na técnica: a excelência deve acontecer de forma integral na formação do líder, da unidade consigo mesmo até a autonomia no prazer.

Verificou-se no presente trabalho que o número de mulheres empresárias ainda é pequeno considerando a população feminina mundial. Entretanto, a perspectiva é de mudança. A mulher, por não se conhecer, não compreender a si mesma, acredita que não pode realizar-se e conseqüentemente não realiza seu projeto de vida. Mesmo com todas essas dificuldades, evidencia-se que mulheres empreendedoras, no âmbito da pesquisa delimitada, utilizam, em modo consciente ou inconsciente, a intuição e a percepção integral do corpo para alcançarem resultados mais efetivos nas empresas em que atuam.

Portanto, o estudo e a disseminação do conhecimento do campo semântico ao público feminino possibilitará um aumento quantitativo e ao mesmo qualitativo do empreendedorismo feminino, a partir de um desenvolvimento pessoal que naturalmente refletirá em toda a sociedade.

Referências

BRENNER, C. *Noções Básicas de Psicanálise. Introdução à psicologia psicanalítica*. São Paulo: Imago, 1975.

MENEGHETTI, Antonio. *A Psicologia do Líder*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária. 2013.

MENEGHETTI, Antonio. *Campo Semântico*. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2005.

MENEGHETTI, Antonio. *Feminilidade como Sexo, Poder, Graça*. 5. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. *Seis Mulheres e a Imaculada Conceição*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. *Psicologia Empresarial*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

NASIO, J. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SCHUCH, Maria Alice. *A igualdade de gêneros e a autonomia da mulher*. Percepção da mulher sobre si mesma: abordagem Ontopsicológica. Dissertação. São Petersburgo, Rússia: 2003.



A exatidão de consciência do pesquisador científico¹ com base nas premissas da Escola Ontopsicológica

Délis Stona

Resumo: O presente estudo caracteriza-se como uma Pequena Tese com o objetivo de esclarecer assuntos e conteúdos trabalhados em disciplinas no Terceiro Módulo do Bacharelado em Ontopsicologia, da Primeira Turma do Curso. Para a consecução deste objetivo foi necessário um estudo mais aprofundado dedicado a conceitos fundamentais para o entendimento da Ciência Ontopsicológica, que vai ao encontro do problema perene que norteia essa ciência: o conhecimento do homem. A pesquisa de cunho bibliográfico expõe, através da análise de conteúdo, a real importância de ajudar a construir o homem na história, na sua melhor fase, em sua melhor construção. O resultado dessa busca é a realização pessoal que cada um encontra ao se deparar com essa ciência interdisciplinar, sendo preciso optar sempre pela escolha ótima a cada momento.

Palavras-chave: Ontopsicologia; exatidão de consciência; cientista.

The accuracy of the consciousness and the scientific researcher based on the premises of the ontopsychological school

Abstract: The present study is characterized as a small thesis with the purpose of clarifying subjects studied in class in the third module of the Baccalaureate in Ontopsychology. In order to achieve this objective, it was needed a more in-depth study devoted to deepening fundamental concepts for the understanding of ontopsychological science, which meets the perennial problem that guides this science: the knowledge of man. The bibliographical research exposes through content analysis the real importance of helping to build the man in history, in his best phase, in his best construction. The result of this search is the personal fulfillment that each one finds when faced with this new interdisciplinary science, we must always opt for optimal choice using the best resources.

Keywords: Ontopsychology; accuracy of consciousness; scientist.

La exactitud de la conciencia y del investigador científico con base en las premisas de la escuela ontopsicológica

Resumen: El presente estudio se caracteriza como una pequeña tesis con el objetivo de esclarecer los asuntos abordados en clase en el tercer módulo del Bachillerato en Ontopsicología. Para la concretización de este objetivo fue necesario un estudio más profundo dedicado a la profundización de conceptos fundamentales para el entendimiento de la Ciencia Ontopsicológica, que va al encuentro del problema perenne que guía esta ciencia: el conocimiento del hombre. La investigación de cunho bibliográfico expone a través del análisis de contenido la real importancia en ayudar a construir al hombre en la historia, en su mejor fase, en su mejor construcción. El resultado de esta búsqueda es la realización personal que cada uno descubre al encontrarse con esta nueva ciencia interdisciplinaria, hay que optar siempre por la elección óptima usando los mejores recursos.

Palabras clave: Ontopsicología; exactitud la conciencia; científico.

1 Introdução

¹ A expressão *pesquisador científico* neste artigo é utilizada considerando os próprios pesquisadores científicos em todos os campos e também todos os profissionais operadores no social de todas as áreas.

O conhecimento ontopsicológico implica aprofundamento e exploração conceitual para que possa ser utilizado na vida pessoal, e isso provoca ao sujeito uma retomada ao ponto naturístico, ao projeto de natureza de si mesmo. O ponto que queremos expressar nessa *Pequena Tese* é que existe uma ciência contemporânea, a qual será explorada nesse pequeno texto, à disposição de todos que desejam voltar ao escopo inicial conforme a própria identidade e desta forma realizar a si mesmos na história.

Dois aspectos importantes serão abordados neste texto: a exatidão do pesquisador para o exercício científico, ou seja, somente aquele que entra na essência de natureza, ou seja, aquele que retoma a sua unidade natural, aplicando em sua vida pessoal ações desenvolvidas antes mesmo de existir como indivíduo, antes de ser um ente pensante, poderá, assim, desenvolver um controle exato do real, e, nesse caso, principalmente o cientista deve afrontar essa capacidade de ser exato, pois a exatidão do mesmo implica nas diversas formas de se fazer ciência. Outro aspecto abrange a pessoa como todo, como pode ocorrer essa exatidão de consciência para alcançar a realização plena.

Acerca da necessidade de exatidão da consciência, Meneghetti (2010) afirma que o mesmo é produto do modo como se tem produzido ciência, em desconexão ao real da vida. Neste sentido:

A crise das ciências é contínua e o problema, se a nossa razão conhece com exatidão ou não, ainda está em aberto. A Ontopsicologia nasce como regulação, dando, porém, a base concreta para começar a formalizar e fundar ciência. Portanto, Ontopsicologia é o modo pelo qual nossa razão pode colher o ser, o real entendido no sentido de um físico, de um matemático, de um filósofo ontológico (MENEGETTI, 2010, p. 145).

Essa reflexão serviu como base para as perguntas que seguem: *como é possível resgatar a exatidão de consciência? Qual é o critério que o pesquisador operador do exercício científico deve ter para ser exato? Como se dá a contribuição da Ontopsicologia para esses dois aspectos anteriores?* Na atualidade, o ser humano está perdendo o sentido real da vida, onde é cada vez mais consumido pelos meios tecnológicos e digitais. Em movimento contrário a isso, é esse resgate com a vida que seria interessante de se buscar diariamente.

Nos aspectos metodológicos, o presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa de cunho teórico, descritivo, bibliográfico, que abrangeu um estudo mais aprofundado sobre o

conceito de Ontopsicologia e as bases para a exatidão, seja do operador pesquisador cientista e, ao mesmo tempo, de qualquer pessoa operadora no contexto social.

Segundo Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado na internet.

A pesquisa foi realizada com base em livros científicos de caráter acadêmico e, para o resultado final, foi realizada uma análise de documentos extraindo-se as informações necessárias para a complementação do presente estudo, realizando, após a análise de informações, uma análise de conteúdo, pela leitura analítica. Gil (2010) descreve a leitura analítica como aquela que é feita com base nos textos selecionados. Embora possa ocorrer a necessidade de adição de novos textos e a supressão de outros tantos, a postura do pesquisador, nesta fase, será de analisá-los como se fossem definitivos. A finalidade da leitura analítica é a de ordenar e sumariar as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao problema de pesquisa. Desta forma é possível obter um resultado mais preciso quanto ao escopo do trabalho.

2 Fundamentação Teórica

O filósofo e cientista contemporâneo Antonio Meneghetti realizou ao longo de dez anos a prática clínica, instrumentalizando a psicoterapia, realizando pesquisas para chegar ao conhecimento da atividade psíquica em primeira causalidade, formalizando os primeiros conhecimentos teóricos na Ciência Ontopsicológica. Nessa intensa descoberta ele atribui três conceitos, que são universais, os quais fazem toda a diferença quando falamos em exatidão de consciência, e é por intermédio destes que se pode chegar à constituição de natureza do ser humano, em sua totalidade. São eles: *Em Si ôntico, campo semântico e monitor de deflexão*². Estas são as três descobertas científicas da Ontopsicologia, que, se utilizadas conjuntamente ao método desta ciência, podem auxiliar a autenticar e

² Para aprofundar o conceito sobre “as três descobertas” cf. MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2010, pp. 145-205.

desenvolver o homem autorrealizado, criativo, onde podemos encontrar também a solução ao problema crítico do conhecimento.

2.1 Ontopsicologia

A Ontopsicologia analisa o homem no seu fato existencial e histórico. Questiona as formas que lhe dão sustentação em vista de sua realidade ôntica. Conforme explica Meneghetti (2010):

Antes de tudo, a Ontopsicologia tem uma visão do mundo. A “visão” é uma estrutura portante: como a Ontopsicologia vê o mundo, qual é sua atitude em relação à realidade e seu modo de saber o real (o mundo, as coisas, o ser, o nascer, o morrer, o todo da vida). Uma vez visualizado o mundo, a Ontopsicologia o demonstra e o certifica por meio de instrumentos próprios (método de análise com o qual opera) (MENEGHETTI, 2010, p. 28).

Trata-se de uma ciência contemporânea, que, de maneira geral, é uma ciência que encontra e compreende como a vida nos projeta. A partir do aprofundamento de seus conceitos é possível fazer uma retomada à identidade original do sujeito e, assim, se dá a contribuição da Ontopsicologia para a exatidão de consciência do pesquisador. É preciso ir muito além dos conceitos para se obter a realização, é necessária uma prática diária, a definição de um objetivo de vida para assim alcançar a plenitude vital. Neste sentido:

A ontopsicologia analisa a unidade de ação que é o homem para compreendê-lo e poder prevê-lo, portanto, essa ciência é a análise do ser antropológico em todas as suas manifestações. Posso resolver uma pulsão, um complexo, uma adaptação, porém depois – em definitivo – o homem é também urgência metafísica (MENEGHETTI, 2013, p. 61).

A Ontopsicologia é uma ciência que serve para autenticar tanto o pesquisador quanto o conhecimento e interessa-se, sobretudo, pela evolução do homem, pois, uma vez evoluído, ele é capaz de produzir progresso, vida. Cada pessoa que melhora, melhora toda a vida e ajuda a transformar a sociedade.

2.2 Exatidão de consciência

A área de conhecimento que estuda o ser é, na Filosofia, a Ontologia. Quando Meneghetti remete-se à Ontologia ele se refere ao conhecimento que estuda e descreve o ser.

Trata-se de colher a primeira causa que depois faz a certeza, a exatidão, a repetição constante daquele efeito. Os modos da racionalidade humana ou são fundados no ser, ou não tem sentido (MENEGETTI, 2015, p. 27).

É necessário deixar explícito que o ser humano possui um núcleo, uma virtualidade que consente a participação no real da vida. Cada pessoa, indivíduo, antes de ser homem, antes de existir, é capaz de refletir o ser que é. Todos os seres humanos provêm da natureza e já nascem com uma ordem apriórica, uma lógica, e, com o passar dos anos, devido às interferências sociais, o sujeito começa a desviar seu caminho seguindo estereótipos sociais. Por esse motivo perde o princípio original, o princípio da lógica de natureza e passa a agir, na grande maioria das vezes, como um *meme*³.

A pergunta em questão é qual o motivo pelo qual essas informações que são dadas por natureza não chegam ao Eu-consciente do sujeito? Meneghetti ao longo de sua prática clínica identificou uma descoberta que faz toda a diferença, a qual faz o papel de alterador de consciência, denominado monitor de deflexão, com função de distorção/deflexão das informações que chegam até nossa consciência. Meneghetti (2010) explica esse monitor como:

O monitor de deflexão (ou grelha de deformação) é um dispositivo psicodélico que deforma as projeções do real à imagem. Em vez de repetir a imagem referente ao objeto, altera qualquer sinal que reflete real segundo um programa prefixado. Em vez de projetar especularmente (refletir), desvia segundo uma temática imposta no receptor (deflete). “Monitor” é uma palavra que deriva do latim *moneo* que quer dizer “que sugere que corrige que censura que notifica”. “Deflexão” deriva do latim *deflecto*, que significa “desviar, mudar a estrada, dirigir-se para outro lugar” (MENEGETTI, 2010, p. 172).

Esse é um sinal que pode influenciar na exatidão de consciência, por isso existem outros instrumentos⁴ que podem ajudar nesse processo de retomada da exatidão de consciência. Outra pergunta que vem à mente é como saber se o homem é exato. Mais fácil que ver no papel é colocar em prática, pois é preciso desenvolver o seu potencial natural segundo a natureza determinou desde o seu nascimento – somente nesse caso é possível encontrar o seu objetivo de vida. Um homem que conhece a si próprio sem estereótipos certifica a exatidão de si mesmo, vive satisfeito, alcança o sucesso e a realização, caso

³ Para aprofundar o conceito sobre “meme” cf. MENEGETTI, A. Manual de Ontopsicologia. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010, op. cit. p. 66.

⁴ Para aprofundar o conhecimento sobre “os instrumentos ontopsicológicos” cf. MENEGETTI, A. Manual de Ontopsicologia. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010, op. cit. p. 281.

contrário, vive em angústia e aí podem surgir tantas psicossomáticas e problemas, que possuem causas muito específicas. Segundo Meneghetti (2010):

A doença não é um resultado de um acaso ou de uma epidemia: é sempre consequência [sic] de premissas precisas. Por mais que a sociedade, a cultura, a religião, a arte tenham construído suas razões compensativas, nenhuma racionalidade pode mudar as eternas razões da natureza (MENEGETTI, 2010, p. 61).

Sadio é o homem que faz da sua vida um resultado funcional, aquele que aumenta o próprio potencial de existência na história. A vida se encarrega de dar os sinais de erro, os quais estão coligados a comportamentos e modos específicos, cabe ao sujeito observar. Uma forma de análise dessa exatidão é fazer uma observação global do ambiente em todos os seus aspectos e analisar o sujeito. Apesar de ser um procedimento longo, sempre dá certo. Meneghetti (2010) menciona que:

O doente é relativo. Curar o doente é um alibi para a ciência, para a responsabilidade profunda de todos que se interessam pelo bem ético. Curar o doente significa dar novamente a premissa de uma sanidade biológica, mas - uma vez que tornamos um ser humano biologicamente saudável - depois existe toda a crise da existência e inadequação dos valores (MENEGETTI, 2010, p. 109).

Chega um ponto em que a vida já dá algumas evidências de que algo está errado. Se não funciona bem, deve-se procurar outra saída imediatamente, pois somente aquele que tem a humildade de retornar ao ponto inicial com ajuda de todos os instrumentos que a Ontopsicologia oferece e ainda por cima ter vontade e querer ser mais na vida pode consentir a própria exatidão. Não é um meio simples de ser tratado, existe muita resistência nessa parte, principalmente quando se toca em problemas pessoais, porém essa é a fórmula que cada um deve buscar em seu interior para se desenvolver como ser.

2.3 Exatidão do pesquisador para o exercício científico

O princípio da ciência não é o objeto, mas, sim, a autenticidade do pesquisador, a sanidade integral deste. Esses dois aspectos fazem toda diferença na solução dos problemas. Um sujeito que, em vez de estar em conformidade com seu projeto de natureza, está em desordem vital, não pode organizar qualquer outro ser vivo na natureza, caso contrário ele procede por estereótipos. Em contrapartida, uma vez que se encontra em sanidade-base radical, o homem pode inserir-se na radicalidade de todas as outras coisas

que lhe são próximas. Assim, é possível obter a exatidão do pesquisador para o exercício científico e fazer da ciência um meio confiável de se buscar as informações e soluções. Meneghetti (2010) contribui no sentido de fornecer indagações como:

Mas quem certifica o pesquisador? Quando dizemos “realidade”, qual é a tal realidade? O único real é aquilo que a minha inteligência, o meu ser contata. (...) Com isso quero evidenciar que toda e qualquer ciência, ou encontra a autoridade que a faz nascer ou não é “ciência”. Se não verificamos quem a funda, qualquer ciência é só opinativa logística. Enquanto cientistas, devemos definir o nosso “ser-aí”, a nossa ecceidade ôntica (MENEGETTI, 2010, pp. 28-29).

A responsabilidade aumenta na medida em que novos desafios são lançados à luz da ciência. Não são permitidos erros ao transmitir as informações essenciais, por este motivo somente um homem que possui uma medida própria, em conformidade com o Em Si ôntico, pode fazer ciência exata, pode ser um pesquisador exato.

Com relação à possibilidade de fazer ciência, a Ontopsicologia afirma a necessidade de que o sujeito na função investigador, aquele que busca o real, saiba, antes de tudo, encontrá-lo em si mesmo. Ou seja, a Ontopsicologia faz o papel de relacionar a consciência ao critério organísmico, àquilo que o sujeito é em si (MENEGETTI, 2003).

Então, antes de tudo existe o ser, aquele que em princípio conhece a si mesmo, caso contrário não pode ser um pesquisador do meio científico que conta com exatidão total. Essa exatidão diz respeito às gerações futuras que vão usufruir desse conhecimento. Isso pode ser aplicado em várias áreas:

Preocupando-se com a exatidão do pesquisador, é uma competência que pode ser adaptada em todos os campos, porque diz respeito ao homem. E as ciências são os objetos onde o homem se aplica. Pode ser então, usada em todas aquelas ciências, em todas aquelas técnicas onde o homem pesquisador estabeleceu, configurou divisões, categorias na ciência. Porém, por mais que nós tenhamos dividido, para entendermos melhor, para sermos mais funcionais ao resultado, permanece sempre essa carência da causalidade primeira. Ontopsicólogo é, portanto, o especialista na racionalidade com nexos ontológico. Faz “o uno, o link entre sujeito e objeto” (MENEGETTI, Revista Saber Humano, 2017, pp. 7-10).

Conforme descrito anteriormente, quando a pessoa está em processo de autenticação, será capaz de atuar a própria virtualidade em qualquer função e área que desejar. A sociedade em si não fornece valores interiores, somente a pessoa que tem interesse deve ser nascente evolutiva e, portanto, um pesquisador exato na sua área de especialização. Geralmente, o problema se intensifica quando o homem não conhece o seu corpo e colhe sempre a relação segundo sua memória e jamais segundo o modo da vida o

coloca naquele momento. Cada indivíduo carrega consigo e sempre executa o habitual *script* de estereótipos que devem ser eliminados com o tempo; o processo pode ser longo, porém necessário. Meneghetti (2013) afirma que:

A exatidão do pesquisador significa que o pesquisador deve ser livre das instituições político-democráticas, dos estereótipos das próprias próteses sócio-familísticas. “Exato” significa: comportar-se por como se é atuado pelo princípio essencial, isto é, ser como natureza põe (MENEGETTI, 2013, p. 74).

Existem alguns critérios fundamentais que o sujeito deve seguir para buscar a exatidão de consciência, realizando uma exemplar objetividade da subjetividade, de acordo com os critérios para exatidão do pesquisador para o exercício científico, os quais são: 1) Funcionalidade; 2) Correspondência com o *iso* de natureza; 3) Univocidade entre as percepções do sujeito; 4) Controle sobre o objetivo e 5) Desaparecimento do sintoma (MENEGETTI, 2010, pp. 143-144). De maneira geral, esses cinco critérios dizem respeito à função da vida, como deve ser o caminho a percorrer, ou seja, deve-se observar se o sujeito está bem, se é correspondente a si mesmo, se a sua consciência está uniforme com a intencionalidade de natureza, se ele atinge sempre o resultado positivo e funcional em qualquer sentido que se propõe a conhecer, se tem a capacidade de lidar com os problemas, ou seja, diante de uma novidade problemática muda a situação, o contexto, resolvendo o problema e não sofrendo objetivado com e pela situação, e, por último e mais importante, deve desaparecer o erro, o sintoma, o problema, se estiver de acordo com esses critérios contemporaneamente. Essa é a base para a exatidão do pesquisador para o exercício científico, sendo necessário determinar-se constantemente nessa exatidão.

3 Considerações Finais

É válido o presente estudo no que se refere a um estudo introdutório e inicial acerca da temática da exatidão do pesquisador com base nas premissas da Escola Ontopsicológica. A Ontopsicologia se propõe a fazer um resgate recuperando o ponto de origem (projeto de natureza) que projeta as fenomenologias e coloca agregado a esse ponto um elemento ontológico, que é o ser, capaz de colher o real em diversas situações no que diz respeito ao arco da vida de uma pessoa.

Recuperando esse princípio, esse projeto original, recupera-se a lógica da natureza, da vida, com a qual todas as outras coisas estão em conformidade. É importante ser

humilde e retornar ao real, verdadeiro e simples de si mesmo a cada momento. Só assim a pessoa pode tornar a ser exata, a construir uma consciência exata.

Esse é um percurso belo, que dá a cada um que se dispõe a percorrê-lo a possibilidade de ampliar a capacidade de compreensão do próprio projeto de natureza, para que, assim, exista a reversibilidade entre a lógica do Eu lógico-listórico e a lógica do Em Si ôntico.

Retornar a si é encontrar a própria vida, *por como ela é e não por como a pensamos*, e essa é a maior provocação que propomos a todos, qualquer coisa que desejar aprofundar e conhecer deve partir da exatidão de quanto se existe. Quando se é exato conforme a natureza os resultados positivos e funcionais na vida começam a acontecer de modo mais íntegro, completo, satisfatório e de forma a expandir as próprias possibilidades de ação.

Um dos pontos que a consultoria de autenticação ontopsicológica faz é dar a chave de leitura, de controle e compreensão dessa novidade, de forma que, depois, é responsabilidade do sujeito continuamente operar esta informação no cotidiano de sua vida. Na medida em que se conhece a si próprio, mais se tem poder de conhecimento do real como um todo.

Referências

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2008-2013, disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/jovem>>. Acesso em: 25 de março de 2016.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: OntoEd., 2001.

MENEGHETTI, Antonio. *Genoma Ôntico*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. *Genoma Ôntico*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. *Psicologia Empresarial*. São Paulo: FOIL Formação Ontopsicológica Interdisciplinar Liderística, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. *Ontologia da percepção*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora universitária, 2015.



Filosofia e Informação

Eunice Escosteguy

Resumo: O tema principal deste trabalho é o conceito de informação e o campo de estudo é a Filosofia. O objetivo geral é apresentar um histórico bibliográfico da busca pelo “princípio primeiro”. O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, de onde se obteve uma importante documentação sobre o tema, concluindo-se com as novidades científicas aportadas pela Ciência Ontopsicológica.

Palavras-chave: matéria; forma; energia; vontade; informação.

Philosophy and Information

Abstract: The main subject in this work is the concept of information. The field of study is Philosophy. The general object is to present a bibliographical historic the search of “first principle”. The method used was bibliographic search, getting an important documentation of this subject, concluding with the scientific news of the ontopsychology science.

Keywords: matter; form; energy; will; information.

Filosofía e Información

Resumen: El tema principal en este trabajo es el concepto de información. El campo de estudio es la filosofía. El objeto general es presentar una búsqueda bibliográfica histórica de "primer principio". El método utilizado fue la búsqueda bibliográfica, obteniendo una importante documentación de este tema, concluyendo con la noticia científica de la ciencia ontopsicológica.

Palabras clave: materia; formar; energía; será; información.

1 Introdução

Em uma época em que alguns homens da Magna Grécia lançaram as bases da ciência ocidental, das quais, muitas delas, a ciência moderna vem confirmando até hoje; a Filosofia era a Ciência por excelência, ou, ainda melhor, Filosofia e Ciência eram sinônimos e caminhavam juntas. Todas as outras, como a Física, eram derivações, ou apenas ramos da Filosofia.

“Conta-se que Pitágoras, interrogado sobre quem fosse, não se definiu σοφος, e sim φιλοσοφος, amante da σοφια” (MENEGETTI, 2009, p. 173).

Pitágoras de Samos (aprox. 570-497/496 a.C., cuja escola perdurou até o século IV a.C.), apresentava-se aos seus alunos sempre vestido com túnica branca, simbolizando pureza. O acesso a sua escola era muito difícil, pois nos primeiros estágios ele exigia de seus discípulos a completa afasia (estado na qual era proibido

pronunciar qualquer palavra) e isso poderia durar muito tempo, privilegiando o escutar, também era *conditio sine qua non* a castidade, dado que seus seguidores deveriam doar-se de corpo e alma à Filosofia. Tais ensinamentos pareciam basear-se em graus de ensinamento crescentes: partindo de “*ακουσματα*” (coisas escutadas), noções de introdução aos números, formas geométricas, e ainda preceitos comportamentais claros e diretos – evitar exageros, por exemplo, também na alimentação, deveria comer-se pouco – à “*μαθηματα*”, objetos de aprendizagem mais altos, como disciplinas de matemática, com a sua respectiva mística e doutrina escatológica.

Em estreita ligação com a doutrina pitagórica estava o orfismo – teogonia e cosmogonia na qual no início de tudo existia uma unidade perfeita, o ovo primordial ou noite, o qual, partindo-se da origem de seus separados, fato que necessitará um ciclo de reintegração das partes na unidade do todo, desembocando na teoria da salvação – contemporâneo ao pitagorismo. A tese de Pitágoras era que os números constituem o princípio e a essência de todas as coisas.

Os primeiros filósofos eram denominados sofistas, do grego σοφοσ, sábio, sapiente e, sendo estes hábeis oradores, já começavam a instrumentalizar seus discursos como “arte de persuasão”, sobretudo para fins políticos, nem sempre levando em consideração a verdade absoluta dos fatos, mas uma mentira que serviria a uma causa maior, essa sim pelo menos considerada uma verdade do ser. Então, Pitágoras define-se como alguém que não se julgava necessariamente detentor da verdade com base ontológica, mas apenas um amante desta.

“A palavra grega que designa sábio origina-se etimologicamente de *sapio* – “eu saboreio”, *sapiens* – “o saboroso”, *sysifhos* – “o homem com gosto mais picante” (NIETZSCHE, 2011, p. 45). “Na língua latina existe o termo *sapiens* (= sapiente) – participio presente do verbo ‘saber’, que significa seja conhecer, seja ter sabor – que indica que o ente é gostoso, o sapiente é aquele que se atualiza no prazer do ser” (MENEGETTI, 2009, p. 173).

Dessa forma, o tema principal deste trabalho é o conceito de “informação” e o campo de estudo é a Filosofia. O objetivo geral é apresentar um histórico bibliográfico da busca pelo “princípio primeiro”. O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, de onde se obteve uma importante documentação sobre o tema, concluindo-se com as novidades científicas aportadas pela Ciência Ontopsicológica.

2 Fundamentação Teórica

Os gregos, filósofos, que se indagavam, perguntavam e se preocupavam com as causas últimas das coisas, as verdadeiras origens, mas principalmente homens que buscavam sempre explicações lógicas e racionais para compreender a fundo as próprias vidas, a natureza, o espaço, até deus, não mais se contentavam com as explicações existentes até então.

É Tales de Mileto (aprox. 625-547 a.C.), da pequena cidade colônia grega Mileto, “o primeiro destes filósofos a olhar para o mundo e não ver ali um Zeus, uma Hera, um Poseidon, mas a água!” (NIETZSCHE, 2011, p. 7). Surge, então, a assim chamada filosofia pré-socrática, até hoje considerada o fundamento da Filosofia ocidental. Cai por terra a formulação mitológica da visão de mundo e se inicia a pura Filosofia. “Em outras palavras, esses homens souberam encarar a natureza – a *physis* – pela primeira vez como objeto em si, e não como mero “disfarce, máscara ou metamorfose” de uma realidade divina, antropomorfizada” (NIETZSCHE, 2011, p. 7).

Segundo chega-nos até hoje, o primeiro filósofo não escreveu uma linha sequer. Conhece-se sua escola, a Escola Jônica de Mileto, e seu pensamento através de seus alunos (Anaximandro e Anaxímenes) e de algumas citações posteriores que podem ter sido extraídas de originais. Com Tales inicia-se a Filosofia com a proposição que é “a água” o “*αρχη*” ou “*arché*”, princípio, comando, modelo, elemento primordial único e princípio de todas as coisas.

As formas de saber próprias do Egito, Pérsia, Índia, celtas do norte e hebreus, não obstante as diferenças da nova civilização ocidental¹, exerceram assim uma importante influência no nascimento da Filosofia ocidental, nota-se não só em Tales e Pitágoras, mas também em outros pioneiros.

Com o advento dos primeiros filósofos inicia-se a passagem lenta e gradual do mito ao “*λογος*”, pois pelo menos até Platão nota-se ainda a presença do lançar mão da alegoria mitológica como instrumento didático, linguagem enraizada no imaginário popular grego.

¹ Por exemplo, na política, no oriente existiam as monarquias, na magna Grécia havia a independência de cada cidade, muitas democráticas, onde muitos cidadãos podiam participar ativamente das decisões, do poder; quanto à língua, mesmo havendo muitos dialetos, a língua grega permite alcançar altos níveis de abstração, permitindo inclusive o nascimento do conceito de “autor”; grande diversidade de crenças religiosas, enquanto no oriente existiam as religiões das divindades, na Grécia não havia nessa época um livro sacro ou um centro de poder religioso, e sim os mitos.

Foi Aristóteles o primeiro filósofo/estudioso a “catalogar” os ensinamentos e pensamentos dos filósofos anteriores a ele, tarefa hoje impossível, com base na forma mais alta do saber – o conhecimento das causas – e pelas suas pesquisas sobre a natureza. Os pré-socráticos ocupavam-se das causas e origens da natureza: a “φυσιο”. Os “φυσιολογος” ou fisiólogos ou físicos aparentemente acusavam em um elemento material a geração e formação de todas as outras coisas – mesmo quando chegavam à conclusão que junto à matéria havia a presença de uma realidade imaterial – como atesta a famosa frase atribuída ao próprio Tales: *“Tudo está cheio de deuses”*.

Havia também, naquela época em que se iniciou a presença dos filósofos que se ocupavam da Física e da Metafísica, a grande influência dos “adivinhos” bem como dos poetas. Também é preciso levar em conta a situação geográfica. A antiga cidade de Mileto, na época, era uma rica cidade colônia grega, importante e rico polo mercantil, portal com o oriente, onde se desenvolveu, por se tratar de uma cidade aberta, a beira mar, democrática, uma troca comercial e, sobretudo, cultural com o oriente, principalmente com os impérios persa, egípcio e babilônico. Lugar de multietnias, rico, fértil e fecundo que recebia muitos estrangeiros, havia muito comércio.

Tais metafísicos partiam de observações empíricas, “a especificidade da filosofia: a observação”. Tales deu-se conta que da água, ou melhor, do úmido, originavam-se todas as outras coisas: o recém-nascido vem da água, a semente germina na terra quando chove, etc. A água é a origem da vida. Tales, filósofo, matemático, engenheiro, construtor, astrônomo, viajante, empresário – conta-se que graças aos seus estudos no desenvolvimento da ciência matemática, fez precisos cálculos astronômicos, os quais permitiram que ele fizesse a previsão de anos de excelente colheita, adquirindo assim uma fração de terra própria ao cultivo de oliveiras, obtendo uma farta colheita, conseguindo grandes lucros. Foi famoso por suas previsões astronômicas, desvendou o eclipse solar, que até então era explicado como um sinal de raiva dos deuses, que não estariam contentes com os procedimentos humanos. Tais previsões, claro, renderam muita fama, respeito e reconhecimento a Tales, mas também muitos problemas, devido à velha resistência de alguns conservadores.

Seu discípulo, Anaximandro de Mileto, talvez possa ser considerado como o típico exemplo do discípulo que supera o mestre, muito embora permaneça “oficialmente” apenas Tales como um dos sete grandes sábios da humanidade. Anaximandro, partindo também de observações, chega à conclusão que não é a água o

princípio único de todas as coisas e sim o que ele denomina, em grego, “απειρον”, ou seja, “ilimitado”. O *apeiron* é o *arché*, a partir deste geram-se todas as coisas e em primeiro lugar os contrários, calor e frio, seco e úmido – e, portanto também a água de Tales seria originada a partir do *apeiron* – e cada coisa é caracterizada pelo limite e, segundo aquele que é considerado o mais antigo fragmento da literatura filosófica grega: onde os seres humanos têm origem, também têm a destruição segundo a necessidade, porque esses “pagam uns aos outros a pena e a expiação da injustiça segundo a ordem do tempo”.

Com Heráclito aparece pela primeira vez o “λογος” ou *logos* – do qual “logia”, discurso, descrição, estudo, *racionalidade* – ou melhor, a ontologia, contemporaneamente a Parmênides de Eleia, e destes felizmente chegaram até nós diversos fragmentos de suas obras. O filósofo do “devir” era polêmico. Antidemocrático, dividia os homens em duas categorias: os que dormiam, pois não tinham alcançado determinado grau de consciência, e os que já estavam acordados, e estes últimos eram, de fato, muito poucos, sendo basicamente os filósofos.

Eremita, que se isola na montanha comendo apenas ervas, adoece e constata em seu corpo uma aumento exagerado de líquido. Seguramente uma personalidade como a dele jamais procuraria um médico, que filósofo seria ele se ele mesmo não soubesse a causa de sua doença e a respectiva cura. Aliás, considerava os médicos pessoas não confiáveis. Manda fazer um buraco na terra e se enterra, permanecendo apenas com a cabeça para fora. Claro, como para ele o *arché* era o fogo, elemento único e primordial, a partir do qual todo o universo teria origem, base de sua filosofia da colisão entre opostos, executa a sua própria cura: a terra secará a água de seu corpo. Pede também que coloquem esterco de vaca próximo a sua cova, pois assim ele secaria mais rápido. Não deu certo. Seus colaboradores o abandonaram a própria sorte, até mesmo porque, segundo ele próprio, “um acordado vale por 1.000 dormidos”, e, segundo nos chega até hoje, sua cabeça foi comida por cachorros. Disse Heráclito: “eu indaguei só a mim mesmo” (MENEGHETTI, 2008, p. 64).

A metáfora era: o ser é como um rio, no qual é impossível que nos banhemos duas vezes nas mesmas águas. A origem de tudo é o fogo. E o devir dá-se sempre através da luta (πολεμος = guerra), entre opostos: o devir de todas as coisas é o resultado do perene conflito que a tudo pertence e origina a permanente transformação: παντα ρει. Heráclito afirmava que tudo era uma constante mudança, “παντα ρει”, tudo

escorre. Parmênides, por sua vez, afirma que tem algo, sim, que não muda nunca, existe um motor imóvel, o Ser, “o Ser é, o não Ser não é”.

Seguindo o percurso lógico de Tales e Anaximandro, ou de Heráclito e Parmênides, água ou *apeiron*, fogo ou o ser, partiremos da *matéria*. Creio ser este um dado de fato irrefutável. Todos nós, seres humanos, possuímos um corpo. Constatamos, através da observação, que o universo a nossa volta também é composto de materialidade. As árvores, as edificações, até o vento, possuem as suas moléculas de oxigênio, o sol, hélio, etc. Mas, focando no homem, mesmo considerando, por exemplo, a realidade do ser humano em hospitais psiquiátricos, os afetos de esquizofrenia manifesta perdem muitas vezes a consciência corpórea. Porém, é um fato que não condiz com as suas realidades e, muitas vezes, até mesmo nós vivemos por minutos, horas, às vezes durante anos, com o cérebro parcialmente destacado de nosso organismo, percebendo estímulos mais agudos, como dores, fome, sede, mas não nos damos conta de tantos outros estímulos provenientes de todas as partes do nosso corpo.

Quem tem razão? Talvez seja somente o eterno seguir-se da história do *arché* ser a água ou o “*απειρον*”, talvez tudo mude porque na base exista um motor imóvel que sustenta tais mudanças. Mesmo Platão, quando dizia que a materialidade é apenas uma ilusão, afirmava que real era a ideia do corpo que estava no hiperurânio, não negligenciava a matéria. Afirmava apenas, talvez, o que seu discípulo, Aristóteles, descobrira por outros meios, que não existe corpo sem forma, a realidade é hilemórfica, mas o que realmente conta e faz diferença para a vida é a alma.

A palavra matéria, “em sua origem latina, deriva de “*mater*”, no sentido de substância da qual é feito o tronco da árvore” (ZINGARELLI, 2016, p. 613). Do grego, matéria deriva de “*υλη*” (*ylé*), matéria, madeira. Portanto, a partir da análise etimológica da palavra já se pode constatar o seu significado de “fenomenologia” de outro, isto é, indica uma parte da estrutura física, no caso a madeira do tronco, e não toda a árvore. Rastreia-se então que o significado de matéria, pelo menos como entendiam os criadores de nossas línguas, como uma parte que aparece e “edifica”, mas não é o todo em questão.

Ora, se matéria pode ser entendida como apenas o material, no caso a madeira do qual é feito o tronco das árvores, o que poderia distinguir uma árvore da outra? E ainda, qual diferença teria um tronco de árvore seco e outro no qual circula a seiva? A esse ponto surge o conceito atávico de *alma*. Do “grego “*ανεμος*”, sopro, movimento”

(MENEGETTI, 2001, p. 15). Também o antigo conceito grego de psique “ψυχη (verbo) sopra, respiro” (MENEGETTI, 2001, p. 190), é equivalente ao conceito de alma. Ao nominar força, desencadeia-se o conceito de *energia*, εν εργον, onde “en” significa contemporaneamente direção, o dentro, e também é iniciativo do verbo grego “ειμι”, que significa ser” (MENEGETTI, 2015, p. 26). Ou seja, energia pode ser definida como o dentro do trabalho do ser. A energia psíquica é a mais alta forma de energia. Forma, “do latim forma, modelo, marca, desenho, figura” (MENEGETTI, 2001, p. 83), é, portanto, uma modalidade de aplicar a energia. A atividade psíquica é a energia que depois formaliza todas as outras conhecidas e estudadas pela Física propriamente dita, energias potencial, cinética, gravitacional, elétrica, eletromagnética, etérica, somática (matéria), etc.

Da matéria deduzimos um princípio que anima, dá ou tira vida, a alma, equivalente de psique, que por sua vez é energia, a qual é regida por uma forma. E na relação matéria e forma, matéria e energia, sabe-se já que ambas as relações são incindíveis, não existe, não é pensável a matéria sem a forma ou a forma sem a matéria, bem como a energia sem a matéria, ou a matéria sem a energia, considerando, dessa forma, que forma e energia são incindíveis. Aristóteles e Einstein sustentam tais afirmações.

Mas se a realidade não é só corpuscular e nem só ondulatória, se, por exemplo, o ser humano é constituído por uma triplicidade energética (somática, etérica e psíquica) o que faz a “conversão” de uma forma para a outra? Qual é a passagem entre o ser e a existência? A água contém o *apeiron*, e o *apeiron* contém a água? O ser é fogo ou é motor imóvel?

3 Resultados e Discussão

Para Aristóteles todos os homens tendiam à sapiência, σοφια, a forma mais alta de saber. “A sapiência é o conhecimento das causas” (ARISTOTELES, 2011, p. 3). “Portanto, disto que acima se disse, resulta evidente que todos os filósofos parecem ter buscado as causas estabelecidas por nós na *Física*!, e que não se pode falar de alguma outra causa fora destas” (ARISTÓTELES, 2011, p. 65).

As causas pesquisadas pela sapiência são as causas primeiras: a sapiência é o conhecimento das causas e dos princípios. A σοφια é a ciência das causas primeiras.

Para Aristóteles, o Uno de Parmênides, o Ser, é o conceito mais próximo do que ele individua como forma, ou seja, a causa formal e a Filosofia, a Metafísica é a ciência da verdade e esta coincide com a ciência das causas supremas.

A Ontopsicologia descobriu “uma unidade de ação que emana específicos sinais de identidade” ou informação elementar ou Em Si ôntico. No termo “informação”, a partícula “*in*” indica contemporaneamente direção e ente, dentro e Ser; “*forma*”, modo interno que especifica e diferencia uma coisa da outra; “*ação*” ato. Portanto, informação é o ente, é ação com forma. É o modo do ente em si em relação. “A intenção é a forma vetorial em” (MENEGETTI, 2015, p. 84). “É o ser que faz vontade específica ao próprio ato” (MENEGETTI, 2015, p. 27).

A palavra “vontade”, “do latim *voluntas*, “*vol*” = quero, “*vis + olos*”, vis = força, vida, energia e olos = todo, conjunto; “*ov, on*”, “*οντος, ontos*” particípio presente do verbo εἰμι = ser e “*το (θητημι), thitemi*” = dar lugar: é a força (toda reunida) que atua o ato completo ao escopo total” (MENEGETTI, 2015, p. 26).

5 Considerações Finais

Quando Husserl (2012) afirma: “a tarefa que o filósofo se propõe, a meta da sua vida como filósofo: ciência universal do mundo, saber universal e definitivamente válido, universo de verdades em si [acerca] do mundo, do mundo em si. Que é esta a meta, qual a sua acessibilidade?” (HUSSERL, 2012, p. 214).

Meneghetti (2015) afirma que não existe nenhuma partícula elementar. O princípio da matéria é sempre uma informação. A informação não se pode ver, mas se pode saber, a matéria é uma adaptação à causalidade da forma. A forma é o princípio que faz uniformação material. A forma é pensável sem matéria, mas não vice-versa. Assim, pela pesquisa de iniciação científica aqui realizada, verificamos que “*a informação é o princípio básico elementar do universo*” (MENEGETTI, 2015, p. 137).

Referências

ARISTOTELE. *Metafísica*. 10. ed. Milano: Bompiani, 2011.

HUSSERL, E. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2012.

MENEGHETTI, A. *Dalla coscienza all'Essere. I*. Roma: Psicologica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, A. *Dizionario di Ontopsicologia*. Roma. Psicologica Editrice, 2001.

MENEGHETTI, A. *Fisicidade e Ontologia*. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. *Manuale di Ontopsicologia*. 4. ed. Roma: Psicologica Editrice, 2008.

MENEGHETTI, A. *Ontologia da Percepção*. Restinga Seca: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

NIETZSCHE, F. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

ZINGARELLI, N. *Lo Zingarelli minore*. Roma: Edizione Terzo Millennio-Zanichelli, 2016.



Epoché e Metanoia como pressupostos elementares para o pesquisador científico

Gustavo dos Santos Oliveira

Resumo: A Ciência Ontopsicológica traz uma novidade ao paradigma científico dominante colocando o pesquisador como elemento essencial no processo de pesquisa e de construção do conhecimento. Desse modo, infere-se que além de um trabalho técnico, também há um viés existencial, no sentido de autenticar o sujeito. A proposta de Edmund Husserl acerca da suspensão de juízo, ao ponto de chegar à evidência do mundo-da-vida, para a construção de um conhecimento como fundamento de verdade, foi uma das grandes provocações que instigou o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti na construção da Ontopsicologia. Assim sendo, o presente trabalho tem por escopo analisar esses dois conceitos-chave (*epoché* e metanoia) como um modo preliminar de imposição do cientista na construção do conhecimento.

Palavras-chave: *Epoché*; Edmund Husserl; metanoia; Antonio Meneghetti; Ontopsicologia.

Epoché and Metanoia as elementary assumptions for the researcher

Abstract: The ontopsychological science brings a novelty to the scientific paradigm placing the researcher as an essential element in the process of knowledge construction, that is, it should not be disregarded. In this way, it is inferred that besides a technical work, there is also an existential bias, in the sense of authenticating the individual. Edmund Husserl's proposal to suspend judgment, to the point of arriving at the evidence of the life-world, for the construction of truth-based knowledge was one of the great provocations that instigated Professor Antonio Meneghetti in the construction of Ontopsychology. Therefore, the present work has as scope to analyze these two key concepts (*epoché* and metanoia) as a preliminary way of imposing the scientist in the construction of knowledge.

Key-words: *Epoché*; Edmund Husserl; metanoia; Antonio Meneghetti; Ontopsychology.

Epoché y Metanoia como presupuestos elementales para el investigador

Resumen: La Ciencia Ontopsicológica trae una novedad al paradigma científico, situa al investigador como elemento esencial en el proceso de construcción del conocimiento. De este modo, se infiere que además de un trabajo técnico, también hay un sesgo existencial, en el sentido de autenticar al individuo. La propuesta de Edmund Husserl acerca de la suspensión de juicio, al punto de llegar a la evidencia del mundo de la vida, para la construcción de un conocimiento como fundamento de verdad, fue una de las grandes provocaciones que instigó al Profesor Antonio Meneghetti en la construcción de la Ontopsicología. Por lo tanto, el presente trabajo tiene por objetivo analizar estos dos conceptos clave (*epoché* y metanoia) como un modo preliminar de imposición del científico en la construcción del conocimiento.

Palabras clave: *Epoché*; Edmund Husserl; Metanoia; Antonio Meneghetti; Ontopsicología.

1 Introdução

O presente estudo tem por escopo evidenciar a necessidade de *suspensão de juízo* (*epoché*) proposta por Edmund Husserl, em consonância com a *mudança da mente* (metanoia), evidenciada pela Ciência Ontopsicológica, como pressuposto elementar para a construção de uma ciência baseada no mundo-da-vida. Como objetivos específicos verificar-se-ão as fases da *epoché*, com base nos textos de Alécio Vidor, Antonio Meneghetti, bem como de Edmund Husserl; a evidência do conceito de metanoia para a Ontopsicologia; e o comportamento atarácico que deve ter o cientista na pesquisa e análise dos fatos.

A escolha do tema se deu como uma provocação das aulas sobre Fenomenologia¹, em que restou claro que Husserl buscava uma saída para as ciências de modo geral, e das aulas sobre Nexo Ontológico², que versavam sobre a informação da vida, que apesar de não compreendermos, passa por nós constantemente, por meio do campo semântico. A metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa foi a de revisão bibliográfica e estudo teórico.

O trabalho se estrutura do seguinte modo: Pressupostos elementares e a *epoché* de Edmund Husserl; *Mudança da mente e autenticação*; Resultados e Discussão; Considerações Finais.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Pressupostos elementares e a “*epoché*” de Edmund Husserl

Edmund Husserl, filósofo e matemático alemão, trouxe uma valiosa contribuição ao modo de pensar como percebemos a realidade, no entanto, alguns outros grandes pensadores da história já constataram que nem tudo o que percebemos está totalmente correto e que a análise dos elementos científicos ou até mesmo da vida cotidiana muitas vezes é equivocada.

¹ Nos conteúdos sobre Fenomenologia durante a disciplina “Fundamentos Históricos e Epistemológicos da Ontopsicologia III”, durante o Módulo 3 do curso de Bacharel em Ontopsicologia da AMF.

² Na disciplina de “Fisicidade, Informação e Nexo Ontológico” durante o Módulo 4 do curso de Bacharel em Ontopsicologia da AMF.

Sócrates, enquanto um dos precursores da filosofia ocidental, utilizava um método muito interessante, a maiêutica³. Este filósofo observava que sempre quando entrava em um diálogo filosófico sobre metafísica ou fatos mais simples da vida, as opiniões eram o ponto de partida do discurso. Isso não lhe agradava, pois o modo como fomos educados e postos na dinâmica social nos faz enxergar e dialogar de modo condicionado. Assim sendo, o sujeito acaba se utilizando de conceitos, lógicas e verdades de outros, e não chega à essência daquilo que é o real das coisas.

O seu método consistia em fazer perguntas aparentemente desprezíveis sobre determinado assunto consecutivamente, até que o sujeito entre em crise e se aperceba que aquelas verdades que tanto defendia não são tão absolutas. Deste modo, o indivíduo admite para si mesmo que não conhece aquele determinado conceito e parte do princípio para compreender as coisas de fato como são.

Portanto, a proposta de Sócrates era a de se desvencilhar de todos os conceitos pré-estabelecidos sem um fundamento intelectual próprio, admitindo com humildade que não o sabe, para que do princípio possa chegar à compreensão. A frase emblemática do filósofo, “só sei que nada sei”, é caraterial para esse pensamento.

Adiante no tempo, René Descartes também salientou a problemática do conhecimento, neste caso em âmbito científico-filosófico. Em sua obra intitulada “Discurso sobre o Método” destaca que não há como produzir um saber, ou impostar juízos de valor, sem antes encontrar um fundamento imediatamente evidente, pois não se pode criar absolutos baseados em um fundamento de dúvida.

Descartes inferiu em sua obra que o mundo sensório tem a possibilidade de dúvida, eis que o mundo dos sentidos, em certo ponto, não é exato, portanto “o conhecimento que se baseia em um argumento duvidoso (mundo dos sentidos), jamais poderá ser plenamente verdadeiro” (VIDOR, 2013 p. 28). Isso se dá, justamente, em razão da impossibilidade de verificação. Portanto, se a dúvida era constante, se tornava incognoscível criar algo com validade de certeza.

Estes dois autores, citados a título exemplificativo, já constatavam que havia um problema na construção dos conceitos e, portanto, o fundamento do saber se mantinha

³ A Maiêutica foi elaborada por Sócrates no século IV a.C. Através desta linha filosófica ele procura dentro do Homem a verdade. É famosa sua frase “Conhece-te a ti mesmo”, que dá início à jornada interior da humanidade, na busca do caminho que conduz à prática das virtudes morais. Através de questões simples, inseridas dentro de um contexto determinado, a Maiêutica dá à luz ideias.

incoerente para a produção de um conhecimento verdadeiro, tanto em âmbito filosófico quanto científico.

Por sua vez, Edmund Husserl, no século XX, constatou algo similar e foi além. Porém, nessa época em que as ciências positivistas estavam no seu auge, este filósofo não foi compreendido, mas muitas vezes desprezado pela comunidade científica.

A proposta da dúvida também é parte da teoria de Husserl, ou seja, as certezas da vida cotidiana, os sentidos, os métodos científicos elaborados pelo social, não podem ser tidos como absolutos. Em um primeiro momento a dúvida se faz necessária.

Porém, se o autor se mantivesse somente na dúvida absoluta (*cogito ergo sum*), de fato não teria um avanço real do seu pensamento, pois somente haveria crítica e não uma proposta para chegar a um conhecimento verdadeiro. Desse modo, é necessário pressupor que existe um fundamento de certeza, obviamente não utilizado pelas ciências, mas existente.

É possível colocar tudo em dúvida. No entanto, é indubitável para todo e qualquer ser humano o fato de que ele existe. Neste sentido:

Eu posso excluir da verdade tudo, menos o fato que *Eu sou*. Na “epoché”, eu estou acima de tudo o que reputo válido ou falso e necessito refletir sobre mim enquanto sujeito e enquanto base de tudo o que considero válido. Por isso, não posso me furtar de examinar eu, para quem o mundo e os homens são *fenômenos* (VIDOR, 2013, p. 28).

Desse modo, o Eu verdadeiro do sujeito, apriórico a qualquer fundamento ético-social advindo do externo, se torna um parâmetro para que o sujeito possa conhecer as coisas como de fato são. É necessário fazer uma suspensão de juízo em relação a tudo que é conhecido do externo, para chegar à última camada de significado do objeto que se analisa.

Para esse escopo, Edmund Husserl propõe que a *epoché* deve ser feita em três fases ou momentos distintos.

A primeira fase é aquela em que o cientista se coloca em uma atitude contrária àquela de considerar que todo o conhecimento científico é idêntico ao mundo externo, ou seja, se faz uma redução fenomenológica, no sentido que, por esse conhecimento ser produzido pela consciência, os fenômenos são por ela formalizados e não correspondem exatamente ao real externo.

A segunda *epoché* é marcada pela necessidade de acesso à consciência pura. Nesse caso se coloca em suspensão o próprio ato de pensar, ou seja, a ação cognitiva da própria

consciência. Assim, se pode evidenciar se a consciência reflete o mundo-da-vida ou se é embasada em estruturas exteriores não evidenciadas.

Por fim, a última suspensão de juízo é feita sobre o próprio eu do sujeito, sendo esse operador anterior à consciência. É possível, deste modo, chegar ao Eu verdadeiro e acessar o mundo-da-vida de modo natural, o que depois servirá de base para refundar o critério de ciência.

O meu eu é o eu do homem concreto, é parte de um gênero de coisas no mundo. Numa atitude de reflexão mais profunda: o meu eu é o Eu do Ego que reflete como Ego puro? Para esse Ego, o mundo, os homens do mundo, o meu ser homem são objetos para conhecimento. É o Ego que realiza uma certeza de ser, que realiza o valor do mundo. Esse Ego é anônimo, é a vida enquanto se reflete e eu sou fruto do ser-ego. O Ego real não faz parte do mundo e nem pode ser designado como eu de uma vida humana porque é universal. É o Ego que em antecipação realiza operação de valor (VIDOR, 2013, p. 36).

Para o sujeito chegar ao fundamento de certeza deve, então, fazer todas essas suspensões de juízo para chegar ao princípio base do humano, que é anterior e que pode dar um critério de verdade às ciências com base no mundo-da-vida. Husserl acreditava que essa impositação do cientista poderia resolver a crise das ciências europeias.

2.3 Mudança da mente e autenticação

A proposta de Edmund Husserl, apesar de não ser concretizada, serviu como grande provocação à Ciência Ontopsicológica. O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, conhecendo a fundo a obra de Edmund Husserl, compreende que existe a necessidade de uma verificação da consciência humana para se chegar à profunda radicalidade do ser humano. “Como cientista constatei o que o filósofo Edmund Husserl denunciava e demonstrava, ou seja, que faltava à humanidade a segurança de uma ciência exata” (MENEGETTI, 2014, p. 137). Nesse sentido, segue afirmando que:

Portanto, a Ontopsicologia precisa ainda melhor o postulado de Edmund Husserl: é a consciência do cientista que não é capaz de entrar no mundo-da-vida, isto é, na intencionalidade ontológica. Não tendo esse acesso imediato original das diversas individuações do mundo-da-vida, o cientista constrói uma ciência anômala, estranha, memética, técnica, portanto monitor de deflexão: *indução à coação a repetir em sentido de sistema esquizofrenógeno* (cindido do original) (MENEGETTI, 2014, p. 154).

A Ontopsicologia com seu método descobriu que o homem possui essa base sadia, que foi denominada Em Si ôntico, que se bem compreendida serve de critério elementar para o sujeito em qualquer campo da sua existência.

Porém, para chegar à evidência desse ponto basilar, o sujeito deve passar por um *training de autenticação*⁴, que consiste na utilização dos instrumentos técnicos da Ciência Ontopsicológica, em consonância com um trabalho individual e intransferível da pessoa para adequar os seus modos de pensar e agir de acordo com a lógica deste princípio elementar que é o Em Si da pessoa.

E em meio a esse processo, o sujeito deve fazer metanoia⁵, ou seja, reorganizar os modelos comportamentais e mentais externos, para que se possa adequar o modo de pensar e agir em consonância com a lógica do próprio Em Si ôntico de cada pessoa, na medida em que é uma informação anterior que dá um critério de utilidade e funcionalidade para o sujeito.

Segundo a definição de Antonio Meneghetti, *metanoia* consiste numa variação radical do jeito de ser, do comportamento da pessoa, buscando assim uma convergência de direção essencial à busca da realidade ôntica (MENEGETTI, 2012).

Nesse sentido, a Ontopsicologia supera a concepção de Husserl, pois, além de identificar que existe uma base do humano que remete ao mundo-da-vida, evidencia que é necessário mudar a mente para adequá-la a esse princípio.

Nesse caso, o ser humano tem que deixar de impostar a sua energia numa experiência do passado e enxergar em primeira pessoa aquilo que é útil e funcional para si mesmo, para sua identidade em cada momento. No sentido de que a evidência pode dar a causalidade do objeto pesquisado no aqui e agora do sujeito.

Do modo como fomos educados somos constringidos a verificar os fatos da vida, tanto em âmbito científico quanto nos demais campos, sempre com um pré-julgamento advindo de nossa própria cultura. No entanto, não há nisso um fundamento de verdade, eis que não analiso o objeto como se dá, mas sim de acordo com a projeção dos meus complexos pessoais.

O pesquisador deve livrar-se desses condicionamentos, suspendendo o juízo e fazendo *metanoia* para mudar esse modelo mental e comportamental. Assim, consegue analisar o objeto estudado de modo verdadeiro e produzir conhecimento embasado no real

⁴ “Conformar o Eu lógico-histórico à intencionalidade do Em Si ôntico. Capacidade de desenvolver-se segundo a própria virtualidade” (MENEGETTI, 2012, p. 29).

⁵ Do grego, mudança da mente (MENEGETTI, 2012, p. 172).

das coisas. Para isso, a Ontopsicologia coloca como pressuposto elementar a exatidão do pesquisador, que pode ser alcançada a partir de uma correção da consciência, feita através de um *training* de autenticação.

3 Resultados e Discussão

Com base nesses dois conceitos elementares (*epoché* de Edmund Husserl e metanoia de Antonio Meneghetti) é possível que o pesquisador encontre a causalidade do objeto que analisa, ou seja, a partir de uma autenticidade de si mesmo é possível conhecer o mundo que o circunda de modo verdadeiro.

Na maioria das vezes quando discutimos sobre um fato ou sobre um conhecimento, fazemos associações com base em nossa seleção temática complexual, o que nos leva a não conhecer o real como é, mas sim segundo o nosso modo de construção íntima e social.

Se pensarmos que os pesquisadores de modo geral não se preocupam com a sua própria consciência e com os acreditados e postulados científicos sem uma evidência real, infere-se que o fundamento que dá sustentáculo às ciências de modo geral não é comprovadamente verdadeiro. Além disso, em sua grande maioria, durante sua vida, não chegam às suas máximas potencialidades.

Deste modo, caso se queira fazer uma ciência que faz nexos com o real do mundo-da-vida, é necessário observar os fatos como são, sem um juízo pré-estabelecido. E para este fim a metodologia ontopsicológica é um instrumento eficaz para fazer com que o homem retome a sua intrínseca lógica de natureza.

4 Considerações Finais

Foi demonstrado no presente trabalho que grandes pensadores, cada um a seu modo, perceberam que o processo de percepção do homem não funciona de modo correto, ou, pelo menos, que o ser humano construía grande parte de seus conhecimentos sem uma evidência em primeira pessoa do real que é objeto de análise.

Sócrates com a maiêutica, Descartes com o seu discurso sobre o método e, sobretudo, Edmund Husserl com a questão da Fenomenologia e a necessidade da *epoché*. Ambos foram precursores para a necessidade atarácica do pesquisador, e, certamente, o

Acadêmico Professor Antonio Meneghetti se serviu desses conhecimentos e provocações também para formalizar a Ciência Ontopsicológica.

É impensável que um cientista possa fazer uma ciência exata se não possui um critério de verificação exata, ou seja, se o instrumento da produção do conhecimento é o ser humano, esse instrumento deve estar o mais qualificado possível. Pois, quanto mais desviado for o instrumento, maiores serão as chances da sua produção intelectual se construir de modo equivocado.

Portanto, esta postura do pesquisador em consonância com um *training de autenticação do sujeito* é essencial para dar um ponto real de evolução às ciências. A exatidão do pesquisador é a chave para o nexos ontológico, ou seja, a capacidade do cientista de, a partir de si mesmo, chegar à evidência da compreensão da causalidade do objeto.

Referências

- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo, Editora Martin Claret, 2003.
- MENEGHETTI, Antonio. *Conhecimento ontológico e consciência*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.
- MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.
- MENEGHETTI, Antonio. *Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.
- MENEGHETTI, Antonio. *Nova Fronda Virescit: Em Busca da Alma*. Recanto Maestro, Ontopsicológica Editrice, 2006.
- VIDOR, Alécio. *Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.



Física e além: transcendendo a indeterminação de Werner Heisenberg

Hans Horstmann

Resumo: O presente artigo pretende questionar o que a ciência construída pelo homem realmente conhece. Neste sentido é preciso verificar o que realmente significa “conhecer”. A ciência de hoje pode realmente “ostentar” este nome? Edmund Husserl denuncia uma crise nas ciências, afirmando que nenhuma ciência demonstrou ser capaz de conhecer a causalidade em si. Werner Heisenberg evidenciou esta crise quando formulou o texto que ficou conhecido como o “Princípio de Indeterminação”, no qual demonstra que o homem cientista não consegue medir com exatidão, ao mesmo tempo, a posição e a velocidade de uma partícula atômica. Esta incapacidade de conhecer é própria da natureza? Ou é o homem cientista que tem sido incapaz de conhecer? Erwin Schrödinger afirma que a indeterminação formulada por Heisenberg não é definitiva. Antonio Meneghetti evidencia que a indeterminação não está restrita a um experimento feito em laboratório. A partir do conceito de “informação”, ele afirma que tudo está em aberto. Mas existe um caminho para se conhecer o real, a causalidade em ato. Para trilhar este caminho, precisamos afrontar o tema da Ontologia, isto é: a metafísica. Para conhecer o real, a causa em si, o homem precisa conhecer o ser, a lógica do ser. O homem então descobrirá que o ser ama comunicar, e faz isto emanando informações. É necessário aprender a ler estas informações. Este é o modo para se entrar no mundo-da-vida, como diria Husserl. Caso contrário, a ciência continuará sendo sinônimo de descrição de fenômenos que o homem cientista percebe com os sentidos externos. A causalidade permanecerá desconhecida.

Palavras-chave: metafísica; informação; princípio de indeterminação; campo semântico; Ontopsicologia.

Physics and beyond: transcending the indeterminacy of Werner Heisenberg

Abstract: the present article intends to question what the science built by man really knows. In this sense it is necessary to verify what it really means to "know". Can today's science really "boast" this name? Edmund Husserl denounces a crisis in the sciences, stating that no science has shown to be able to know the causality itself. Werner Heisenberg evidenced this crisis when he formulated the text known as the “principle of indeterminacy”, in which he demonstrates that the scientist cannot accurately measure at the same time the position and speed of an atomic particle. Is this inability of knowing natural? Or is the scientist who has been unable to know? Erwin Schrodinger asserts that Heisenberg's indeterminacy is not definitive. Antonio Meneghetti says that indeterminacy is not restricted to a laboratory experiment. From the concept of "information" he states that everything is open. But there is a way to know the real, the causality in act. But to tread this path, we must face the theme of Ontology, that is, metaphysics. To know the real, the cause itself, man must know the being, the logic of being. Man will then discover that being loves to communicate. It is necessary to learn how to read this communication. This is the way to enter the Life-World, as Husserl would say. Otherwise, science will continue to be synonymous of description of phenomena that the scientist perceives with the external senses. Causality will remain unknown.

Keywords: metaphysics; information; principle of indeterminacy; semantic field; Ontopsychology.

Física y más allá: trascendiendo la indeterminación de Werner Heisenberg

Resumo: El presente artículo pretende cuestionar lo que la ciencia construida por el hombre realmente conoce. En este sentido hay que verificar lo que realmente significa "conocer". ¿La ciencia de hoy puede realmente "ostentar" este nombre? Edmund

Husserl denuncia una crisis en las ciencias, afirmando que ninguna ciencia ha demostrado ser capaz de conocer la causalidad en sí. Werner Heisenberg evidenció esta crisis cuando formuló el texto que se conoció como el "principio de indeterminación", en el que demuestra que el hombre científico no puede medir con exactitud, al mismo tiempo, la posición y la velocidad de una partícula atómica. ¿Esta incapacidad de conocer es propia de la naturaleza? ¿O es el hombre científico que ha sido incapaz de conocer? Erwin Schrodinger afirma que la indeterminación formulada por Heisenberg no es definitiva. Antonio Meneghetti evidencia que la indeterminación no está restringida a un experimento hecho en laboratorio. A partir del concepto de "información", él afirma que todo está abierto. Pero existe un camino para conocerse lo real, la causalidad en acto. Para recorrer este camino, necesitamos afrontar el tema de la Ontología, es decir: la metafísica. Para conocer lo real, la causa en sí, el hombre necesita conocer el ser, la lógica del ser. El hombre entonces descubrirá que el ser ama comunicar, y lo hace emanando informaciones. Es necesario aprender a leer estas informaciones. Este es el modo de entrar en el mundo de la vida, como diría Husserl. De lo contrario, la ciencia continuará siendo sinónimo de descripción de fenómenos que el hombre científico percibe con los sentidos externos. La causalidad permanecerá desconocida.

Palabras clave: Metafísica; información; principio de indeterminación; campo semántico; Ontopsicología.

1 “A Natureza ama ocultar-se”

Há aproximadamente dois mil e quinhentos anos atrás, Heráclito¹ sentenciou: “φύσις κρύπτεσται φίλει”² [phýsis krýptestai phílei]. A tradução literal de suas palavras é: “a Natureza ama ocultar-se”. O homem sempre esteve em busca do conhecimento. Procura saber, conhecer. É algo inerente à natureza humana. É importante lembrar que o verdadeiro tesouro jamais se encontra na superfície. É preciso buscá-lo e procurar aquilo que está escondido, oculto.

Nesta busca pelo conhecer, o homem enquanto cientista tem procurado no lugar errado, “saindo” de si mesmo, procurando no externo as respostas que se encontram no seu íntimo. O resultado desta procura “fora de si” é que o homem construiu uma ciência que não é ciência³. Esta implica necessariamente “saber como age o ente. Saber a ação do ser. Saber a ação por como o ser ou a natureza a põe e a gere” (MENEGETTI, 2012, p. 49). A ciência é feita por homens, mas este fato não é devidamente considerado (HEISENBERG, 1969). Neste sentido,

Para a ciência que se reputa objetiva, não se leva em conta as condições subjetivas de quem produz a ciência. Por consequência, fica fora de consideração a situação subjetiva do cientista. O homem deixou de esclarecer quem é o homem, excluindo a compreensão interna do homem do seio científico e

¹ 535-475 a.C.

² Heráclito, fragmento 123.

³ Ciência “significa ‘saber com o ser’ e, etimologicamente, deriva do latim *scire ens quod agit*: *scire* = saber; *ens*, *entis* = ente; aquele *cia* final é a redução de *actio* = ação. Portanto: saber o ente que age” (MENEGETTI, 2014b, p. 77).

preocupou-se em voltar seu olhar para o externo, construindo uma ciência tecnológica de domínio sobre a natureza e de poder para manipular o homem. Com esses conhecimentos, a ciência não tem acesso ao modo de ser e agir da forma humana, e o homem pode ser subjugado por seus produtos, considerados “científicos” (VIDOR, 2014, pp. 37-38).

De modo geral, a ciência construída pelo homem restringe-se basicamente à descrição de fenomenologias percebidas pelos sentidos externos. A causalidade permanece oculta. Este é o cerne do problema crítico do conhecimento, isto é: o homem é capaz de conhecer o real?

Edmund Husserl⁴ denuncia esta situação afirmando que nenhuma ciência “demonstrou-se capaz de colher a causa em si, a informação causante” (MENEGETTI, 2015b, p. 23). Assim, é incapaz de entrar no *mundo-da-vida* (*Lebenswelt*). Esta é justamente a crise das ciências⁵.

A crise denunciada por Husserl foi evidenciada por Werner Heisenberg⁶ quando ele formula o texto que ficou conhecido como o seu “Princípio de Indeterminação”:

No momento, no qual a posição do elétron é conhecida, só se pode conhecer a sua velocidade por quantidades, que correspondem àquela inconstante alteração; isto é, quanto mais precisa a posição for determinada, maior será a imprecisão conhecida da velocidade, e vice-versa... (HEISENBERG, 1927, p. 175, tradução nossa).

Para Heisenberg, a formulação da teoria quântica não poderia estar fundamentada sobre as noções intuitivas de tempo e espaço, de causa e efeito, ainda que todos os nossos conceitos estejam ligados a essas noções intuitivas (CAPRA, 1995). Daqui se conclui que uma sistematização coerente da interpretação da Teoria Quântica exigiria muito trabalho e esforço.

O resultado do esforço, agora solitário, de Heisenberg foi um trabalho intitulado “Sobre o conteúdo visualizável da cinemática e da mecânica na Teoria Quântica”⁷, no qual formula o que viria a ser conhecido como seu famoso Princípio de Incerteza. **Esse princípio “não foi”, portanto, um ingrediente usado para formular uma Teoria Quântica consistente, mas apareceu como uma “consequência necessária” da teoria à qual Heisenberg chegara por**

⁴ 1859-1938.

⁵ Cf. HUSSERL, E. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Eine Einleitung in die Phänomenologische Philosophie* (A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Uma introdução à filosofia fenomenológica). Nijhoff, 1954.

⁶ 1901-1976. Prêmio Nobel em Física em 1932 “pela criação da mecânica quântica, cuja aplicação, entre outras coisas, levou à descoberta das formas alotrópicas do hidrogênio”.

⁷ Cf. HEISENBERG, W. *Über den anschaulichen Inhalt der quantentheoretischen Kinematik und Mechanik. Zeitschrift für Physik*, v. 43, p. 172-198, 1927.

caminhos bem outros (grifo do autor). Ela foi percebida apenas mais tarde, na busca da interpretação da teoria (PIZA, 2007, pp. 111-112).

O entendimento em si, do Princípio de Indeterminação de Heisenberg, não é tarefa das mais difíceis. Mas, as consequências da indeterminação formulada por Heisenberg são relevantes, principalmente no que diz respeito ao problema crítico do conhecimento, isto é: o homem conhece a realidade que mede? Heisenberg chama à atenção para o fato de que o

(...) erro experimental não representa – pelo menos dentro de certos limites – uma propriedade do elétron, mas sim o conhecimento deficiente que temos acerca do elétron. E a deficiência desse conhecimento está também presente na função de probabilidade (HEISENBERG, 1995, p. 40)⁸.

Neste sentido, é a interação entre o objeto medido e os instrumentos de medição que provoca uma perturbação nas partículas, contaminando a informação original. É justamente este fato que impede o conhecimento da causalidade em ato. Niels Bohr afirma que o

(...) aspecto crucial neste ponto é o reconhecimento de que qualquer tentativa de analisar, à maneira habitual da física clássica, a individualidade dos processos atômicos, condicionados pelo quantum de ação, é frustrada pela inevitável interação dos objetos atômicos em exame, com os instrumentos de medida indispensáveis para este fim (BOHR, 1995, p. 24).

No entanto, há estudiosos que interpretam o enunciado de Heisenberg de maneira totalmente diferente. Afirmam que a indeterminação é uma característica imanente da natureza quântica, como é o caso de Hawking (2005):

O limite imposto pelo princípio da incerteza não depende da maneira pela qual você tenta medir a posição ou velocidade da partícula, nem do tipo de partícula. O princípio da incerteza de Heisenberg é uma propriedade fundamental, inescapável, do mundo, e teve profundas implicações na maneira como vemos o mundo (HAWKING, 2005, p. 95).

A ideia de que a indeterminação é uma característica imanente da natureza e não é o resultado de nossa deficiência em observar, nem do fato de que o observador afeta o observado, já está presente desde o início da Física Quântica. Paul Dirac, que apresentou a teoria do pósitron – a antipartícula do elétron – afirma que:

⁸ “(...) as relações de Heisenberg não expressariam, pois, uma característica física dos objetos, mas uma característica de nosso conhecimento acerca dos objetos. Portanto, é pertinente classificar a presente versão como epistemológica” (CHIBENI, 2005, p. 184).

Há quem afirme que não se pode localizar exatamente um elétron, porque ele não se encontra em um lugar determinado. (...) Existe um limite para os nossos poderes de observação e para o mínimo de perturbação que acompanha o nosso ato de observação, um limite inerente à natureza das coisas e que nunca pode ser vencido pelo aperfeiçoamento da técnica e da habilidade do observador (CARUZO e OGURI, 2006, pp. 468-471).

Embora haja interpretações distintas quanto à natureza⁹ do Princípio de Indeterminação, no presente momento a nós interessa a realidade evidenciada por Heisenberg, isto é: *o homem não conhece a realidade que mede*. E esta incapacidade de conhecer não está restrita ao fato de podermos medir somente uma grandeza, isto é: ou sabemos a posição de uma partícula ou conhecemos a sua velocidade. Precisamos verificar o que esta parte, que é possível conhecer, realmente representa. Para tanto, queremos chamar a atenção para as primeiras palavras de Heisenberg quando ele escreve em 1927: *“In dem Moment”* (“No momento”, tradução nossa). De acordo com Heisenberg, aquilo que é possível conhecer refere-se única e exclusivamente *a um momento* específico. No caso do experimento em questão¹⁰, este momento é aquele no qual o fóton colide com o elétron. Passado este momento, não se sabe com exatidão absolutamente nada. O elétron não está mais onde estava, e a sua velocidade também não é mais a mesma. Neste sentido, o saber do homem está restrito a um conhecimento parcial de um momento passado.

Werner Heisenberg admite a impossibilidade do conhecimento quando afirma que o átomo

(...) não é nem um objeto, nem uma coisa. Diretamente não é observável. Idealizando, pode-se dizer que é energia em contínuo movimento que colapsa segundo formas preestabelecidas (colapsos da função de onda). Mas cujas coordenadas não são encontradas na matéria. Como é possível que de um microcosmo probabilístico emergja um macrocosmo determinístico? Com exceção dos sistemas atômicos postos sob observação onde o ato de mensuração provoca o colapso da função de onda, o que provoca segundo formas preestabelecidas o colapso em todos os átomos que não são observados? (HEISENBERG apud MENEGETTI, 2015b, p. 132).

⁹ A interpretação ontológica considera a indeterminação uma propriedade fundamental da natureza, enquanto que a interpretação epistemológica considera que a natureza não é indeterminada. É o homem enquanto cientista que se revela limitado para conhecer a ordem oculta.

¹⁰ Cf. HORSTMANN, H. *A Ontopsicologia como resolução ao problema crítico do conhecimento. Um diálogo entre Werner Heisenberg e Antonio Meneghetti*. In: Saber Humano, fev. 2017, p. 116-133. O autor faz uso do experimento da fenda dupla para demonstrar o Princípio da Indeterminação de Heisenberg.

Diante desta realidade, as palavras de Heráclito – “a natureza ama ocultar-se” – parecem evidenciar um limite intransponível. Erwin Schrödinger¹¹ em seu livro “*Meine Weltansicht*” (“*Minha visão de mundo*”, ainda sem tradução para o português), afirma que

(...) ao observamos o nível quântico sem termos conhecimento do nível profundo que o sustenta – O Eu transcendental – nós somos levados a crer na indeterminação de suas estruturas e processos. Mas tal indeterminação é pura aparência, posto que seja apenas o “ruído”, o efeito aparente de uma ordem fundamental que permanece oculta: “o Eu, no sentido mais amplo do termo, é quem controla o movimento dos átomos de acordo com as leis da Natureza” (PIZA, 2007, p. 177) (SILVA, 2011, p. 178).

Erwin Schrödinger não considera o princípio formulado por Heisenberg como definitivo, e aponta para um caminho que pode levar à transcendência da indeterminação proposta pelo físico alemão. Ao invés do homem cientista “sair de si” para buscar conhecer, a solução está no caminho inverso, para dentro de si mesmo. Retorna o imperativo socrático “γνῶθι σαυτόν” [gnôti sautón = conhece a ti mesmo]. Sem conhecer a si mesmo como ser, como pessoa, é realmente impossível o conhecimento do real, isto é, o conhecimento da causalidade em ato. O homem não conhece a realidade que mede por que não conhece, de fato, a si mesmo.

Sem a Ontologia¹², a ciência estará relegada à mera descrição de fenomenologias. A causa permanecerá oculta. E isto não se deve ao fato da natureza amar ocultar-se, como sentenciado por Heráclito. “A ontologia indaga o real que é, ou melhor, a *res*. Esta *res*, quando a concebo, é *forma entis*, portanto, um modo do ser (literalmente, do essente)”¹³ (MENEGHETTI, 2015a, p. 12).

Conhecimento ontológico – em contraposição ao conhecimento opinativo - é “quando a mente reflete a ação do real ou do ser (...) (MENEGHETTI, 2012, p. 57). Diz respeito a “colher a primeira causa que depois faz a *certeza*, a exatidão, a repetição constante daquele efeito. (...) Às ciências falta a exatidão daquele critério que a vida usa consigo mesma” (MENEGHETTI, 2015b, p. 27). O conhecimento para ser verdadeiro

¹¹ 1887-1961. Prêmio Nobel em Física em 1933 “pela descoberta de novas formas produtivas de teoria atômica”.

¹² Do grego ὄν, ὄντος [ón, óntos] genitivo do particípio presente do verbo εἶμί [eimí] = do ser; λόγος [logos] = estudo.

¹³ “Ser: princípio universal de quanto existe ou é real, o ser é o primeiro simples geral que consente a lógica apriórica entre ser e não ser. Em Ontopsicologia distinguem-se três modos de ser: 1) metafísico ou Ser transcendente (Ser como Deus); 2) comum, ou ser como participação universal de todas as coisas; 3) individual, ou ser como participação de mim existente aqui e agora” (MENEGHETTI, 2012, p. 244).

deve estar em perfeita conformidade com o ser, pois é ele que fundamenta o verdadeiro saber. O pensar, por si só, não é garantia de objetividade (VIDOR, 2014).

Do final do século XIX até os anos sucessivos ao primeiro pós-guerra, procedeu-se uma nova e radical revolução no mundo científico. Neste momento é considerado verdadeiro e científico não mais o que é sufragado pelo dado da experiência verificada, mas o que é considerado tal pela comunidade científica. Essas posições são, porém, sempre verificáveis e falsificáveis, portanto, sempre hipotéticas e abertas a desenvolvimentos futuros, caso a experiência negasse a sua validade. Mas enquanto isso, a alma, a psique, onde foi parar? **A ciência é sempre profundamente antimetafísica e não admite o elemento subjetivo, considerado opinável e irracional** (grifo do autor): continua a dar validade à realidade apenas com critérios externos à pessoa do pesquisador, ou seja, um método, um procedimento, um protocolo (MENEGETTI, 2010, p. 95).

2 O Ser ama comunicar

Para conhecer o real, faz-se necessário retornar à máxima de Parmênides¹⁴, “o único filósofo que chegou à compreensão do ser (...), como se conclui das poucas frases que chegaram até nós” (MENEGETTI, 2015a, p. 72): *χρή τὸ λέγειν τὲ νοεῖν τ’εὖν ἔμμεναι· ἔστι γὰρ εἶναι, μηδὲν δ’οὐκ ἔστιν* [chrē to légein té noein t’éon émmenai: ésti gár êinai, medén d’uk éstin], cuja tradução é: “é preciso falar e reconhecer: o ser (pois) é; o não ser não é”. Aqui está a base do conhecimento ontológico.

No princípio é o Ser. E o Ser se basta. Não tem necessidade de absolutamente nada. Não é energia ou matéria, pois aqui já estamos no âmbito da fenomenologia. “Ao invés, o primeiro princípio do Ser é forma pura, sem hipótese de matéria. É a forma das formas: sem existir ele é tudo, em qualquer lugar, simples” (MENEGETTI, 2015b, pp. 67-68).

O ser é, o não ser não é. Não há absolutamente *nada fora do ser*. Para fazer verdadeira ciência é imperativo *saber o ser*¹⁵. Esta é a metafísica¹⁶.

A partir da descoberta da forma elementar como definitivo causal do composto experimental (não existe partícula, mas forma), a ontologia torna essencial o critério elementar do nexos que a forma evidencia. Portanto, encontrei o geral que está sob todos, feios e belos, sujos ou limpos, pequenos ou grandes etc.: **o ser em sentido metafísico. “Metafísico” significa colher uma presença que se mantém intacta mesmo que sejam tirados todos os modos do seu aparecer,**

¹⁴ 515-450 a.C.

¹⁵ “O objeto específico do nosso intelecto é o ser, mas nenhuma das ciências tem a preparação técnica racional sobre aquilo que é *o ôntico em si*” (MENEGETTI, 2015, p. 63).

¹⁶ Do grego μετά [metá] = além de; φύσις [phýsis] = qualquer coisa que um ou mais sentidos percebe, toca; origem, natureza, a ordem da natureza. Cf. LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *Liddell and Scott Greek-English Lexicon*. Oxford, 1996.

acontecer, fenomenizar-se. No final, chega-se a compreender – não a dizer – que o ser é, o não ser não é (grifo do autor). Naquele ponto, a imanência do ser é o geral total que está sob qualquer particular e diversidade (...) A este ponto, compreendi a informação que me apela ao ser, porque a informação transcende o próprio informado. (...) Esta é contínua metafísica, isto é, ir para além das aparências, das percepções, das ‘coisalidades’ e inverter-se de modo ecceico no interno desta presença que o ser é: eu sou naquele ser que faz entes todos os existentes e faz ente a relação (MENEGETTI, 2015b, pp. 91-92).

No início deste artigo, ouvimos de Heráclito que a “natureza ama ocultar-se”. Nós, em contrapartida, afirmamos que o *ser ama comunicar* (ἔιναι λέγειν φίλει [éinai légein phílei]). Esta é a razão principal pela qual é possível conhecê-lo. É justamente neste seu comunicar que ele se dá a conhecer. Não podemos conhecer o todo do ser. Só conhecemos do ser aquilo que ele nos deixa ver quando se mostra. E quando se mostra, quer ser conhecido.

Nós percebemos a existência. Mas esta existência, como φύσις [phýsis], o que é? Meneghetti (2015a) surpreende pela objetividade e simplicidade quando afirma: “Esse real físico é fenomenologia de uma informação – total, geral, simples etc. – que estabelece a realidade e não é visível se não nas diferenças que põe” (MENEGETTI, 2015a, p. 68). “Toda e qualquer singularidade individuada vivente ou só matérica, possui uma específica informação para ser tal” (MENEGETTI, 2015b, p. 37). É enfático ao declarar que a busca pela “partícula de Deus” é uma procura em vão.

A este respeito, Schrödinger escreve: “mas quando se trata das partículas elementares constituintes da matéria, parece que não faz sentido pensar nelas novamente como consistindo de algo material. Elas são, por assim dizer, forma pura, nada mais senão forma” (SCHRÖDINGER, 1996, p. 110). Neste sentido, a ideia de forma não se refere ao “formato” exterior, mas ao conjunto de relações fundamentais que estabelecem a configuração daquilo que é. A forma é “o que indica e define o modo de ser da coisa. A forma define a substância, da qual só o ser lhe é ato. Forma, atualidade do ser no existir. Portanto, a forma é o princípio de existência” (MENEGETTI, 2015b, p. 65, 66). Meneghetti (2015b) enfatiza que, quando buscamos a causalidade elementar

(...) não encontramos a partícula que dá origem ao complexo matérico, nem aquele todo que intrinsecamente dá causa racional ao múltiplice. (...) O último dado experimentável é uma informação. A matéria aparece metamórfica. Sempre como extensão concreta. A forma aparece superior e criativa. A forma, em sentido ontológico, é aquele princípio que constitui a identidade, a especificidade, o modo do ser no existir. (...) Portanto, o primeiro princípio cria o mundo através da projeção de formas, de imagens, permanecendo totalmente

imaculado, incondicionado de tais projeções. O ser faz o existir através de formas (MENEGHETTI, 2015b, p. 75).

O ser ama comunicar. Esta comunicação consiste basicamente na emanação de formas ou informações. E o ser quando informa, cria. Este fato pode ser evidenciado até no relato escritural da criação, no livro de Gênesis: “a terra, porém, era sem forma e vazia”¹⁷. Sem a forma, não há nada além do próprio ser. Sem a forma não há matéria. A informação é antes de tudo “o modo do ente em si em relação” (MENEGHETTI, 2015b, p. 84). Informação não é simplesmente “uma coisa”. É o ser em ação, e esta ação implica necessariamente uma relação. É o ser em comunicação criativa formalizante.

No termo “informação” a partícula “in” – como também “em” – muito mais que etimologicamente, é fundamental porque, atendo-se à hipótese da comunicação, **evidencia o momento no qual o ser comunica** (grifo do autor), faz contato, especifica-se, faz-se existência. Aquele “in”, aquele “en” não significa apenas “in”, “no” íntimo, mas é também iniciático de *Êימי* [eimi] (=ser), ou seja, do ser que *é e age*. Portanto, “in” é contemporaneamente direção e ente, é o ente que vai em ação, e enquanto vai em ação é já forma, ou seja, não age em caos ou ação por ação: *é ação com forma*. A ação é já definida e configurada formalmente, portanto, é já diversa, é uma *ação específica que produz efeito específico* (MENEGHETTI, 2015a, p. 26).

A primeira causalidade de tudo aquilo que foi criado pertence ao íntimo do ser, a tal ponto que “no interno da matéria há uma imanência do ser que faz a informação daquilo que este ou aquele quer e intenciona. *A matéria é exposição da intenção do ser que é*” (MENEGHETTI, 2015b, p. 74). Daqui apreendemos que

(...) o ser que está presente no objeto é o mesmo ser que age a mim como sujeito. *O ser é o mesmo, diversa é a forma*. Eu e o objeto temos a continuidade no ser, temos diversas formas que nos constituem; mas, não obstante a diversidade das informações, somos sempre naquele isso, naquele uniforme onde o ser é, o não ser não é. (...) O fenômeno sem a imanência contínua da causalidade ôntica não se autojustifica, senão enquanto sustentado pelo contínuo do ser (MENEGHETTI, 2015b, p. 78).

A criação não é, portanto, um ato ocorrido num passado distante. O nosso pensar está condicionado pela noção de tempo. Somos praticamente obrigados a pensar em modos fechados, isto é: passado, presente e futuro. Mas, o tempo em si, não é real. O ser está acima, fora dele. Para o ser só se aplica o verbo “ser” no presente, ou seja: *o ser é*. E este “é” é desde sempre e para sempre.

¹⁷ Gênesis 1.2.

O ser está criando agora, também a mim. “A natureza humana é partícipe constante daquele primeiro projeto – o ser – que constitui o humano. Aquele primeiro projeto é perene, não é um passado: é atual porque cada um vive e para viver necessita da atualidade do ato substancial, que é imanente” (MENEGETTI, 2015a, p. 14). De certo modo, parece mais natural admitir que fomos criados. Mas é bem mais difícil percebermos que estamos sendo criados. “Portanto, o fato de existir é a criação em ato: o ser está me constituindo na existência, em uma cifra exposta fora, mas este “fora”, ou seja, esta fenomenologia – (...) – é substanciada por um ato imanente que é informação e constitui a materialidade da minha individuação” (ibid).

O ser cria do nada de si mesmo emanando informações, de modo que todo o real matérico possui uma informação para ser tal. Depois do ser, tudo é informação. Vivemos dentro de um universo¹⁸ informacional, onde tudo é contínuo. “O conceito de ‘continuidade’ é ineliminável: não existem no universo interespaços vazios. O universo não é constituído de segmentos, mas de variáveis na continuidade de um único portante” (MENEGETTI, 2015a, p. 68). Neste universo informacional não existe nada parado, estático. Tudo é um contínuo semovente. Tudo está em relação. Tudo está em comunicação.

Por exemplo, não conhecemos a situação de uma partícula em repouso ou parada. A conhecemos sempre em quântico dinâmico e junto a. De qualquer modo, na natureza não pode existir o isolado estático, porque tudo sempre é contínuo no interno de uma vasta unidade que, por quanto centrífuga, sempre exige a unidade ou identidade do próprio projeto: informação (MENEGETTI, 2015b, p. 88).

Esta é a principal razão pela qual podemos afirmar que o homem pode conhecer o real, isto é, a causalidade daquilo que lhe diz respeito. “Em qualquer ação, a natureza indica e fala, e depois efetua o irreversível. O cientista enquanto homem está dentro das coisas e, com consciência aberta aos eventos, pode identificar, isolar e controlar o evento” (MENEGETTI, 2015b, pp. 58-59).

3 O Ser comunica sempre

¹⁸ Universo, do latim *unus versus* = voltado ao uno.

Para conhecer o real, isto é, a causalidade em ato, é inútil partir dos efeitos, da fenomenologia. Conhecer o real implica necessariamente em colher a informação que dá origem à fenomenologia.

Estar a ver os tijolos, o cimento, o teto, não leva a nada. O conhecimento da informação consente uma técnica infalível, porque é consubstanciada pela rede, pelos feixes, pelas condensações, pelos campos, pelos comportamentos-base deste universo, que a vida constitui e no qual estamos dentro, e que podemos somente ler e compreender em nossa vantagem (MENEGETTI, 2015b, p. 90).

O conhecimento prático que permite “ler para além da consciência e para além da física até hoje teorizada” (MENEGETTI, 2015b, p. 85) é o campo semântico¹⁹. É a forma que existe antes da matéria, é o conhecimento antes da energia. “O campo semântico revela a existência de fontes informacionais que emanam sinais globais, que se revelam só quando são recebidos e, portanto, ativam-se e fenomenizam forma e matéria” (MENEGETTI, 2015a, p. 11). O campo semântico permite entrar no fazer causal do ser.

O campo semântico me abre o *passe-partout* da situação e vejo o que faz, o que acontece, o que desaparece, o que se evidencia. Que seja uma relação elétrica, de massa, emocional, entre duas plantas ou entre uma pedra e um ser humano, é indiferente: *com a percepção eu colho a comunicação que a informação faz entre dois (ou mais) num contexto de pontos-força* (MENEGETTI, 2015b, p. 84).

A vida implica necessariamente em uma comunicação contínua. “O campo semântico é a comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações” (MENEGETTI, 2012, p. 38). É como a vida fala,

(...) é o código-base ou fórmula-base da vida. Caso ele tivesse possibilidade de erro, a vida não existiria; tem uma perfeição que coincide com a mesma volitividade perfectiva do Ser em si. Se assim não fosse, seria o princípio do erro intrínseco à vida e, portanto, conclui-se o nula (MENEGETTI, 2015a, p. 17).

O campo semântico possibilita ler a contemporaneidade do evento, não se baseia na memória e não está sujeito a nenhuma regra fixa. “É a verdadeira informação direta – sem ‘profetas’ ou ensinamentos – que o universo, a vida ou, se quiserem, ‘Deus’ age ao nos constituir existência histórica assim como somos” (MENEGETTI, 2015a, p. 97). O

¹⁹ “O campo semântico é um transdutor de informação. Transmite uma informação, um código, uma imagem que, quando chega, estrutura em emoção qualquer coisa vivente, comportando uma variante emotiva orgânica. Não transfere energia, mas é com a energia. (...) ‘Campo’ é um contexto hipotético, definido por três coordenadas: espaço, tempo e individuação. (...) ‘Semântico’ do grego $\sigma\eta\mu\alpha \ \acute{\alpha}\nu \ \kappa\tau\acute{\iota}\zeta\omega$ = sinal da ação naquele lugar; o sinal enquanto se constitui” (MENEGETTI, 2012, pp. 39-40).

campo semântico lê a semovência em novidade contínua no momento em que acontece. “Com o campo semântico eu vejo a semovência, a vetorialidade que muda continuamente, mas eu posso observá-la constantemente e, segundo aquilo de que tenho necessidade, para cada modo eu sei sistematizar e programar a dominante com a conexão dos compostos” (MENEGETTI, 2015b, p. 73).

Neste sentido observamos uma diferença substancial entre a formulação do Princípio de Indeterminação feita por Werner Heisenberg e a realidade do campo semântico, descrita por Meneghetti. Heisenberg é enfático ao afirmar que o homem não pode conhecer com exatidão, ao mesmo tempo, a velocidade e a posição de uma partícula atômica. Importante perceber que este conhecimento parcial só é válido no exato momento em que ocorre o impacto do fóton com o elétron. A própria formulação do Princípio de Indeterminação deixa isto muito claro: Heisenberg inicia com as palavras: “*In dem Moment...*” (No momento..., tradução nossa). Passado este momento, o homem enquanto mede, não sabe nada com absoluta exatidão.

Quando Heisenberg definiu o ‘princípio de indeterminação’, em essência, ele se referia ao experimento em laboratório, mas não sei se tenha compreendido que qualquer informação resta na constante variável de vastas e complexas interações de campo. Toda informação é provisória, não é nunca parada ou definida: age no interior e com outras informações, que por sua vez sofre e condiciona. Para qualquer informação – (...) – é contemporânea a interação de outras informações que consentem a unicidade irrepitível da informação que eu sou; e assim é para a folha, para o lago etc. Portanto, a indeterminação é constante e não pode existir um definido parado, um experimento estático, uma ação colhida como cifra matemática fechada. Tudo resta aberto (MENEGETTI, 2015a, p. 70).

4 O Ser quer ser conhecido

Enquanto o homem cientista utilizar qualquer método de averiguação que utilize algo externo e diferente de si mesmo, estará inevitavelmente alterando o objeto de pesquisa, mudando o resultado e perdendo a causalidade. Diferentemente, o campo semântico:

(...) engloba completamente e lê a indeterminação provisória, porém depois estabelece a hierarquia: qual informação deve usar as outras e prevalecer. Estou falando sobre informação dominante, que não é nunca a mesma, mas muda, e a cada vez acontece, age, efetua não de modo estatístico, mas de modo continuativo, até que existem aquelas tolerâncias, ou seja, aqueles valores autônomos de matéria, dinâmica, intencionalidade que dão o primado àquela forma que especifica o ato integral (MENEGETTI, 2015b, p. 72).

Com o conhecimento do campo semântico é possível ler a informação dominante, que é a causalidade em ato. Pois, é o próprio íntimo do objeto que se dá a conhecer. Informa a sua própria realidade. Ele emana a si mesmo. O fato desta informação ser provisória não significa que não possa ser conhecida, pois, o campo semântico colhe justamente a semovência da informação em ato. Ler a informação não significa interferir no objeto de pesquisa, no sentido de modificá-lo, de contaminar a informação original. Ler a informação significa simplesmente “colher” esta informação, à semelhança de um aparelho de rádio que sintoniza determinada estação: deste modo pode-se ouvir aquilo que está sendo “informado” sem, contudo interferir na informação transmitida.

Com o campo semântico eu posso saber antes do fazer-se do evento: é suficiente interceptar a notícia, a informação que efetuará as coordenadas daquele evento energético. (...) com o campo semântico posso saber se um evento ocorrerá ou se, antes de ocorrer, entrará uma outra informação que modificará a primeira informação (MENEGETTI, 2015a, p. 86-87).

No princípio é o ser. O ser a si mesmo se basta. Mas por sua vontade, cria a existência do nada de si mesmo, emanando informações. A partir deste fato podemos afirmar que é possível entrar na causalidade do ser. É possível conhecer o real. É possível conhecer o ser, não em sua totalidade, mas o ser que está em relação com o homem. Para tanto, é necessário aprender a ler esta informação. É necessário parar de considerar apenas o visível matérico, a φύσις [phýsis], e aprender a “olhar” além.

Fazendo a transcendência universal das fenomenologias, depois de tê-las descrito, medido e confrontado, chega-se à *intuição* (o ser dentro, saber dentro) daquele outro – mundo da vida – que é presente, que está operando, escrevendo, caminhando, respirando. (...) Fazer a *redução fenomenológica*, portanto, significa colocar de lado tudo o que aparece no fato cognitivo, ‘*ex parte obiecti et ex parte subiecti*’: no processo exato para alcançar o conhecimento metafísico, deve-se estar em condições de eliminar não somente as aparências matéricas, mas também o princípio de indeterminação de Heisenberg, por isso o sujeito não somente deve colocar de lado tudo aquilo que viu, descreveu, que contingentemente, operacionisticamente individuou, mas depois deve eliminar a si mesmo cientista, a si mesmo técnico, e também os seus modos de chegar àquele conhecimento (MENEGETTI, 2014a, pp. 122-123).

Portanto, a proposta epistemológica da Escola Ontopsicológica representa o apelo inerente ao homem de contato com a realidade una que o permite, na experiência idêntica entre ser e pensar, fazer ciência em sentido pleno e originário.

Referências

BOHR, N. *Física atômica e conhecimento humano: ensaios 1932-1957*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

CAPRA, F. *Sabedoria incomum*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.

CARUSO, F; OGURI, V. *Física Moderna: origens clássicas e fundamentos quânticos*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2006.

CHIBENI, S. S. *Certezas e incertezas sobre as relações de Heisenberg*. Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 27, n.2, p. 181-192, 2005.

HAWKING, S. *Uma nova história do tempo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

HEISENBERG, W. *Der Teil und das Ganze*. Muenchen: R. Piper & Co. Verlag, 1969.

HEISENBERG, W. *Física e filosofia*. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

HEISENBERG, W. *Über den anschaulichen Inhalt der quantentheoretischen Kinematik und Mechanik*. Zeitschrift für Physik, v. 43, p. 172-198, 1927.

HORSTMANN, H. *A Ontopsicologia como resolução ao problema crítico do conhecimento: um diálogo entre Werner Heisenberg e Antonio Meneghetti*. In: Saber Humano, Fev 2017. p. 116-133. Disponível em: <<https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/182>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *Liddell and Scott Greek-English Lexicon*. Oxford, 1996. Disponível em: <<http://stephanus.tlg.uci.edu/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

MENEGHETTI, Antonio. *A Crise das Democracias Contemporâneas*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014a.

MENEGHETTI, Antonio. *Da Consciência ao Ser: Como impostar a filosofia do futuro*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014b.

MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012,

MENEGHETTI, Antonio. *Fisicidade e Ontologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.

MENEGHETTI, Antonio. *Ontologia da percepção*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, Antonio. *Psicologia empresarial*. 2. ed. São Paulo: Foil, 2013.

PARMENIDES alle Fragmente: vor allem der *Grundsatz DK 28 B 3 und das große Haupttextstück DK 28 B 7 und 8*, griechischer Text nach H.Diels & W.Kranz, Berlin 1903 (28 B 1-19)/ deutsch Hans Zimmermann 2000, 2007. Disponível em: <<http://12koerbe.de/pan/parmen.htm>>. Acesso em: 07 abr 2017.

PIZA, A. F. R. de T. *Schrödinger & Heisenberg: a física além do senso comum*. 2. ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2007.

SILVA, V. C. *A Filosofia da Natureza de Erwin Schrodinger*. In: Ensaios Filosóficos, Volume IV, p. 167-184, outubro/2011.

SCHRÖDINGER, E. *A Natureza e os Gregos: seguido de Ciência e humanismo*. Lisboa: Edições 70, 1996.

TACHIZAWA, T.; MENDES, G. *Como fazer monografia na prática*. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

VIDOR, Alécio. *Opinião ou Ciência: tecnologia x vida*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.



Da relação entre direito ambiental, meio ambiente e ser humano: anotações prospectivas para uma análise

Mariana Brito Araujo

Resumo: O direito ambiental e a relação do ser humano com o meio ambiente são as preocupações deste artigo. Direito entendido não só sob o ponto de vista de suas normas, mas também do ponto de vista de sua aplicação, seja por aqueles incumbidos de realizá-las pela autoridade ou violência subjacentes às instituições de que são parte, seja por aqueles que buscam esta mesma aplicação e utilizam as normas como norteadoras do que entendem que deva prevalecer como direito posto. São vários ângulos de visão, que podem implicar em diferentes modos de analisar este campo de observação, composto pelo direito ambiental, o homem e o meio ambiente. São utilizadas: a análise bibliográfica e a análise de textos e documentos, além da exemplificação através da descrição de um “*case*”, elementos que serão integrados por meio da aplicação da ferramenta fundamental do campo semântico – a cada instante, neste campo hipotético-convencional, as informações que resultam dominantes informam e estruturam comportamentos e decisões de quem as recebe. É possível constatar tais informações predominantes orientando comportamentos, verificando sua utilidade e funcionalidade para o ser humano? É o que se pretende analisar neste artigo.

Palavras-chave: Direito Ambiental; Meio Ambiente e ser humano; aplicação; funcionalidade; campo semântico.

The Relationship between Environmental Law, the Environment and Human Being: Prospective notes for an analysis

Abstract: Environmental Law and the relation between human being and environment are the concerns of this article. Law understood not only under the point of view of its rules, but also in the point of view of its application, either by those charged with carrying them out by the authority or violence underlying the institutions of which they are party, or by those who seek this same application and use the norms as guiding principles of what they believe should prevail as law. There are lots of points of view, which can imply in different modes of analyze this field of observation, composed by Environmental Law, Man and Environment. It was used the bibliographic analysis, text and documents analysis, as well as exemplifications through the description of a case, elements which will integrate through the application of the fundamental tool of semantic field: in each moment, in this hypothetical-conventional field, informations that result dominant, inform and structure behaviors and decisions of who receives it. Is it possible to verify this predominant information, orienting behaviors, verifying its utility and functionality for the human being? That’s what this article aims do analyze.

Keywords: Environmental law; Environment and human being; enforcement; functionality; semantic field.

De la Relación entre Derecho Ambiental, Medio Ambiente y Ser Humano: anotaciones prospectivas para un análisis

Resumen: El derecho ambiental y la relación del ser humano con el medio ambiente son las preocupaciones de este artículo. Derecho entendido no sólo desde el punto de vista de sus normas, sino también desde el punto de vista de su aplicación, sea por aquellos encargados de realizarlas por la autoridad o violencia subyacentes a las instituciones de que son parte, sea por aquellos que buscan esta misma aplicación y utilizan las normas como orientadoras de lo que entienden que debe prevalecer como derecho puesto. Son varios ángulos de visión, que pueden implicar en diferentes modos de analizar este campo de observación, compuesto por el derecho ambiental, el hombre

y el medio ambiente. Se utilizan, el análisis bibliográfico, el análisis de textos y documentos, además de la ejemplificación a través de la descripción de un "case", elementos que serán integrados por medio de la aplicación de la herramienta fundamental del campo semántico: a cada instante, en este campo hipotético-convencional, las informaciones que resultan dominantes, informan y estructuran comportamientos y decisiones de quienes las reciben. ¿Es posible constatar tales informaciones predominantes, orientando comportamientos, verificando su utilidad y funcionalidad para el ser humano? Es lo que se pretende analizar en este artículo.

Palabras clave: Derecho Ambiental; Medio ambiente y ser humano; aplicación; funcionalidad; campo semántico.

1 Introdução

O presente trabalho é o terceiro de uma série de artigos elaborados no âmbito das disciplinas de “Projeto Pequena Tese”¹ do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). No primeiro trabalho (ao término do Módulo I), se buscou analisar a aplicação da lógica formal a uma decisão judicial específica, com o objetivo de demonstrar o papel desviador das ideologias e do superego social sobre os processos puramente racionais na tomada de decisão, acrescentando ao final a questão da funcionalidade ao humano como diretriz para a aplicação da norma. No segundo trabalho (ao término do Módulo II), se buscou resolver a dúvida quanto à existência ou não de uma relação entre o fenômeno arte e o fenômeno direito, sob o ponto de partida do homem que busca a realização de seu projeto como indivíduo e sociedade. O trabalho acabou por enveredar no instinto como ordem de vida, do qual emanam as criações humanas em sentido metafísico (ao fim, Ontoarte) e na arte de operar o direito, que pode ainda ser instrumentalizado como garantia de liberdade ao fazer artístico.

Este trabalho é o mais próximo do campo prático jurídico, campo de atuação da autora, especializada em direito empresarial e ambiental e especialmente na aguda questão dos resíduos, temática intrinsecamente vinculada à sustentabilidade da existência humana no meio ambiente, aqui entendido como meio ambiente natural. É ainda necessário ressaltar que se buscará tratar nesta pesquisa somente do meio ambiente natural. O meio ambiente artificial (além do cultural e do trabalho) como entende a doutrina, implica o enlace com outras questões, distintas das que se pretende analisar no presente artigo.

Considerando-se que o tema do artigo está ligado à área jurídica, as definições nele usadas relativas ao meio ambiente natural e ao meio ambiente artificial serão aquelas extraídas da doutrina jurídica. Conforme Luís Paulo Sirvinkas:

¹ Conforme Estrutura Curricular (Matriz Curricular) do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia (PPC) da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

“podemos dividir o meio ambiente em: **a) meio ambiente natural – integra a atmosfera, as águas interiores, superficiais e subterrâneas, os estuários, o mar territorial, o solo, o subsolo, os elementos da biosfera, a fauna, a flora, a biodiversidade, o patrimônio genético e a zona costeira** (art. 225 da CF); b) *meio ambiente cultural* – integra os bens de natureza material e imaterial, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (arts. 215 e 216 da CF); c) *meio ambiente artificial* – integra os equipamentos urbanos, os edifícios comunitários (arquivo, registro, biblioteca, pinacoteca, museu e instalação científica ou similar) (arts. 21, XX, 182 e s. e 225 da CF); d) *meio ambiente do trabalho* – integra a proteção do homem em seu local de trabalho, com observância às normas de segurança (arts. 7º, XXII, e 200, VII e VIII, ambos da CF)” (SIRVINSKAS, 2016, p. 129-130, grifo da autora).

O Direito é um fenômeno. Não há que falar do “em si” do Direito sem os homens, pois ele deriva dos homens em relação. Sua principal motivação é, portanto, a humanidade: é por ela e para ela produzido (JHERING, 1963). À medida, porém, que é produzido, ele também informa e provoca efeitos (MENEGHETTI, 2009). Sua elaboração e implementação são lentas, mesmo porque é da natureza da norma a sua abstração e possibilidade de aplicação nos mais diversos fenômenos. A estrutura do Direito deve ser feita para durar, pois o equilíbrio no tempo é seu foco e mais perfeita ela será por quantas situações conseguir abranger e mais harmonia facultar. Daqui deflui o princípio da segurança jurídica. Conforme nos ensina José Afonso da Silva:

A “segurança jurídica” consiste no “conjunto de condições que tornam possível às pessoas o conhecimento antecipado e reflexivo das consequências diretas de seus atos e de seus fatos à luz da liberdade reconhecida”. Uma importante condição da segurança jurídica está na relativa certeza que os indivíduos têm de que as relações realizadas sob o império de uma norma devem perdurar ainda quando tal norma seja substituída (SILVA, 2005, p. 133).

Este trabalho partirá da premissa de que o Direito, uma vez produzido pelo homem, é de possível vantagem para o homem. No trabalho anterior se analisou quem seria este homem; a saber, o homem autêntico. “Autêntico (significa) ser igual a como o projeto individual prevê (MENEGHETTI, 2012, p. 29)”. Transparente a si mesmo, este homem consegue enxergar em torno, reconhecer a situação e a estreita relação com o outro, que do extremo de uma relação, se torna simultaneamente parte *com* o outro e *do* todo. No desenvolver do trabalho se verificará como isso é importante.

Também interessa estabelecer, partindo dessas premissas, *como* seria este Direito, especialmente o *novo* Direito Ambiental, ou seja, o que é preciso para elaborar e criar um direito mais funcional para o homem.

Em relação ao meio ambiente dito natural, é possível fazer o mesmo raciocínio? Parece que não, afinal o meio natural em que se insere o homem segue sozinho, por si. O ser humano não é indispensável à vida, que segue seu caminho, sua ordem, detendo intencionalidade própria e independente. Um princípio inteligente predispôs uma ordem, a começar pelos quatro elementos fundamentais: o ar, a terra, a água, o sol. Esta independência pode causar a impressão de que o homem pode ser destacado da natureza, que está fora dela e conduzir a concepções de negação do próprio homem em relação ao meio ambiente natural. O ser humano, contudo, está inserido nesta ordem e dela faz parte integrante e atuante, por meio de um princípio que o estrutura, seu Em Si ôntico (MENEGHETTI, 2010).

A natureza tem sua ordem, que se direciona para a sobrevivência, o tornar a si mesmo e contemporaneamente, se diversificar, produzir formas únicas. Esta ordem é inteligível ao ser humano? Por trás desta pergunta está outra, o ser humano é capaz de conhecer? Quando ele impacta o meio ambiente, é capaz de conscientizar a informação que este ambiente lhe comunica?

Meio – encontra-se como um dos significados etimológicos, do latim *medius* = sítio, lugar de encontro e *ambiente*, do lat. *ambitus entis* = o cerco ou espaço daquele ente. Colocação de sentido de uma individuação em um inteiro. Meio ambiente seria assim para alguns uma redundância. *Medius*, porém, pode significar também aquilo que ocupa uma posição entre duas ou mais coisas, como metade, como equidistância entre elas. Neste sentido, é um termo usado para indicar também aquilo que “serve para ou permite alcançar um fim” (HOUAISS, 2009). E esta parece ser a acepção mais adequada para “meio” na expressão “meio ambiente”.

Para crescer, realizar seu projeto é necessário um meio ambiente favorável, é como a parábola do semeador (Mateus, 13):

“Certo homem saiu para semear. Enquanto semeava, uma parte das sementes caiu à beira do caminho e os pássaros vieram e as comeram. Outra parte caiu no meio de pedras, onde havia pouca terra. Essas sementes brotaram depressa pois a terra não era funda, mas, quando o sol apareceu, elas secaram, pois não tinham raízes. Outra parte das sementes caiu no meio de espinhos, os quais cresceram e as sufocaram. Uma outra parte ainda caiu em terra boa e deu frutos, produzindo 30, 60 e até mesmo 100 vezes mais do que tinha sido plantado” (grifo da autora).

O direito ambiental é contemporâneo à sociedade atual e, portanto, não é infenso à sua dinâmica interna: expressa uma rede de interesses, mas pode constituir também inteligência a serviço do homem, ou seja, lhe facultar instrumentos para a realização de um

meio ambiente ecologicamente equilibrado, essencial à sadia qualidade de vida, bem como preservá-lo para as futuras gerações.

Hoje vivemos inseridos em uma grande rede social, estruturada e densa, da qual emerge o Estado, que cria as normas e os meios para sua eficácia. A democracia, invenção que buscou permitir ao homem se manifestar livremente e eleger aqueles que constituem o Estado, é fonte direta do direito ambiental. Traz, porém, como dificuldade, o fazer prevalecer a opinião de muitos em detrimento da informação real de natureza. A opinião, a ideia, prevalece sobre o que simplesmente é.

A sociedade já não empresta às normas de origem divina. Pode-se falar, porém, de um direito natural, baseado em uma ideia de justiça que abrigue a multiplicidade e heterogeneidade do ser humano, aplicada segundo princípios de equidade e que se dirija à sua realização existencial e espiritual. Também para os fins deste trabalho se evitará ver a norma como mera racionalização de interesses e instrumento de força de uma classe sobre outra. Não se nega a ocorrência do fenômeno do uso casuístico da norma por intermédio de interesses momentâneos de dominação, nem que ela expresse as contradições no seio de uma sociedade que ainda busca o equilíbrio e a saúde. Evitar, porém, o recurso exclusivo a este entendimento, que empresta ao direito a casca vazia da indiferença ao humano, permite cogitar ser possível, através deste mesmo direito, retomar a busca de valores perenes, como a justiça, o bem, o belo e reentrar na humanidade como parte de um único grande corpo, em que se reconhece a fonte comum a partir da qual a natureza nos criou, com a mesma finalidade (ROMMEN, 1946).

Com isso, se evita a irresponsabilidade e a excessiva materialidade no tratamento e na condução do fenômeno legal, com a conseqüente perda do espírito humano e o conceito de finalidade que lhe é ínsito. Se tudo é momentâneo e passageiro, deixemos de refletir e sejamos como as pedras, os animais, através dos quais a natureza age, mas que não refletem, pois se tudo se encerra no momento presente e resulta do aglomerado da soma de forças, sem finalidade que não a proteção egoística infantil e imediata, para que pensar categorias do espírito, como o belo, o bom? Para que lutar pela conquista do direito, como dizia Jhering? O mesmo raciocínio pode ser transposto para o empreendedor que explora o ambiente de forma predatória e indiferente, o que, no fundo, lhe dá uma posição de escravo e não de senhor sobre a terra. Ou seja, conforme salienta Meneghetti (2011), são escravos de uma terra que não compreendem.

De tudo o que foi dito, não se pode dizer que o fenômeno jurídico seja propriamente “pacífico”. Mas ele *busca a paz* e ainda há muito que fazer neste sentido, isto é, em relação a este setor do direito (ambiental). Tem-se encontrado imensa dificuldade, tanto no âmbito da criação da norma como da sua aplicação, em alcançar a harmonia e o equilíbrio almejados pelo Direito.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Algumas premissas. A norma ambiental

O professor Édis Milare (2005) em sua obra intitulada Direito do ambiente definiu os seguintes marcos representativos da evolução da norma ambiental:

- 1º marco legal - Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981 - Política nacional do Meio ambiente - PNMA;
- 2º marco legal - Lei nº 7.347, de 24 de julho de 1985 – A AÇÃO CIVIL PÚBLICA;
- 3º marco legal - a CONSTITUIÇÃO FEDERAL de 1988;
- 4º marco legal - Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998 – LEI DE CRIMES AMBIENTAIS;
- 5º marco legal - Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010 – A PNRS – Política Nacional de Resíduos Sólidos (MILARE, 2005).

A Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, instituiu a Política Nacional do Meio Ambiente. Esta lei introduziu instrumentos de planejamento ambiental (descentralização); determinou responsabilidades e penalidades para casos de poluição; definiu a política nacional do meio ambiente (que sofreu diversas alterações até a data de hoje); regulou e estruturou o Sistema Nacional do Meio Ambiente – SISNAMA, tal como o conhecemos hoje, o qual é composto por órgãos do poder executivo, pelo CONAMA, pelos órgãos estaduais do meio ambiente e pelos órgãos ambientais municipais. O CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente – edita normas essenciais no setor.

Já o segundo marco legal, a Lei nº 7.347, de 24 de julho de 1985, estabeleceu o instrumento da ação civil pública. O Ministério Público, as associações e ONGs

(Organizações Não Governamentais) ganharam um instrumento legal para concretização dos direitos ambientais.

O terceiro marco legal é, sem dúvida, a Constituição Federal de 1988. Pela primeira vez a questão ambiental foi expressamente tratada pela Magna Carta, em seu artigo 225: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo às presentes e futuras gerações”.

Não menos importante é o quarto marco legal, a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, que trata da sanção administrativa pela má conduta e do crime contra o meio ambiente.

Finalmente, o quinto marco legal, a Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010 – a PNRS: Política Nacional de Resíduos Sólidos.

A este ponto, uma breve digressão: não há normas demais? Já foram editadas até o presente momento, mais de 470 Resoluções pelo CONAMA. Ver-se-á que este é um ponto que merece cuidado e exige rigor conceitual para o intérprete da norma no momento de sua aplicação.

Todas estas normas mostram que em matéria de criação normativa o Brasil tem caminhado bem e que sem dúvida existe uma estrutura que prevê a conduta adequada em relação ao meio ambiente, com instrumentos que visam à sua realização, coercitiva ou não.

2.2 Sobre a relação homem/natureza e o direito

Que relação pode existir entre Direito e Vida? De que modo pode a vida, em seu dinamismo, bem como em seu constituir-se, determinar um dever ser que se completa na construção existencial de cada um?

“O ser humano pertence ao grande projeto da vida, é posto e por ela é sustentado” (MENEGHETTI, 2011, p. 19). Refletindo seu projeto individual, aparece em identidades únicas, como todo projeto de natureza e esta multiplicidade é que permite a harmonia.

Se o homem é também natureza, porque o conflito? Ou ainda, porque o conflito acaba por destruir, ao invés de constituir dialética e criar, fazer crescer, melhorar? O chamado terceiro setor – as organizações sociais – manifesta seu descontentamento, insatisfeito quanto à condução de eventos relacionados ao meio ambiente por parte das empresas privadas e do Estado, bem como o Ministério Público, desde a promulgação da

Constituição de 1988, do estabelecimento do marco legal da Ação civil pública e da LOMP – Lei Orgânica do Ministério Público – cresceu em força e poder, em parte pela sua ação decisiva na prevenção e ressarcimento de danos ambientais, ou seja, sobre os litígios que tem como pano de fundo a questão ambiental. Não menos conturbado é o papel do Judiciário, e quem milita na área não se surpreende mais com os ataques frontais ao sistema legal e a negativa da aplicação das normas infraconstitucionais em nome de uma principiologia cuja origem não se divisa. Por fim, verdadeiros “memes”: o meme é uma “(...) ideia que, uma vez colocada em um cérebro que a hospeda, influencia os eventos em modo tal a criar outras cópias de si mesma ou variáveis estruturais. Princípio indemonstrado” (MENEGHETTI, 2012, p. 162). Basicamente, uma informação sem fundamento no real.

Paulo de Bessa Antunes (2016) aponta a existência, no que se refere ao direito ambiental, de duas tendências, ponderando que a equidade dá a riqueza e a complexidade do momento e aponta a necessidade de um critério ético comum na aplicação do direito.

O socioambientalismo passou a representar uma alternativa ao conservadorismo/ preservacionista ou movimento ambientalista tradicional, mais distante dos movimentos sociais e das lutas políticas por justiça social e ético quanto à possibilidade de envolvimento das populações tradicionais na conservação da biodiversidade. Para uma parte do movimento ambientalista tradicional/preservacionista, as populações tradicionais – e os pobres de uma maneira geral – são uma ameaça à conservação ambiental. (...) A vertente preservacionista se encontra reunida em torno do grupo Planeta Verde e encontra forte base de sustentação no Ministério Público (...) É da própria natureza do Direito Ambiental, que ele seja examinado de forma flexível e maleável. A relevância do chamado socioambientalismo e a sua compreensão jurídica é que, efetivamente, ele busca localizar o Ser Humano no centro do nosso legislador constitucional ao definir o princípio da dignidade da pessoa humana como um dos princípios basilares de nosso ordenamento jurídico. Equivoca-se o socioambientalismo (porém...) ao pretender que, necessariamente, as populações tradicionais protejam o meio ambiente (ANTUNES, 2016, pp. 12-13, grifos da autora).

Assim, também na doutrina as posições divergem e vão do extremo antropocentrismo ao biologismo exarcebado. A maior parte dela, porém, como seria de se esperar, *ao menos põe na norma a referência para cumprimento e realização do direito.*

A referência ao conflito não cuida aqui do diálogo inerente à multiplicidade e heterogeneidade humanas, mas de um verdadeiro embate entre antagonismos absolutos, que pode deflagrar em degradação ambiental de um lado ou na paralisação de atividades essenciais à economia de outro e por vezes em ambos simultaneamente, com prejuízo à segurança jurídica necessária à estabilidade das relações e à realização pessoal, como

indivíduo e como empresa, destruindo investimentos e anulando resultados. São extremos que não se comunicam: a radicalização da sacralização da natureza, *sem o homem* – e o empreendimento consumidor da natureza, também *sem o homem*.

2.3 A falta de comunicação – o desconhecimento do campo semântico

No que tange as possibilidades de comunicação entre a natureza e o homem, visto ambos serem aspectos de uma única unidade, a Ontopsicologia, por meio de pesquisas realizadas e de todo o percurso de construção de seu corpo teórico, aponta para uma rede comunicativa desta unidade, denominada de campo semântico. O campo semântico:

(...) é a formalização de um vetor entre dois contextos energéticos. Cada contexto ou campo, embora mantendo o próprio específico “iso”, é posto em correlação informática, de modo tal que um contata e ‘conscientiza’ a forma do outro. (...) Indubitavelmente, este conhecimento pode precisar e objetivar infinitas lógicas e, sem dúvida, desmentir qualquer erro científico ou existencial. Isso é possível visto que com o conhecimento do campo semântico se entra na verbalização que a vida usa com as próprias individualizações (MENEGETTI, 2015, pp. 56-57).

Conhecer o campo semântico significa reconhecer o que a vida informa. No campo da aplicação da norma ambiental pelo Poder Judiciário, a segurança jurídica é ainda um desafio. Há muitas decisões ponderadas que buscam, sobretudo, a interpretação da norma à luz da legislação infraconstitucional e da Constituição Federal, com a aplicação de equidade, mas ainda há muito desencontro e são muitos os exemplos. Para ilustrar a situação descrita acima, apresentamos aqui um “*case*”, a mesma decisão que foi objeto de estudo do trabalho elaborado na Pequena Tese I, Módulo I, no curso de Bacharelado em Ontopsicologia em outubro de 2015, desta vez para utilizá-lo com o fim de ilustrar como o desconhecimento do homem sobre si mesmo e suas capacidades impede sua atuação pessoal. Eis um breve resumo do caso:

Das partes no processo: trata-se de ação promovida por ASSOCIAÇÃO ambiental, que defende direitos ambientais em termos genéricos. A ASSOCIAÇÃO é a *autora*. Não representa uma comunidade determinada. A EMPRESA, por sua vez, opera uma central de tratamento de resíduos perigosos – a única em funcionamento e com capacidade para recepção de tais resíduos na região. Está localizada em zona industrial. A EMPRESA é a *ré* na ação.

O pleito formulado (pela ASSOCIAÇÃO autora) é o seguinte:

Há cerca de 10 anos, houve um incêndio dentro da área da EMPRESA. A mesma situação se repetiu há cerca de 05 anos, um novo incêndio, dentro da área da EMPRESA. Os fatos foram noticiados nos jornais e o órgão ambiental multou a empresa nas duas ocasiões. Segundo a ASSOCIAÇÃO, mesmo reconhecendo a atuação do órgão ambiental com a imposição de multas, é certo que *devem ter ocorrido danos à comunidade em razão destes incêndios e estes danos devem ser ressarcidos*. Como a ASSOCIAÇÃO representa o lado mais frágil em termos sociais, se deve aplicar o código de defesa do consumidor ao caso e o encargo de efetuar o levantamento dos danos (o denominado ônus da prova) e calcular o valor do seu ressarcimento deve ser repassado à EMPRESA. Pede assim que o juiz indique um perito e a perícia deve ser paga pela empresa. O objeto da perícia seria levantar os danos, quantificá-los e calculá-los.

Da resposta ao pleito por parte da Ré. A EMPRESA ré, por seu turno, exerce uma atividade intensamente controlada pelos órgãos ambientais. Os incêndios haviam ocorrido há muito tempo, como levantar danos sobre meio já tão modificado pelo tempo? Não existia “comunidade atingida” à época – a planta industrial localiza-se em zona industrial e é vedada a instalação de residências neste tipo de zoneamento. É fato que a autora teve imensa dificuldade de encontrar essa “comunidade”, trazendo alguns depoimentos isolados e descontraídos, alguns deles até contrários à sua própria tese. *Faltou a vítima do dano*. Ressaltando a questão da segurança jurídica, a EMPRESA lembrou já ter respondido juridicamente através da penalização pelo órgão ambiental à época dos fatos, tendo efetuado todos os investimentos necessários às retificações então exigidas. A multa e a adoção de algumas medidas técnicas foram as únicas exigências formuladas pelo órgão de controle, *que constatou expressamente não haverem danos fora da propriedade da EMPRESA*.

Ao contestar o pleito, a EMPRESA esclareceu todos estes pontos e disponibilizou ao Poder judiciário e à própria ASSOCIAÇÃO os relatórios de monitoramento periódico (a cada seis meses) de água e solo que tinha a obrigação de apresentar ao órgão ambiental e que demonstravam a inexistência dos danos alegados.

A decisão do judiciário. Não se tratam de argumentos vazios. São fatos. Não há fronteiras tênues ou dúbias: a autora pedia algo que não sabia o que era, para satisfazer o direito de não saber quem, atacando situação já consolidada em que a ré já teria sido responsabilizada nos termos da lei. Nem sempre o que se traz ao Judiciário é tão cristalino assim como foi neste caso: a ação proposta pela ASSOCIAÇÃO se afigurava em evidência

uma aventura temerária, contra um estabelecimento qualificado, que atendia tecnicamente à demanda pela destinação adequada de resíduos perigosos da região, a única no Estado capacitada para fazê-lo. Supreendentemente, contudo, o Poder Judiciário, através de decisão do magistrado, após extensa motivação, que não vem ao caso repetir aqui, aceitou o pedido da ASSOCIAÇÃO e determinou o levantamento dos danos (quais?).

O que aconteceu no caso em tela? O magistrado adotou como premissas que a empresa, por ser uma empresa de tratamento de resíduos *é má*, explorando e prejudicando o meio ambiente, sendo certo que inevitavelmente deve ter errado e que a organização social *é boa*, porque é uma associação sem fins lucrativos e protege o meio ambiente. Ao decidir, o magistrado se conduziu segundo ideias fixas, pré-determinadas, indiferentes à realidade: adotou estereótipos, ignorando fatos documentados e comprovados nos autos do processo que contrariavam tais premissas.

O estereótipo é “um comportamento típico, aprovado e reconhecido, mas indemonstrado. Um comportamento caracterial apreendido do externo” (MENEGETTI, 2012, p. 99). Em si mesmo o estereótipo é neutro. A dificuldade começa na sua absolutização: se tornar resposta a toda e qualquer situação – mesmo quando ele a evidencia não se aplica ao caso concreto e isso dentro de um contexto em que é socialmente aprovado. Viu-se acima que o conhecimento do campo semântico permite atuar vida. Não conscientizado, traduz-se no sujeito em formas mecânicas e repetitivas de comportamento.

O estereótipo se apreende por campo semântico em efeito *trigger*. Por campo semântico em *trigger* entende-se uma informação com efeito póstumo: o emitente insemna a informação no dependente (1ª fase); a informação procede e permanece incubada, ou seja, o passivo não reage (2ª fase); quando se realizam as coordenadas histórico-temporais, a informação se atua, ainda que o emitente não exista mais (3ª fase). O efeito do campo semântico em *trigger* surge quando o sujeito, histórica ou organicamente, atinge o nível de maturidade necessário para a atuação da dinâmica (MENEGETTI, 2015, p. 114).

É uma memória que é acionada em momento posterior à sua constituição. O estereótipo em si, como dito acima, é neutro e pode ser sabiamente utilizado pelo homem sadio.

Chegou ao conhecimento das partes que o magistrado era um sincero amigo da natureza: desde criança partilhava do seu convívio e tinha como lazer pessoal o campismo. Como poderia favorecer uma empresa que recebia lixo? Assim, na melhor das intenções,

absolutizou um hábito (comportamento repetitivo) apreendido na infância e aplicou-o a um caso concreto atual, para circunstâncias diferentes.

Porém, não se tratava da relação epidérmica e lúdica de uma criança com o frescor da natureza, o que em si é muito simpático, mas de um empreendimento – o único existente no Estado, que tratava em conformidade com a técnica e com a lei, os resíduos perigosos nele gerados. Quando o assunto é *política urbana*, a solução ambientalmente adequada para a produção diária de toneladas de resíduos perigosos, a *memória* de uma relação individual, pessoal e imediata com o meio natural não funciona, pois se trata de uma questão macro, difusa entre milhões de habitantes, que pede uma solução *atual*. *A equidade pede o ajustamento dos interesses envolvidos e seu balanceamento sum cuique*. No caso em questão, a atividade de disposição deveria ser protegida, já que necessária à economia e desenvolvimento em ambiente sadio da sociedade daquele grupo, daquela comunidade (no caso, de toda uma unidade federativa, um Estado). Do outro lado, alguém pede indenização por eventual dano decorrente dessa atividade – se reconhecido tal direito, deve sê-lo a ponto de equilibrar a necessidade de continuidade do serviço e satisfazer de alguma forma o prejuízo sofrido, sempre em conformidade ao direito posto como garantia de civilidade.

O estereótipo foi tão forte, que implicou inclusive no desvio da lógica racional no processo de tomada de decisão, conforme premissas constantes dos autos do processo. Bloqueou até mesmo a norma em si. *A norma cedeu lugar aos princípios que deveriam ser seus informadores*. Tomou lugar da norma o princípio geral da precaução, do poluidor – pagador e ainda um novo, subtraído do direito penal: *in dubio pro ambiente*.

Mas afinal, o que são princípios? O judiciário tem por vezes utilizado princípios vagos e de difícil determinação, especialmente na área ambiental, para dar fundamento às suas decisões, porém seu valor *como única forma de alcançar a realidade do direito* é questionável e facilmente açambarcada por estereótipos.

Quanto à sua função dogmática, deve-se dizer que embora se apresentem como enunciados *lógicos* e, nessa condição, pareçam *anteriores* aos problemas que, afinal, ajudam a resolver, em verdade e quase sempre os princípios da interpretação funcionam como *fórmulas persuasivas*, das quais se valem os aplicadores do direito para justificar pré-decisões que, mesmo *necessárias* ou convenientes, se mostrariam arbitrárias sem o apoio de cânones interpretativos (COELHO, 2003, p. 36).

Os princípios jurídicos não são, assim, *novas normas*, bem como, não podem ser delas isolados, como se fosse possível aplicá-los desconsiderando justamente o que

pretendem interpretar. Sobre a arte de interpretar, nos ensina Vicente Ráo, em seu clássico *O Direito e a Vida dos Direitos*:

Se nem a norma positiva do direito legal ou costumeira, examinada segundo todos os processos de interpretação, nem a analogia, fornecerem a regra aplicável à situação de fato, cumpre, então, ao intérprete, abrir o caminho da investigação, dentro da esfera dos princípios gerais do direito (RAO, 2013, p. 497).

Ou seja, um princípio geral pode ser utilizado como único fundamento para aplicação do direito quando é ausente a norma escrita e até mesmo a norma costumeira, não sendo possível o preenchimento da lacuna por analogia. E não é só: para que seja adequado ao caso concreto, deve ser abstraído inicialmente: 1) sobre o sistema jurídico positivo; 2) sobre as leis científicas do direito; 3) por último, na esfera da filosofia do direito (RAO, 2013).

Por que tal modo de interpretação e decisão não é aceito?

Como dito acima, o ser humano não se comunica do íntimo de si ao íntimo do outro (seja este “outro” um ser humano ou o meio natural), mas segundo regras fixas estabelecidas em sua tenra infância, internalizadas e tornadas inconscientes no sentido de que o homem as aplica mecanicamente, de forma indiferente ao real. É como se as regras se alojasse e atuasse no humano de *per si*. Há um efeito rede de informações fixadas em milhares de indivíduos em razão da cultura e da história, que emprestam à realidade a sua interpretação baseada na fé do momento. O campo semântico em rede é como uma bomba de efeito retardado, prestes a explodir:

(...) em tal circuito a ação é uma, mesmo se dividida em várias pessoas. Cada uma das pessoas (‘A’, ‘B’, ‘C’, ‘D’, etc.), aparentemente autônomas, é sincronizada por um programa único: cada uma é somente uma passagem de ‘internet’. Nesta terceira hipótese, o sujeito executa um momento da semântica em rede. É impossível sair dela, a menos que se individue a causa (MENEGETTI, 2015, pp. 112-113).

Assim, de vez em quando nos defrontamos com perdas humanas, tais como a perda da solução ambiental e tecnicamente desejável para disposição dos resíduos e com menos desgaste para o meio ambiente e para a população.

Em nome da moral imposta pela sociedade, informação da qual o magistrado é expoente executor e que se encontra em suas memórias infantis, esta mesma sociedade vai ou produzir dano ambiental efetivo de grande monta, pois não haverá local apropriado para

destinação dos resíduos perigosos, ou pagará o preço por uma destinação mais cara, em outro local. E o fará sem ter consciência do erro cometido.

De outro modo, perguntamos: pode-se falar em vítima do sistema? Uma pesquisa honesta, porém, pede que se observe também o lado do empreendedor responsável pela unidade de destinação de resíduos. Pode-se dizer que ele é vítima passiva dos eventos?

Inicialmente há que se considerar um aspecto extrínseco ao empreendedor: a novidade da norma ambiental. Como acima relatado, o direito ambiental é um ramo ainda recente do direito e a questão ambiental vinha sendo tratada de forma esparsa, acidental. No Brasil, pode se considerar que sua consolidação teve início com a criação da SEMA: Secretaria Especial do Meio Ambiente, em 1973, e com a promulgação da Política Nacional do Meio Ambiente, em 1981.

Trata-se, portanto, de um direito ainda em formação, em que certa dose de arbitrariedade e desacerto acontece pela ausência de certeza e confusão de alguns conceitos. É comum que o magistrado não tenha enfrentado o tema enquanto estudante. Acresça-se a isso e, talvez por causa disso mesmo, há um grande número de normas, por vezes contraditórias entre si e as esferas federal, estadual e municipal, em que pese à competência concorrente estabelecida pela Constituição, digladiam pela proeminência no estabelecimento das regras e pela relevância de seus respectivos órgãos de controle e fiscalização.

Voltando ao aspecto subjetivo da questão, pode-se lamentar a decisão do magistrado, mas seria possível evitá-la? O conhecimento do campo semântico possibilita a visão de como se dá a atividade psíquica² (trocando em miúdos, *o processo de formalização*), para onde ela está intencionando. A causa que surtirá determinado e inevitável efeito. Para além das manchetes de jornal e dos noticiários, que espelham a dinâmica da imensa rede de estereótipos sociais, há a semântica da situação e, se assim é, porque ela não foi captada e compreendida pelo empreendedor?

No caso concreto, a empresa em exercício de autocrítica, olhando para si mesma e revendo com honestidade suas ações, advertiu negligência no reconhecimento da força política de uma organização não governamental, que alimentava a discórdia em outra localidade e que, em vias de esgotamento, precisava de novo títere em que apoiar a causa de sua existência.

² Para o conceito de atividade psíquica consultar MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

Já se tratou acima do campo semântico em efeito trigger e do campo semântico em efeito rede. É possível que, se estivesse consciente do que o meio lhe informava no momento, de forma direta (campo semântico direto), o empreendedor pudesse ter captado a dinâmica ainda em gestação e talvez tivesse formalizado atitudes mais produtivas e evitado o embate, como por exemplo, com o estabelecimento de uma parceria com a *associação* para atuação comum em prol do meio ambiente. É possível que a informação do que de fato acontecia tenha sido desviado pela superficialidade que normalmente se empresta aos eventos, ou por seleção temática, o mundo que nos permitimos ver, conforme o apreendemos, com nossos estereótipos e mecanismos de defesa arraigados e absolutizados, ou até mesmo pela ação diuturna do monitor de deflexão – um *mecanismo* fornecedor gratuito de memórias, que foi inserido na infância e que pode desviar a informação proveniente do real à consciência, se não conscientizado (MENEGHETTI, 2015). São elementos que impedem o conhecimento do campo semântico. Infelizmente, não há dados para inferir o que poderia ter ocorrido em relação ao empreendedor que não conseguiu evitar o mal maior, *uma ação indenizatória de consequências imprevisíveis, com grande possibilidade de, em efeito rede – se exitosa ao final – impedir ou destruir atividades semelhantes.*

Há que considerar ainda que o ambiente às vezes é tão inamistoso que, voltando à parábola do sementeiro, não há como germinar a semente em campo rochoso. Para saber se esta é a realidade do momento (ambiente hostil), é preciso partir para outra análise, desta vez olhando a jurisprudência na área ambiental e seus efeitos para o empreendedorismo.

2.4 A Recuperação do critério de natureza. Breves anotações sobre o “Genius Loci”

O presente trabalho refere-se à questão ambiental como essencial à jornada do homem. O entorno, o ambiente, a natureza, são elementos importantes cujo resgate para o homem implica em harmonia, equilíbrio, crescimento e novas diferenciações.

Recuperando a si mesmo, o homem recupera sua relação com a natureza e se comunica com ela. A relação com a natureza é de respeito, não por dever moral, não vem de fora, por mandamento social, mas por lógica de inteligência. É preciso retornar ao conceito de *genius loci*, em que se reconhece a intencionalidade de cada lugar, onde o ser humano dialoga com o meio natural.

(...) o “como estamos no lugar” será a questão mais pertinente e que está associada à identidade do Lugar, ao seu carácter, ou seja, ao seu *Genius Loci*. É

fundamental a compreensão que os lugares são possuidores de um Espírito, de uma Identidade e que isso os torna únicos e onde o indivíduo também é único. (...) Para Norberg-Schulz o ato mais básico da arquitetura é o de compreender a “vocação” do lugar. Desta forma protegemos a terra e tornamo-nos nós mesmos parte de uma totalidade compreendida. A arquitetura é a concretização do *Genius Loci* aplicado (PAIVA, item 2.1, 2009, p. 27).

A decisão trazida à análise não é muito animadora: o magistrado está longe do fato; a organização não governamental almeja realização de direito que não respaldada na norma: o empreendedor é surpreendido, ficando sem saída, e, por fim, a sociedade paga o preço, sem ao menos ter consciência das consequências do evento.

A instalação da central de tratamento de resíduos pode não ter sido precedida pelos ritos como aqueles que seriam conduzidos pelos gregos ou romanos na escolha do lugar, estes povos conheceram o *genius locci*, mas foi rigorosamente licenciada, sendo precedida de estudos técnicos que admitiram a adequação do lugar ao fim almejado.

É possível buscar a vocação do lugar. Para tanto, é necessário retomar esta forma de conhecimento e recuperar a percepção do campo semântico, pois através dele é possível conhecer o que um lugar, seja ele qual for, informa. Como se está hoje, apenas se sofre a semântica externa e a informação por ela conduzida é executada pelo sujeito passivo, inconscientemente. Para tanto é preciso recuperar a si mesmo, se autoconhecer profundamente, em si, para poder a partir de si conhecer o outro.

O direito ambiental, dada sua intrínseca relação com o meio natural, com o ecossistema, pode se revelar um instrumento facilitador a esta retomada.

Concluindo, é possível adotar um critério de análise que permita averiguar se o direito ambiental, como norma e aplicação da norma, é saudável em sua relação meio ambiente/ser humano ou não.

Este critério é conferido ao homem pela natureza e está no interior do ser humano, em seu princípio constituinte que é parte com o ser. O direito gerido por aquele que atua conforme a natureza o põe é um facilitador da existência humana em sociedade, que faculta a realização transcendental de seus indivíduos, do projeto individual de cada um, conforme direito que lhe é natural e plenamente realizado. Neste sentido atua a Ontopsicologia:

A Ontopsicologia encontrou o caminho que leva a consciência ao ponto que opera e atua o saber verdadeiro: primeiro foram descobertos os meios de acesso à causalidade vital, partindo da percepção do *campo semântico*, que dá a informação transacionada de uma vida a outra; a seguir foi descoberta uma grelha oculta por trás dos complexos, que altera as informações à consciência

psicológica. Esse parasita mecânico, denominado monitor de deflexão filtra as informações do organismo e impede o acesso da consciência à essência original da vida humana. Por fim, foi descoberto o agente primeiro do mundo-da-vida, o Eu originário ou Em si, onde os Eus originários estão em comunhão e fazem encontro. Só esse é fundamento de critério e de verdade. Para ter acesso a esse ponto onde ser e saber são idênticos (o Em Si ôntico), é indispensável autenticar o Eu, visto que o Eu foi manipulado pelo monitor de deflexão e ficou comprometido com os modelos fixos da cultura e da sociedade (VIDOR, 2013, pp. 75-76).

É preciso que o homem recupere a si mesmo, se liberte dos estereótipos culturais fixadores que o mantém longe da realidade atual impedindo-o do conhecimento pleno da informação mais positiva para o momento, aquela que é conforme ao seu princípio ôntico, de identidade.

3 Metodologia

Existem várias formas de classificar as pesquisas, a depender da natureza, da abordagem (assunto), do propósito (objetivo) e dos procedimentos efetivados para alcançar os dados (meio).

Do ponto de vista de sua natureza, o presente trabalho pode ser classificado como uma pesquisa aplicada: objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses localizados.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, é uma pesquisa qualitativa, pois lida com fenômenos em um âmbito particular e subjetivo e o número ou a estatística não são utilizados como fonte de prova, nem constituem informações a serem interpretadas.

Tem cunho interpretativo e busca uma regra, um princípio que reflita a uniformidade daquilo que é estudado.

Do ponto de vista de seus objetivos é uma pesquisa exploratória: objetiva a maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito e construindo hipóteses.

No que diz respeito às fontes, esta pesquisa envolveu levantamento bibliográfico a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, citações e entrevistas publicadas e dicionários.

Para fundamentação teórica dos trabalhos foram utilizados textos extraídos das obras de Alécio Vidor, especialmente *Fenomenologia e Ontopsicologia*; Antonio

Meneghetti, em especial *O Critério Ético do humano, A Crise das democracias contemporâneas, Campo Semântico*. Também foram utilizados textos produzidos por juristas, especializados na área do Direito Ambiental, especialmente Paulo de Bessa Antunes e Édis Milaré. Além destes, também foi essencial a abordagem de Rudolf von Hjerling e Iginio Petrone, juristas que escreveram suas obras entre o final do século passado e a primeira metade deste século, além de Vicente Ráo, com seu fundamental *O Direito e a Vida dos Direitos*.

A coleta destes textos em parte se direcionou exclusivamente à pesquisa, mas parte deles já estava no cotidiano de trabalho e elaboração de peças jurídicas.

O método de análise partiu das premissas de que o direito como produção humana tem uma finalidade que é o *próprio homem* e que o homem está perdido, à procura de um caminho, confuso entre tantas regras a que deve atender. A partir de uma decisão judicial, se buscou analisar em base às premissas estabelecidas segundo a Ciência Ontopsicológica e ao que ensinam os práticos e estudiosos do direito que se pode designar como humanistas, a qualidade desta decisão e sua funcionalidade. Qualidade e funcionalidade para a realização do direito enquanto bem necessário à civilidade humana e à sua transcendentalidade, a qual lhe permite ir além da *contingência e tocar e se reconhecer com o Ser, que é bom, belo e uno, tendência natural do projeto homem*.

Como amostra, a decisão serviu para verificar que existe uma distância considerável do homem em relação à realidade da vida. Embora haja decisões similares, é viável apontar um caminho, através da utilização de um critério que respeite a intrínseca finalidade do direito, que é constituir garantia de civilidade ao proteger a realização pessoal de cada um em sociedade.

4 Resultados e Discussão

É possível evoluir o direito ambiental no âmbito de suas fontes, de sua criação e de sua aplicação. Para se chegar a esta conclusão é necessário o recurso àqueles que pensaram o direito tendo subjacente o amor ao humano, reconhecendo seu papel essencial *no e para* o meio ambiente e sua responsabilidade.

Vejamos novamente o que dizem Petrone e Jhering (2006), desta vez dentro do escopo do presente trabalho: “a defesa do direito é um dever do interessado para consigo

próprio e de um modo mais abrangente, é também um dever para com a sociedade” (JHERING, 2006, p. 2).

Para Jhering (2006) o direito busca a paz, fazendo-o por *intermédio da luta*. Ou seja:

A vida do direito é uma luta: luta dos povos, do Estado, das classes, dos indivíduos. O direito não é uma pura teoria, mas uma *força viva* (...) a Justiça sustenta numa das mãos a balança em que pesa o direito, e na outra a espada de que se serve para o defender. A espada sem a balança é a força brutal; a balança sem a espada é a impotência do direito (JHERING, 2006, p. 2, grifo da autora).

O homem trabalha não *porque*, mas *para que*, para realizar um propósito. Há uma impulsão determinante, imanente à ação daquele que opera e que constitui o motivo prático de sua vontade.

Quando em natureza a vida se manifesta por um desenvolvimento psíquico, revelam-se imediatamente o amor pela existência, pela espontaneidade e pela conservação pessoal, ou, em outros termos, a vontade e o fim da volição. Em presença de si mesmo todo o ser vivo é o seu próprio protetor e guarda, o encarregado de sua própria conservação. Esse fim lhe descobre a previdente natureza e revela-lhe os meios de não falhar na sua consecução (JHERING, 1963, pp. 14-15, grifo da autora).

Para este autor, só acontece que muitos homens caminham juntos para o mesmo fim quando os interesses de todos vão dar no mesmo resultado final. Pode ser até que nenhum deles pense no fim como tal; todos têm o espírito ocupado com o seu próprio interesse, mas esses interesses concordam com o fim comum, e, trabalhando por si só, cada um na realidade trabalha ao mesmo tempo pelos outros.

Petrone (1959), em sua obra intitulada “*Filosofia del Diritto*”, porém, nos alerta que não se deve nunca esquecer o princípio geral do processo de ascensão gradual das formas e dos seres, um rigoroso processo de continuidade e evolução ideal.

A autonomia máxima e verdadeiramente adequada está no homem, o qual é provido de conhecimento racional e de poderes espirituais, com os quais pode subtrair-se às solicitações e às necessidades do instinto e traçar para si fins ideais a alcançar (PETRONE, 1959, p. 9, tradução nossa).

A partir daí Petrone estabelece a questão da liberdade do homem e de seu livre arbítrio, conferindo aos poderes superiores de seu espírito a possibilidade dele promover para si próprio metas melhores e submeter sua ação a uma norma, a um tipo ético e estético de virtudes e deveres (PETRONE, 1950).

O arquiteto que constrói a casa segundo o plano que tem em mente, o escultor que molda a estátua de acordo com sua concepção artística, a semente que atualiza o projeto que lhe é ínsito. Aristóteles, ao tentar compreender a mudança, o desenvolver-se, o tornar-se, descobre que a essência, a perfeita expressão da individualidade, é também “*telós*”, está na finalidade. A forma é causa eficiente e final simultaneamente. *A suprema norma é: realiza sua forma essencial, sua natureza.* O natural é ético e a essência, única, inalterável (ARISTÓTELES, 2009). Mais tarde São Tomás de Aquino irá desenvolver, aprofundar e sofisticar estes conceitos para uma filosofia natural que traz a mais profunda e genuinamente natural tendência de nosso intelecto em suas elementares apreensões e sua tendência nata em direção à verdade (ROMMEN, 1943).

O direito pode ser sempre um facilitador da vida humana. O direito ambiental em destaque, por origem, forma e vocação contém elementos que facilitam este posicionamento. O fato de proteger eventos futuros, bens difusos e de se referir mais do que qualquer outro à relação do homem com a natureza, impele a esta troca, que pode ser profícua. O conhecimento do campo semântico, contudo, é fundamental para um posicionamento favorável ao projeto homem. Se em sua criação e aplicação o direito ambiental estiver contaminado pelos estereótipos absolutizados, pelos complexos sociais, constituindo estes a única informação que chega ao homem, este atuará sem consciência, constituindo esta fonte de discórdia e de guerra, não de equilíbrio e harmonia.

5 Considerações Finais

O direito é percebido pelas pessoas de forma arbitrária e inconsequente. Escapa ao leigo a lógica das normas e as decisões de seus operadores e aplicadores, que apresentam para aquele que o desconhece um tom oportunista e acidental. Esta desordem, contudo, não reflete exclusivamente um sentimento superficial. Ela é real, pois não há comunicação *entre os homens e entre o homem e seu meio ambiente.* Neste trabalho se busca perquirir porque a relação entre meio ambiente, direito ambiental e ser humano ainda é tão problemática e que conhecimentos e instrumentos podem ser utilizados para compreender as dificuldades e ultrapassá-las, oferecendo-se a hipótese de retomar os conhecimentos tornados inconscientes. Não foi objetivo fornecer um diagnóstico atual da situação, mas oferecer instrumentos para fazê-lo e permitir, em futuras pesquisas, um aprofundamento especialmente através do conhecimento do campo semântico, que permita impactar a

intencionalidade informática do momento, bem como reconhecer as informações que são negativas à dignidade e à realização do projeto homem neste planeta.

6 Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Prof^ª. Dr^ª. Claudiane Weber, integrante do Corpo Docente/Colegiado do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia, pela gentil cessão de seu trabalho *As particularidades da vida no campo: jovem e ambiente*, utilizado como diretiva e fonte de inspiração; também agradeço de coração à Dra. Camile Costa, pela oportunidade de conhecer o trabalho do jusfilósofo Heinrich Rommen, essencial ao tratamento das questões voltadas ao direito natural.

Referências

ANTUNES, P. B. *Direito Ambiental*. 18. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2009.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: fev-2017

COELHO, I. M. O novo Código Civil e a Interpretação Conforme a Constituição *in Estudos em Homenagem ao Professor Miguel Reale*. 2. ed. São Paulo: LTR Editora, 2003.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JHERING, R.V. *A evolução do Direito*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, José Bastos & C.a Editores, 1963.

JHERING, R. V. *A Luta pelo Direito*. Rio de Janeiro: Forense editora, 2006.

MENEGHETTI, Antonio. *A crise das Democracias Contemporâneas*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2007.

MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2001.

MENEGHETTI, Antonio. *Direito, Consciência, Sociedade*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. *O critério Ético do Humano*. Porto Alegre: Ontopsicológica Editrice, 2002.

MENEGHETTI, Antonio. *O projeto homem*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MILARÉ, E. *Direito do Ambiente*. 10. ed. São Paulo: Revista do Tribunais, 2015.

PAIVA, D.F.B. *Genius Loci – O Lugar como construção humanística*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre, Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, Paiva, Lisboa, 2009 Disponível em: <<http://gloci.blogspot.com.br>>. Acesso em: fev 2017.

PETRONE, I. *Filosofia del Diritto: Con l'aggiunta di vari saggi su diritto, etica e sociologia*. Milão-IT: Milano A, Gauffre editore, 1959.

RÁO, V. *O Direito e a Vida dos Direitos*. 7. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2013.

ROMMEN, H. A. *The Natural Law*. Indiana: Liberty Fund Indianapolis, 1946.

SILVA, J.A. *Comentário contextual à Constituição*. São Paulo: Malheiros, 2005.

SIRWINSKAS, L.P. *Manual de Direito Ambiental*. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

VIDOR, Alécio. *Orientação para elaboração de monografia*. Recanto Maestro: Entrevista concedida a Almir Francisco Foletto, 2013.



Storytelling: Curso em uma história. Que histórias posso contar para ensinar alunos e professores a importância da música?

Michael Fragomeni Penna

Resumo: Ao observar as diferentes situações do dia a dia da Orquestra Jovem Recanto Maestro, conversando com alunos e professores, observamos que não se tem muito claro e definido o que a música pode aportar para o futuro daquela criança que por algum motivo está tocando um instrumento musical. O presente trabalho pretende-se como um auxílio na criação de ferramentas de conscientização da importância de se estudar um instrumento musical para nossa formação humana e profissional, independentemente do seguimento de uma carreira musical, para absorver todos os conhecimentos intrínsecos ao estilo de vida no qual a música está presente. Observando alguns pontos da biografia do físico alemão Werner Heisenberg, pretende-se romper certas barreiras da personalidade de nossos alunos e transmitir uma mensagem através de um *storytelling* que servirá para introduzir princípios da Ontopsicologia na formação de alunos e professores da Orquestra Jovem Recanto Maestro.

Palavras-chave: *storytelling*; música; pedagogia; Ontopsicologia; Orquestra Jovem Recanto Maestro.

Storytelling: course in a story, which stories can i tell to teach students and teaches the importance of music?

Abstract: Observing the different daily situations of Youth Orchestra Recanto Maestro, talking with students and teachers, we observe that it is not clear to what music can contribute to the future of that child that, for some reason, is playing a musical instrument. This paper intends to be a help in the creation of tools of awareness of the importance of studying a musical instrument for our human and professional training, regardless the pursuit musical career, to absorb all the knowledge that is intrinsic to the lifestyle in which music is present. Observing some points of the biography of the german physicist Werner Heisenberg it is intent to break some barriers of personality of our students and transmit a message through a storytelling which will serve to introduce principles of Ontopsychology in the training of students and teaches of the Youth Orchestra Recanto Maestro.

Keywords: storytelling; music; pedagogy; Ontopsychology; Youth Orchestra Recanto Maestro.

Storytelling: curso en una historia. ¿qué historias puedo contar para enseñar alumnos y profesores la importancia de la música?

Resumen: Al observar las diferentes situaciones del día a día de la Orquesta Joven Recanto Maestro, conversando con alumnos y profesores, observamos que no se tienen claro lo que la música puede aportar para el futuro de aquel niño que por algún motivo está tocando un instrumento musical. El presente trabajo pretende ser como una ayuda en la creación de herramientas de concientización de la importancia de estudiar un instrumento musical para nuestra formación humana y profesional, independentemente del seguimiento de una carrera musical, para absorber todos los conocimientos intrínsecos al estilo de vida donde la música está presente. Observando algunos puntos de la biografía del físico alemán Werner Heisenberg, se pretende romper ciertas barreras de la personalidad de nuestros alumnos y transmitir un mensaje a través de un *storytelling* que servirá para introducir principios de la Ontopsicología en la formación de alumnos y profesores de la orquesta.

Palabras clave: *storytelling*; música; pedagogia; Ontopsicología; Orquesta Joven Recanto Maestro.

1 Introdução

Ao lermos a respeito da biografia do físico alemão Werner Karl Heisenberg, chamou-nos atenção o fato desse homem haver, em sua infância e juventude, se dedicado ao estudo da música e alcançado níveis de excelência com o piano, bem como e posteriormente, a decisão de seguir carreira com a ciência desempenhando um papel importante na história da humanidade com a descoberta do *Princípio de Incerteza*, lançando as bases para a Física Quântica, junto com tantos outros importantes e renomados físicos no início do século XX.

Nossos alunos da Orquestra Jovem Recanto Maestro, encerrados em seus complexos e estereótipos, não conseguem ver, na maioria das vezes, que fazer música é um acontecimento importante para suas vidas; estudam porque gostam, porque fazem amigos nos ensaios da orquestra, mas quando se deparam com o futuro de suas carreiras profissionais ou com outras necessidades da vida, desistem dos estudos musicais, desanimam acreditando que aquilo não servirá senão como um “passatempo” sem maiores contribuições.

Ao verificar na biografia do Sr. Heisenberg a importância que ele deu ao estudo musical, incluindo aquele que teve e o fato de, mesmo assim haver escolhido outra carreira, obtendo grande êxito, verificamos que poderia ser um exemplo a ser contado para nossos jovens. Neste sentido, as biografias representam fontes interessantes de propagação de ensinamentos importantes e valores que podem ser repassados a todos nós e, principalmente, aos mais jovens.

Usando a técnica de contar histórias conhecida como *Storytelling*, tratamos aqui da criação de uma ferramenta moderna capaz de ensinar que é possível outra forma de ver o aprendizado de um instrumento musical, buscando romper com certas estruturas fixas na personalidade de nossos alunos por meio de histórias com fatos biográficos reais de grandes personalidades da história da humanidade.

2 Fundamentação Teórica

Compreender e auxiliar o desenvolvimento de uma criança, bem como acompanhá-la em sua realização, é tarefa clássica de todo educador. As crianças e os jovens, para que em sua atuação histórica possam exercer capacidades e condutas vencedoras, necessitam serem educadas a saberem a si mesmas, isto é, serem capazes de realizar a própria existência de modo criativo (MENEGETTI, 2010).

A Ontopsicologia apresenta a novidade do Em Si ôntico¹, critério base de natureza que nos faz irrepetíveis e com possibilidade de realização. Para compreendê-lo, é preciso imaginar a semente de um carvalho: nela já existe o Em Si do grande carvalho, no entanto, ele ainda deve aparecer; serão necessários anos, chuvas, sol e tantos outros fatores para que a semente torne-se uma grande árvore. Nesse ponto, a semente não é mais vista, porém, a inteligência da semente está em toda a planta (MENEGETTI, 2011).

Entre sujeito/pessoa e ambiente existe o Eu a priori que é a construção histórica da intencionalidade ôntica em devir. Por exemplo, imagine um sujeito e uma cadeira: qual será a melhor relação? Podem-se tentar diversas soluções, mas apenas uma é a relação ótima que consente o máximo de eficiência e de comodidade. Meneghetti (2011) nos dá um exemplo disso:

Com base na própria necessidade, tem-se um único uso ótimo: se o sujeito está cansado e quer repousar, o uso ótimo da cadeira é sentar-se; se quer ver algo que não alcança, pode usar a cadeira como degrau; se, por fim, deve defender-se de alguém que quer agredi-lo, pode usar a cadeira como arma (MENEGETTI, 2011, p. 24).

Assim, o Eu a priori é uma função que mostra qual é a ação perfeita do momento, mas que permanece inconsciente para a maioria das pessoas. Ainda mais:

No início, a criança colhe-se como “mim”, ou seja, como projetado, e somente em um momento sucessivo – quando faz a tomada de consciência (seis meses) – colhe-se como Eu. A partir desse momento começa o uso da razão, ou seja, o pequeno compreende que, segundo onde se posiciona, obtém efeitos diferentes. O Eu é aquela função mediante a qual o sujeito autocolhe-se, é medido e mede. A responsabilidade civil e moral nasce do fato de que existe um Eu (MENEGETTI, 2010, p. 209).

¹ Acerca do Em Si ôntico, verificar: MENEGETTI, A. Dicionário de Ontopsicologia. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012. pp. 84-86.

Para completar a constituição do homem temos o fator que não é próprio da natureza, mas se faz presente, o monitor de deflexão². Trata-se de um mecanismo que estrutura permanentemente o homem, tornando impossível a tomada de consciência de si mesmo. Neste sentido, “(...) enquanto em qualquer outro programa adquirido o homem sabe que é distinto e decide se e quando usá-lo – o monitor de deflexão convive, antecipa, modifica, e o sujeito não o sabe” (MENEGHETTI, 2010, p. 210). Ou seja, como o monitor antecipa, desvia e impede a visão de si, o homem conhece a si mesmo depois que já existem as ações e efeitos do monitor de deflexão, depois que ele já agiu fazendo com que nem suspeitemos de sua existência.

O mecanismo do monitor de deflexão se insere e se fixa por meio da matriz reflexa (MENEGHETTI, 2010), traçado mnêmico dessa situação-ocasião que o Monitor de Deflexão assume como própria cena primária para constelar a emotividade do sujeito. A situação durante a qual acontece a primeira sincronização do monitor de deflexão constitui a ocasião sobre a qual a matriz reflexa se forma: essa faz a ideografia mêmica sobre a qual se articula também o traçado mnemônico que coordena o complexo dominante deslocado em várias seleções. Neste sentido:

A matriz reflexa se forma através da afetividade ótica, um contato ocular de ódio chantageador entre adulto-mãe e a criança em uma situação qualquer. A cena matriz não constitui de per si um evento errado, mas é um fato qualquer, considerado pecaminoso pelo adulto (MENEGHETTI, 2010, p. 213).

A um fato indiferente da criança, a mãe transmite uma interpretação negativa, acrescentando uma condenação moral. Essa interpretação negativa constitui a base do desvio complexual; não é o fato em si que o constitui. O erro começa quando a criança acomoda dentro de si e metaboliza a interpretação negativa do adulto, ou seja, quando aceita a política psíquica da mãe no interior de si mesma, em conexão com o fato indiferente em si.

Na parte mais superficial do inconsciente estão localizadas as estruturas complexuais que são a resultante de compromisso entre a pulsão da natureza e o filtro desorganizador do monitor de deflexão (MENEGHETTI, 2010). Os complexos são tantos pequenos “Eu” prefixados, mecanismos de defesa da natureza surgidos e aceitos inconscientemente, carregando-os para a vida adulta. São partes reais da natureza que o Eu

² Para maiores informações: MENEGHETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012. pp. 175-180.

censura e se desenvolvem de modo autônomo. Ou seja, sofrida a censura, o instinto biológico é reprimido e removido por um Eu em formação que, portanto, sofre pressão do monitor de deflexão.

Por complexo³ entende-se qualquer tipologia de atividade psíquica não coligada com a vontade do eu. É uma realidade psíquica que se formou em compromisso das exigências sociais e das exigências biológicas do indivíduo. O Eu se forma depois do complexo, portanto, o complexo antecipa o nascimento e a formação da estrutura do Eu. O primeiro a entrar é sempre o complexo, que determina os modos de conhecimento do Eu. O complexo determina todas as fases de “resistência” para a autenticação do sujeito, portanto, constitui todos os diversos opostos à identidade funcional de natureza. Um exemplo nos é dado por Meneghetti:

Por exemplo, se pegamos três sujeitos (A, B e C), fazemos-lhes entrar em um ambiente, um de cada vez, e escutamos as suas descrições do ambiente, notaremos que todos falam de modo diferente (...). Cada um é forçado a ver aquele lugar segundo a seleção que o complexo impõe: pode ver somente algumas coisas, enquanto outras não pode ver, nem sentir (MENEGETTI, 2011, p. 71).

O superego é o conjunto dos estereótipos em âmbito social, ou seja, é a estrutura mais compacta e complexa sobre a qual se sustentam todas as concepções ideológicas, jurídicas e patológicas do social. Ele é produto da sociedade, que consegue estruturar-se na inseidade organísmica. De fato, a antecipação superegógica acontece não somente por uma precocidade agressiva do ambiente parental, mas também por um excesso de gratificação sobre o Eu, o qual – conseqüentemente – não adverte o estímulo à evolução provocado pela carência e se estrutura com escasso quantitativo psíquico. Ou seja:

Em si mesma, a função do superego é positiva, enquanto essencial ao crescimento do indivíduo. Ele é a mediação que o derivado social (tudo que constitui a cultura e a função adulta) reporta ao pequeno que está se formando. O superego é a variação ou inversão do Eu a priori. É, de fato, a deflexão operada pelo monitor de deflexão sobre a informação do Eu a priori (MENEGETTI, 2010, p. 215).

O monitor de deflexão age mediante estereótipos, constituindo-se uma forma estruturada com múltiplas capacidades. É uma forma com dois ou três potenciais adaptáveis a um universo de sentido. Cada ser humano tem dois, três estereótipos, cada um dos quais se divide, por sua vez, em um, dois ou três estereótipos. A base é simples; a partir desta base, o estereótipo estrutura o módulo de comportamento do sujeito com

³ Acerca do complexo na concepção ontopsicológica: MENEGETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012, p. 51.

relação ao dinheiro, ao trabalho, à saúde, de modo que o sujeito comporta-se exclusivamente segundo a predisposição do modelo. Tomemos o exemplo das plantas: o carvalho pode alcançar alturas e ter centenas de ramos. O monitor de deflexão impõe-lhe somente três ramos, especificando também a direção na qual devem crescer. O estereótipo da vida dá ao carvalho um espaço aberto no qual crescer e uma possibilidade quase infinita de evolução, enquanto o estereótipo do monitor de deflexão dá uma coerção, reduz. Tudo o que se codifica é estereótipo, o que discrimina a influência positiva ou negativa de um estereótipo é a funcionalidade, o resultado que produz no sujeito e no seu contexto (MENEGHETTI, 2011). Por fim:

A interação dialética entre Em Si ôntico, Eu lógico-histórico e monitor de deflexão determina toda a vida do homem: o Em Si é *starter* da vida, o Eu é a tomada de consciência que controla a situação e, conexo, há o monitor de deflexão, inserido no interior de determinados processos sináticos cerebrais (MENEGHETTI, 2010, p. 219).

Assim se deu nossa pretensão de apresentar, em modo introdutório, a proposta própria da Ciência Ontopsicológica no intuito de mostrar como esta compreende a estrutura do ser humano possibilitando entender as condições que facilitam e que impedem a formação do conhecimento.

3 Metodologia

Como metodologia, a presente Pequena Tese utilizou-se do método descritivo com base em revisão bibliográfica sobre o assunto. Assim, buscou-se evidenciar como bibliografia básica obras do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, bem como de Werner Karl Heisenberg e Fernando Palacios. Visando a fundamentação acerca do desenvolvimento da personalidade, optamos pela Ciência Ontopsicológica, visando cumprir nossa exposição trouxemos as ideia da *Técnica de storytelling*, segundo a Contribuição de Palacios e como exemplo desta proposta aspectos da biografia de Werner Karl Heisenberg.

4 Resultados e Discussão

Como resultado, trazemos ao leitor o segundo momento de nossa reflexão. Considerando as premissas elencadas pela Ciência Ontopsicológica, agora buscaremos

tratar do que fora posto no início de nosso texto, a *Técnica de storytelling*. Esta técnica consiste na formação de campanhas de comunicação contextualizadas criativamente por histórias (PALACIOS, 2007). As chances de sucesso tendem a ser otimizadas de acordo com a apropriação dos seguintes benefícios:

A. Conhecimento

As histórias fazem com que os leitores tomem ciência de um determinado assunto. Parte-se da premissa de que o processo pedagógico é mais rápido e melhor construído quando feito por meio de vínculos e associações. Cada leitura é um aprendizado, já que se entra em contato com assuntos que estão circunscritos dentro de um contexto (PALACIOS, 2007).

B. Contextualização

Uma informação transmitida de forma direta, normalmente solicitando uma atenção exclusiva, tende a interromper o que quer que o receptor esteja fazendo e, por conta disto, aumentar a resistência por parte dele. Em contrapartida, a comunicação indireta – aquela que envia mensagens contextualizadas – tende a receber menor resistência por parte do receptor.

Isto porque uma história em si já é uma forma de entretenimento e, mais do que informação, transmite conteúdo por meio de um contexto. Uma boa história capta todos os sentidos do receptor, o que explica o fato de as crianças desviarem-se do medo de escuro, passando a focar toda a atenção na história que seus pais contam e, com isso, dormirem mais facilmente (PALACIOS, 2007).

C. Projeções

Por ter uma estrutura aberta e simbólica, ou seja, de conteúdos interpretáveis, é muito fácil para uma pessoa encaixar-se numa história. Este processo psicológico é chamado de “projeção”, ou seja, a pessoa se projeta dentro de um personagem, algumas vezes torcendo por ele e outras se colocando no lugar dele (PALACIOS, 2007).

D. Envolvimento

É possível afirmar que as histórias dão alma a uma mensagem. Isto porque sua estrutura é muito mais complexa e envolvente do que uma informação direta. A metáfora para ilustrar este benefício é a de que enquanto as mensagens são transmitidas de forma direta e tradicional assemelham-se a um discurso rápido de elevador, as histórias são como um belo papo no sofá, na empolgação da mesa do bar ou na conversa do *coffee-break* (PALACIOS, 2007).

E. Estabelecimento de valor

Nada tem valor por si só. O valor quem atribui são as pessoas. Uma obra prima de valor inestimável não passa de tinta ou outros corantes sobre uma tela. No campo das hipóteses é possível imaginar uma situação em que uma pessoa descobre uma tribo indígena desprovida de contato com outras civilizações. Dando continuidade à hipótese, e se fosse feita a seguinte suposição: de o destemido aventureiro oferecer ao cacique, como sinal de paz, dois presentes: o quadro *O Grito*²⁵ de Edvard Munch e um espelho? Não é difícil de imaginar que haveria grandes chances de o cacique mostrar maior interesse pelo espelho. E as histórias têm tudo a ver com isso (PALACIOS, 2007).

F. Difusão espontânea

A difusão espontânea significa que uma história tem o poder de espalhar-se de pessoa em pessoa sem que o autor ou quaisquer outras pessoas interessadas em que ela seja difundida necessitem investir tempo, dinheiro ou energia (PALACIOS, 2007).

G. Perenidade

O processo de transmissão oral (e atualmente também digital) – em que as histórias percorrerem um caminho de uma pessoa a outra – pode durar meses e até anos. Enquanto uma história estiver sendo contada, ela se mantém viva na mente de quem conta e nasce para a mente de quem ouve e, assim, o ciclo se renova (PALACIOS, 2007).

5. Considerações Finais

Na história podemos retirar muitos exemplos de pessoas que tiveram um contato intenso com a música ao estudar e praticar um instrumento musical e que seguiram outros caminhos profissionais com excelência e em paralelo seguiram se dedicando ao instrumento musical e à música em modo amplo. Contando essas histórias queremos romper certos estereótipos construídos historicamente nas famílias de nossos alunos, de que a música é somente um passatempo sem nenhuma importância para o futuro dos filhos e, ao mesmo tempo, proporcionar uma nova cultura para os alunos para que eles possam sim se desenvolver nas áreas que sentirem atração e, mesmo assim, seguir com o estudo da música.

Anexos

Algumas imagens que retratam aspectos da biografia de Werner Karl Heisenberg e sua relação com a música.

- a) Nasce em 5 de dezembro de 1901, em Würzburgo, na Alemanha.

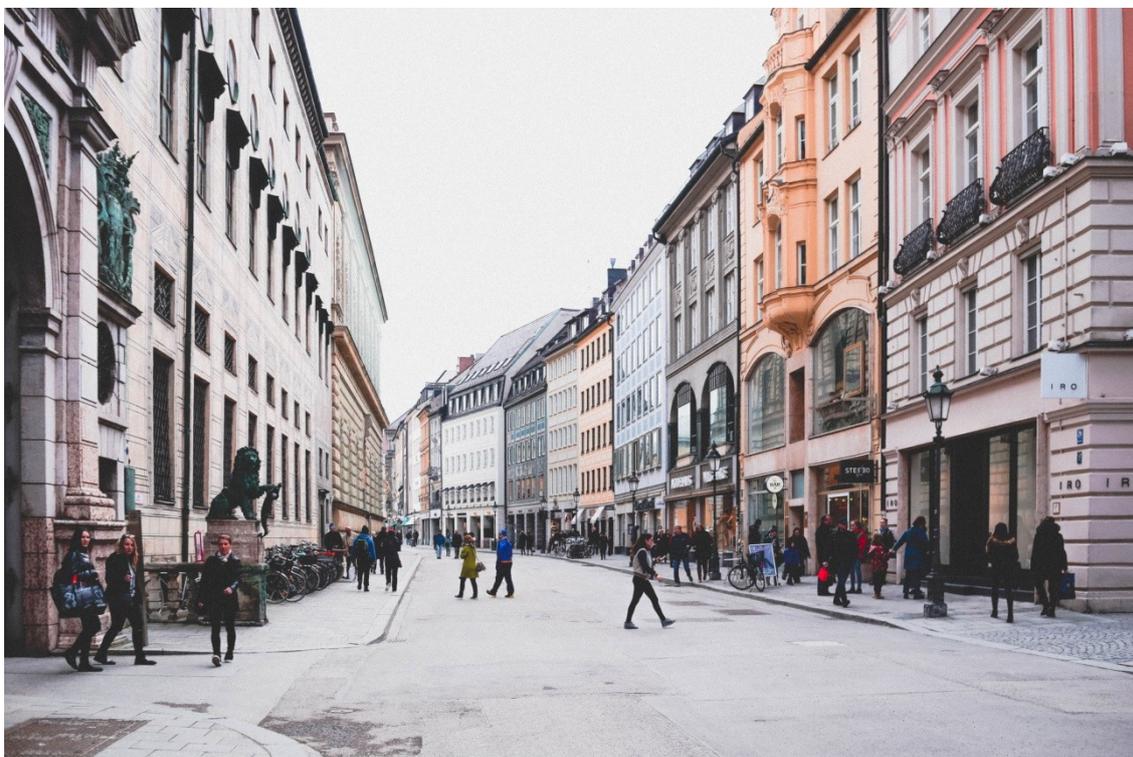


Foto de: Anastasia Dulgier no Unsplash.

b) Estudou na escola Gymnasium Maximilian, na Alemanha.

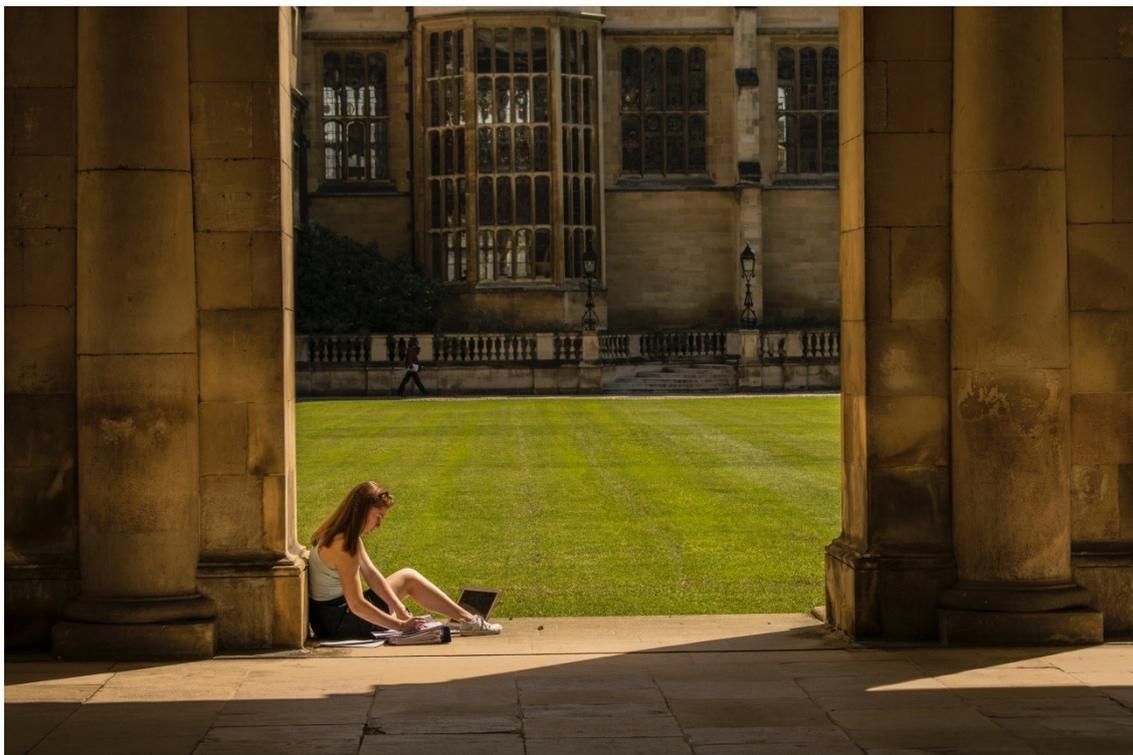


Foto de: J-S Romeo no Unsplash.

c) Estudou piano durante toda sua infância e juventude.



Foto de: Dolo Iglesias no Unsplash.

d) Adorava fazer música de câmara junto de seus amigos.



Foto de: Kael Bloom no Unsplash.

e) Aos 19 anos toma a decisão de seguir a carreira de físico.

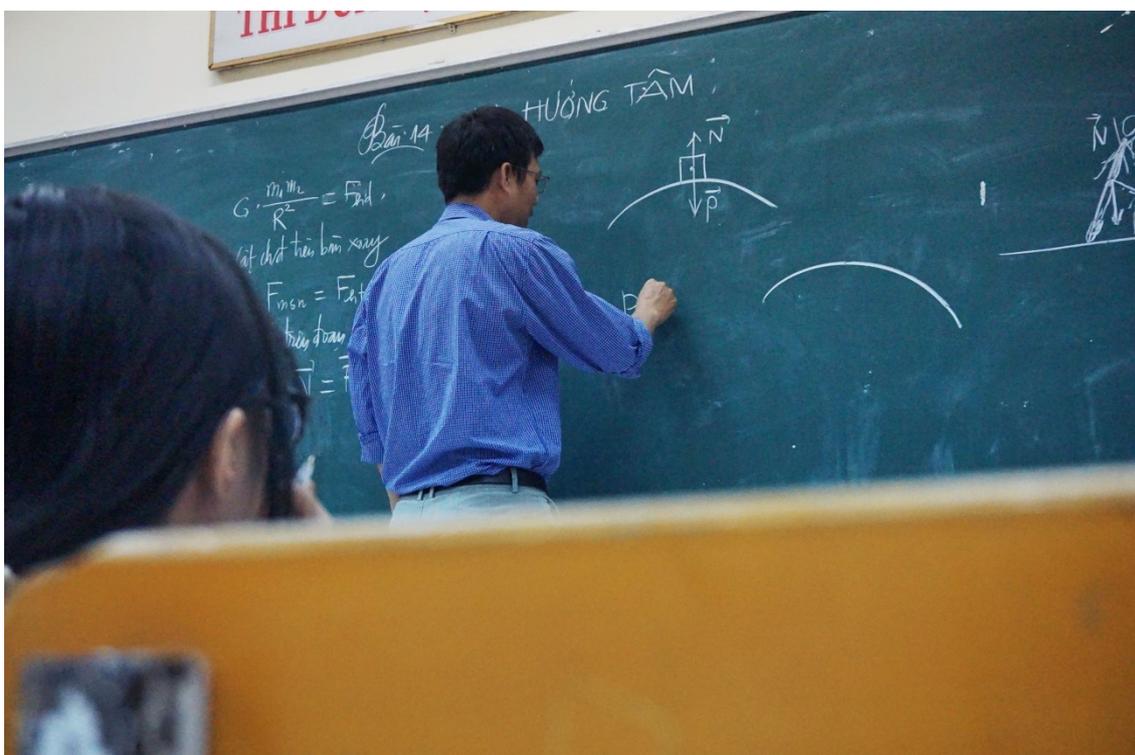


Foto de: Tra Nguyen no Unsplash.

f) Em 1932 recebe o Prêmio Nobel em Física.

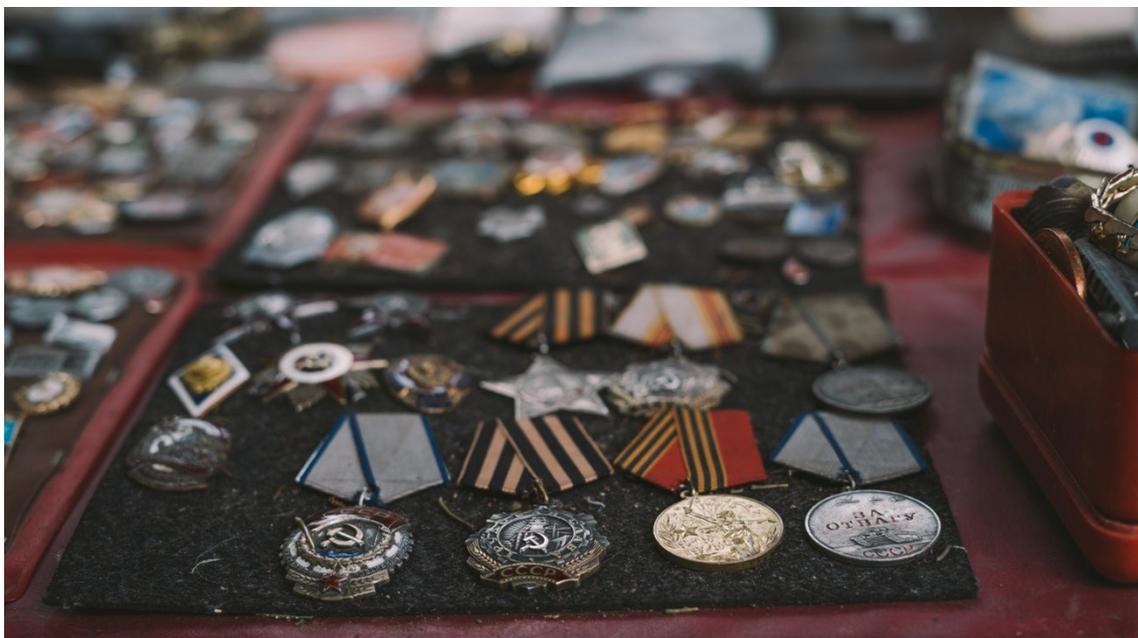


Foto de: Tbel Abuseridze no Unsplash.

g) Tem participação importante “retardando” o programa nuclear do regime nazista.

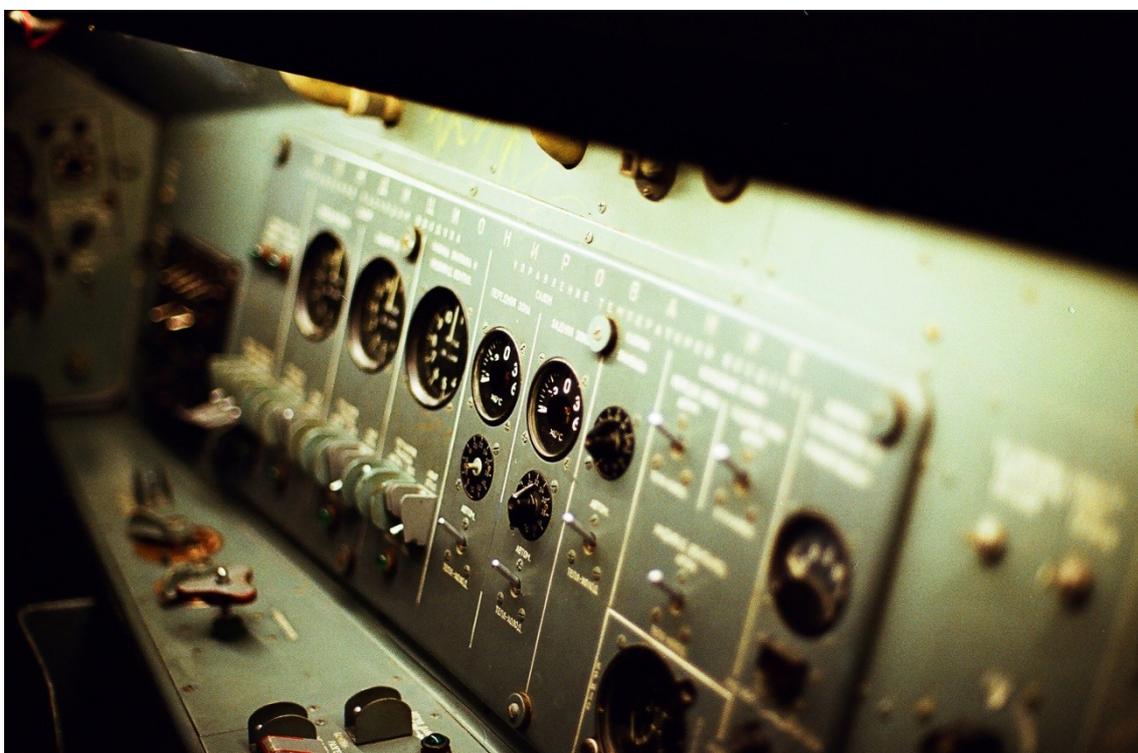


Foto de: sergey Svechnikov no Unsplash.

Referências

HEISENBERG, W. *A parte e o todo: encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

MENEGHETTI, Antonio. *O projeto homem*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicológica*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

PALACIOS, F. *A contextualização criativa de histórias como fator de sucesso no planejamento de campanhas de comunicação*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. Departamento de Relações Públicas, Publicidade e Turismo. Curso de Relações Públicas, 2007.



O reencontro com o próprio projeto de natureza: construindo a própria existência

Rosangela Alves Nabarros

Resumo: Este trabalho se propõe a argumentar sobre a ciência ontopsicológica como método para todo aquele que deseja gerir o seu existir com tensão à realização em todas as esferas da vida. Através da aplicação do método ontopsicológico é possível ter a informação precisa para operar a realidade em atitude vencedora e chegar ao sentido prático da intuição. A Ontopsicologia descobriu os modos de manifestação do projeto de natureza de cada sujeito, que foi tema para muitas apreensões ao longo da história, porém, sem evidência. Neste trabalho será relatado como o método ontopsicológico poderá contribuir, para que qualquer pessoa que deseje assumir a condução da própria existência em vantagem de si obtenha a plenitude integral de realização histórica. A Ontopsicologia é um método que dá diretivas para compreender e identificar o potencial humano e desenvolvê-lo. Neste texto expositivo relata-se a lógica perfeita do pensamento do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti em toda a sua obra que se destinou à compreensão integral do homem. Por fim, esta pesquisa destina-se à exposição da metodologia própria da Ciência Ontopsicológica reconhecendo-a como um caminho privilegiado àqueles que buscam a exatidão de natureza em sua vida.

Palavras-chave: existência; projeto de natureza; autoconstrução; Ontopsicologia.

The reincent with soul, building our existence

Abstract: This paper proposes to argue the Ontopsychological Science as a method for anyone who wants to manage their existence with tension to achieve in all spheres of life. Through the Ontopsychological process it is possible to have the precise information to operate the reality in a winning attitude and reach the practical sense of intuition. Ontopsychology discovered the modes of manifestation of the soul, whose existence many affirmed, but no one has shown it. In this work it will be reported how the Ontopsychological method can contribute, so that any person who wishes to take the reins of his own existence to advantage of himself, obtain the integral fullness of historical realization. Ontopsychology is a method that gives the directives to understand and identify human potential and to develop it. In this expository text the author intends to report the perfect logic of the thought of Academic Professor Antonio Meneghetti in all his work addressed to the integral understanding of man. At the end, this research intends to expose the Ontopsychological Science's own methodology, recognizing it as a privileged way to those who seeks accuracy in their lives

Keywords: existence; project of nature; self-construction; Ontopsychology.

El reencuadro con el alma: construyendo la propia existencia

Resumen: Este trabajo se propone a argumentar sobre la ciencia ontopsicológica, como método para todo aquel que desea gestionar su existir con tensión a la realización en todas las esferas de la vida. A través del proceso ontopsicológico es posible tener la información precisa para operar la realidad en actitud vencedora y llegar al sentido práctico de la intucción. La Ontopsicología descubrió los modos de manifestación del alma, que fue tema para muchas aprehensiones, pero sin evidencia. En este trabajo será relatado como el Método Ontopsicológico, podrá contribuir, para que cualquier persona que desee asumir la conducción de la propia existencia en ventaja de sí obtenga la plenitud integral de realización histórica. La Ontopsicología es un método que da directivas para comprender e identificar el potencial humano y desarrollarlo. En este texto expositivo se relata la lógica perfecta del pensamiento del Académico Profesor Antonio Meneghetti en toda su obra que se destinó a la comprensión integral del hombre. Por último, esta investigación se destina a la exposición de la metodología

propia de la Ciencia Ontopsicológica reconociéndola como un camino privilegiado a aquellos que buscan exactitud en sus vidas.

Palabras clave: existencia; proyecto de naturaleza; uno mismo; Ontopsicología.

1 Introdução

A vida é por si só um emaranhado de problemas, onde cada sujeito interage do próprio modo, ganhando ou perdendo continuamente, a si mesmo e no próprio jogo do contexto social. Aquele que sabe administrar o próprio contexto de maneira eficaz se autoconstrói, porque a vida lhe consente o protagonismo – torna-se o fiel construtor da própria existência.

A Ontopsicologia é uma ciência que nasceu após dez anos de experiência clínica, de seu fundador e expressão máxima, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, que desenvolveu o método ontopsicológico e a construção da teorização da Ciência Ontopsicológica. Mais precisamente, a Ciência Ontopsicológica se ocupa em compreender o mundo subjetivo do homem, ou seja, aquele mundo invisível, que não podemos tocar, mas não podemos ignorá-lo, porque de algum modo todos nós percebemos que ele existe. Este mundo é a subjetividade humana.

Desde que nasce, o homem já tem ínsita a busca pela autorrealização, tem necessidade de fazer história, pois já tem uma identidade, um projeto de natureza. Mas, muitas vezes o homem é impedido de atuar esse instinto natural de autoconstrução por vários fatores internos e externos do contexto em que vive. A Ontopsicologia identificou os fatores que interferem na evolução do sujeito e estabeleceu o critério para que o homem, em conformidade com o próprio projeto de natureza, se realize a nível psicológico, a nível histórico e social, enquanto constrói sua identidade na sociedade da qual é parte.

Para realizar este trabalho foi feito um estudo teórico e bibliográfico.

2 Fundamentação Teórica

2.1 O que é Ontopsicologia

De acordo com seu fundador, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti:

(...) a Ontopsicologia é uma ciência que analisa os processos mentais em conexão com o problema ontológico (...) quer dizer interrogar-se sobre: quem sou, de onde venho, para onde vou, (...) significa buscar a causa primeira e como essa está coenvolvida onde existo” (MENEGETTI, 2010, p. 207).

Para entendermos o valor desta ciência, o Prof. Dr. Alécio Vidor comenta a trajetória do Acad. Prof. Antonio Meneghetti. Será possível notar neste relato as origens epistemológicas da Ontopsicologia, isto é, o comprometimento entre experimentação e ciência por meio da clínica, bem como, de uma existência toda dedicada à ciência como tal:

O Acad. Prof. Antonio Meneghetti é um sábio ou um gênio de vida (...) confirmou tal domínio mediante quatro doutorados feitos em diferentes universidades. Foi um extraordinário professor universitário. (...) Para o exercício dessa função já lhe era exigido não só o domínio da psicologia superior ou metafísica e de todas as correntes da psicologia científica, além do conhecimento da sociologia, da teologia e da filosofia ontológica, só uma capacidade de ordem dinâmica poderia dar ordem a um conhecimento que projeta luz e esclarece como o homem é. (...) Foi um homem criativo, exato no agir e no fazer. (...) Dedicou-se por 10 anos seguidos ao trabalho clínico e através da psicoterapia individual e de grupo fez descobertas até então totalmente desconhecidas à ciência humana. Através da própria sensibilidade, percebeu que o cliente emanava informações da própria vida, sem que ele tivesse consciência das mensagens transmitidas. Tratava-se de uma novidade de informação fugaz que mediante a percepção e intuição do psicoterapeuta era colhida (...) a compreensão do campo semântico tornou viável entender as mensagens dos sonhos e da fantasia. Foi tal conhecimento que abriu o caminho para que formalizasse os princípios científicos de interpretação dos sonhos e demais produtos da fantasia. Com tais conhecimentos novos, ele começou a definir o método que leva a mente consciente do cliente a entrar em contato com o próprio Em Si da vida. (...) Era necessário o mestre verdadeiro, dotado da percepção integral e exata, que conseguisse ler os campos semânticos para penetrar gradualmente no inconsciente até encontrar a raiz da atividade psíquica e redescobrir o princípio que emite os sinais, as informações condizentes, funcionais e de vantagem para a vida da pessoa. (...) Mediante a luz desse princípio, pode-se ver quando a intenção indica a realização do próprio projeto e verificar se a decisão consciente não distorce ou altera a forma da realização pessoal com a possibilidade de contribuir ao bem comum e social (VIDOR, 2013, p. 127).

O problema fundamental da Ontopsicologia é “quem é o homem?”, frente a isso, conclui-se que é preciso reconhecer quais as estruturas deste homem, reorganizar o seu sistema psíquico para que possa determinar as suas ações dando a solução científica, demonstrando com o desaparecimento do sintoma e o desenvolvimento integral do sujeito. O homem pensa, decide, vive – isto é atividade psíquica e é neste contexto que nasce a Ontopsicologia.

A Ontopsicologia tem a competência para dar a solução científica porque pode demonstrar, compreender, afirmar e repetir. Segundo a Ontopsicologia, para compreender o homem deve-se considerar três elementos: o Em Si, o Eu a priori e o monitor de

deflexão. Essas três descobertas nos permitem conhecer a causa, intervir, manipular e mudar a direção no proceder de qualquer pesquisa acerca do humano.

O Em Si ôntico é a primeira informação que constitui o homem, é o projeto de natureza. Trata-se do “(...) projeto-base de natureza que constitui o ser humano. Princípio formal inteligente” (MENEGETTI, 2012, p. 84).

O Em Si ôntico permanece sempre íntegro, puro e superior às múltiplas personificações, isto é, podemos ser causa de pluralidades, mas, como homem, somos únicos, diversos e distintos.

O Eu lógico-histórico é ativado pelo Em Si ôntico para fazer história na existência. Cria projetos de si mesmo absorvendo, criando e gerando informações, para si, para a sociedade e para o universo, na medida em que se especifica. Essas informações em circularidade de ação constituem a nossa história na existência. Entretanto, existe um mecanismo, como se fosse um vírus, que pode descarrilar a exatidão da percepção que dá o *start* para as ações, distorcendo a evidência da verdade no momento em que o sujeito está elaborando suas informações, este mecanismo é chamado de Monitor de Deflexão¹, que pode ser compreendido como um programa que, ao invés de refletir, deflete, isto é, distorce a informação exata, gerando erros na consciência (MENEGETTI, 2012).

O Eu a priori, por sua vez, é a mediação entre o Em Si e o Eu, é a tomada de consciência que dá a informação instantânea sobre a escolha da ação ótima, que resultará em sanidade e crescimento. Mas, nesse momento de tomada de consciência, poderá se sofrer o efeito do monitor de deflexão, porque o Eu é ambivalente, não sabe discernir o efeito do monitor de deflexão e então a saúde para a criatividade não acontece, resultando em frustração, esquizofrenia existencial, é um esforço sem ganho.

“A Ontopsicologia descobriu o critério de como a natureza funciona dentro do homem” (MENEGETTI, 2010, p. 136). O Em Si ôntico é identificado através de quinze características que identificam o indivíduo no seu existir. Dentre essas quinze características, três são evidência daquilo do que é o ser: tem uma identidade, “é”, aqui, assim e agora. Essa identidade escolhe o que é útil e é funcional para a sua realização, isto é, escolhe o que traz integralidade, saúde à sua identidade.

O existir tem seus próprios modos e esses modos são informações, e nós fazemos parte disto, podemos tirar proveito disto. O nosso corpo não reflete só as informações que

¹ Para mais informações é possível consultar o Dicionário de Ontopsicologia: MENEGETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

percebemos pelos cinco sentidos, mas também reflete as informações do projeto de natureza, isto é, do inconsciente, desta realidade primária, que se manifesta nos sonhos, nas emoções.

A Ontopsicologia recuperou o conhecimento do campo semântico. De acordo com o *Manual de Ontopsicologia*: “O campo semântico é emanção informática, é uma transdução informática sem deslocamento de energia. É uma informação ulterior, subterrânea, constante, da qual, porém, perdeu-se a sensibilidade, a leitura” (MENEGETTI, 2010, p. 140).

O campo semântico é uma informação involuntária, que se manifesta, se estrutura e faz realidade no corpo. Nós somos um campo semântico e nos encontramos entre muitos outros campos semânticos, recebendo e emanando informações intencionadas, que podem ser conscientes ou inconscientes em um contínuo dinâmico universal.

O campo semântico é a fenomenologia da intencionalidade de uma pessoa a outra, a intuição representa o momento do impacto do campo semântico sobre o lugar, objeto ou ambiente. É necessário saber ler a informação que age aquele real, pois, quando compreendido, o campo semântico é o conhecimento que consente melhorar a própria vida e a sociedade.

2.2 Aspectos do método Ontopsicológico

Temos a possibilidade de obter realização integral a partir do momento em que impostamos uma revisão crítica de nós mesmos. Compreender os instrumentos de análise/diagnose, os instrumentos de intervenção e a Consultoria de Autenticação proposta pela Ontopsicologia, que, quando aplicados, consentem ao sujeito um processo de identificação de si mesmo: saber se aquilo que ele pensa coincide com a verdade de como ele é.

A Ontopsicologia utiliza instrumentos de análise/diagnose da ciência tradicional e ainda acrescenta outros, como o sonho e o campo semântico na inferência do resultado. Utiliza também instrumentos de intervenção, os quais, já formalizados e consolidados, são: *psicoterapia individual e de grupo, consultoria de autenticação, consultoria empresarial, imagogia, cinelogia, psicotea, melolística, melodance, hidromúsica solar, residence e ISOMaster*, aplicáveis em todas as áreas humanista-profissionais.

A Ontopsicologia é uma ciência interdisciplinar e possui aplicações nas áreas da Psicossomática, Pedagogia, Psicologia do Líder, OntoArte, Estética, Ética, Direito, Metafísica Existencial.

Por meio da Consultoria de Autenticação o sujeito poderá afrontar a capacidade de ser exato. A pessoa se demonstra exata quando apresenta circularidade de função a si mesma, ou seja, todos os setores da vida andam juntos em crescimento, em harmonia. Mesmo que surja um problema, se descobre a solução para a realidade em que se encontra. Dessa forma, a Ontopsicologia vê o homem como uma “unidade de ação”.

2.3 O Construir-se

A opinião humana não conforma a realidade, isto é, não desejamos saber como as coisas realmente são, mas, sim, como queremos que elas sejam. Por exemplo: a Terra sempre foi redonda, mas até a Idade Média muitos não acreditavam nessa afirmação. A Terra sempre será redonda, somos nós que precisamos mudar o nosso modo de percebê-la. O ser humano é um fato, existe, é real. Precisamos “quebrar muitos bloqueios” para expressar o nosso ser de modo real. Para que o homem possa validar a sua existência e marcar presença é necessário fazer algo para ser percebido. É preciso ser uma unidade de ação, saber dar continuidade a si mesmo e fazer história.

Obtemos crescimento quando somos funcionais ao movimento da vida. Mas o homem constrói-se a partir das suas próprias convicções, baseado em estereótipos sociais, religiosos, políticos, de família, de escola, etc. O homem se percebe em culpa, perdendo o real de si; perde a forma própria de agir, perde a exatidão do próprio real. A pulsão do real é inconsciente, é aqui e agora, então, para recuperar o real é necessário recuperar o inconsciente.

Então, como poderemos recuperar o inconsciente? Segundo a Ciência Ontopsicológica, precisamos fazer *metanoia*, ou seja, mudança radical de mente em relação às convicções que temos, que são baseadas em conceitos pré-concebidos que estabelecemos como padrão e que, por isso, não questionamos se correspondem ao real. Por fim, trata-se de uma “(...) reorganização em evolução progressiva de todos os modelos mentais e comportamentais” (MENEGHETTI, 2012, p. 172).

O sujeito deve saber reconhecer os caminhos para a realização do seu projeto de natureza, desde os mínimos detalhes. A intuição para as escolhas exatas é inata, mas não

quer dizer que o conhecimento da técnica seja dispensável. O mais importante é conhecer a técnica da personalidade, saber como ser protagonista no mundo-da-vida e ganhar liderança e autonomia econômica e pessoal, com o foco na realização econômica e social. A base econômica não é a conta bancária, mas é o saber fazer; o dinheiro, por sua vez, é consequência. É saber servir, de modo superior, servir com arte, se qualificar constantemente, para ser o melhor, “arregaçar as mangas” e fazer, ter responsabilidade, ser um colaborador da vida. Neste sentido:

(...) a vida se identifica na identidade do indivíduo, o sucesso leva o nome e o sobrenome de quem o criou. (...) Assim a vida, em sentido forte, em sentido vencedor, identifica-se na identidade das pessoas operadoras de sucesso, nas suas infinitas variadas formas. A vida subscreve a si mesma através dos vencedores (MENEGETTI, 2009, p. 91).

Um dos pontos fundamentais para a metanóia é saber o que é útil e funcional para si mesmo e para o seu negócio, para a sua atividade profissional, é saber escolher o que está em consonância com a sua maneira de ser, o que lhe dá identidade.

A Ontopsicologia ressalta os valores do Humanismo Perene, aquele que exalta as responsabilidades do homem. Permite o desenvolvimento integral do ser humano, de todo o seu potencial, com qualidade em primeiro lugar, ou seja, permite uma contribuição para a melhoria da vida humana. Ainda mais, trabalha a raiz, do sucesso ou do erro, revela como a escolha assertiva do sujeito em conformidade com a sua identidade é útil para o seu desempenho eficiente. Esta ciência nos dá a capacidade de construir a nossa história em conformidade com o direcionamento que o nosso projeto de vida nos dá, isto é, o conhecimento do Em Si ôntico em conformidade com as ações diárias que consentem a autorrealização, a construção da nossa história. Por fim, “(...) alguém que vence reacende nos outros a esperança de fazer o mesmo, e isso é maravilhoso, não é uma necessidade, mas certamente é uma grande satisfação” (MENEGETTI, 2009, p. 117).

O vencedor percebe a vida, não quer fazer o básico, mas aquilo que vai além da média, no trabalho e nas relações com os outros, com a única intenção de crescimento interior. Porém, é preciso começar nas pequenas coisas, enfim, saber conduzir os pequenos meios que se possui de maneira racional, sempre em ganho de crescimento.

3 Considerações Finais

A Ontopsicologia isolou as diversas dinâmicas do inconsciente e descobriu a primeira informação, o Em Si do homem, que, momento a momento dá, a cada pessoa, informações a serem seguidas para a realização pessoal e profissional. Evoluir é um compromisso com a responsabilidade da excelência. O Em Si ôntico dá a informação, a diretiva da ação de vantagem de acordo com a dinâmica existencial do indivíduo.

Conclui-se, então, que o próprio existir tenciona-se a fazer história e que mesmo em meio às conturbações do mundo é possível ao homem realizar-se, porque o seu projeto de natureza o conduz a executar a própria potência. Entretanto, é preciso saber ler as informações que nos são dadas pelo próprio projeto de natureza, por meio do nosso corpo e tendo conhecimento das técnicas da Ciência Ontopsicológica. Ser sempre mais e fazer o melhor possível de cada minuto da nossa existência, contribuindo com o bem comum e social, no nosso mundo.

Referências

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. *Aprendiz Líder*. FOIL São Paulo, 2009.

MENEGHETTI, Antonio. *Campo Semântico*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. *Projeto Homem*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, Antonio. *Fisicidade e Ontologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.

MENEGHETTI, Antonio. *Ontologia da Percepção*. Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. Psicológica Editrice, 2001.

MENEGHETTI, Antonio. *Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

VIDOR, Alécio. *Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

VIDOR, Alécio. *Opinião ou Ciência*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.



A resposta da Ontopsicologia ao problema crítico do conhecimento: a questão exatidão do pesquisador

Vanessa Alves Nabarros

Resumo: O problema crítico do conhecimento já foi objeto de pesquisa e indagação por muitos cientistas, filósofos e pensadores ao longo da história. Por mais que se façam perguntas distintas, na primeira e última faceta do saber surge a pergunta: o homem é capaz de conhecer o real? Alguns utilizam-se da religião, outros de metodologias pré-estabelecidas e outros até intuíram que seria necessária uma nova ferramenta, porém não conseguiram formalizá-la. De tantos pensadores, destacamos alguns para dar um substrato à contribuição que surge por meio da Ciência Ontopsicológica em resposta a esse problema que é de conhecimento, mas sem dúvida, de extremo cunho existencial.

Palavras-chave: Ontopsicologia; problema crítico do conhecimento; exatidão do pesquisador.

The response of Ontopsychology to the critical problem of knowledge: researcher's accuracy

Abstract: The critical problem of knowledge has already been the subject of research and inquiry by many scientists, philosophers and thinkers throughout history. No matter how different questions are asked, in the first and last facet of knowledge the question arises: Is man able to know the real? Some of them use religion, others use pre-established methodologies and some have even intuited that a new tool would be necessary, but they have not been able to formalize it. Of many thinkers, we highlight some to give a substrate to the magnificent contribution that Ontopsychological Science gives in response to this problem that is of knowledge, but without doubt, of extreme existential character.

Keywords: Ontopsychology; critical problem of knowledge; accuracy.

La respuesta de la ontopsicología al problema crítico del conocimiento: la precisión del investigador

Resumen: El problema crítico del conocimiento ya ha sido objeto de investigación e investigación por parte de muchos científicos, filósofos y pensadores a lo largo de la historia. No importa cuán diferentes preguntas se formulen, en la primera y última faceta del conocimiento surge la pregunta: ¿Puede el hombre saber lo real? Algunos de ellos utilizan la religión, otros usan metodologías preestablecidas y algunos incluso han intuido que una nueva herramienta sería necesaria, pero no pudieron formalizarla. De muchos pensadores, destacamos algunos para dar un sustrato a la magnífica contribución que brinda la Ciencia ontopsiológica en respuesta a este problema que es de conocimiento, pero sin duda, de carácter existencial extremo.

Palabras clave: ontopsicología; problema crítico del conocimiento; exactitud.

1 Introdução

O problema crítico do conhecimento merece uma atenção especial, tendo em vista que é uma indagação tão antiga e que diz respeito a todos que buscam uma seriedade na pesquisa científica, bem como uma realização existencial integral.

O objetivo geral do presente trabalho é demonstrar como a Ontopsicologia resolve o problema crítico do conhecimento, a saber, “*o homem é capaz de conhecer o que é o real*”? E, para tanto é necessário verificar como essa temática foi tratada ao longo da história, analisar a funcionalidade das ciências atuais, além de verificar se há uma metodologia traçada pela Ciência Ontopsicológica para que o homem possa de fato chegar ao real em si das coisas, sendo estes os objetivos específicos.

A metodologia consiste em revisão bibliográfica e análise comparativa de alguns autores a respeito do tema escolhido.

O presente trabalho em um primeiro momento abordará o emblemático problema crítico do conhecimento e o critério que as ciências utilizam na atualidade, se são os melhores e se têm a possibilidade de chegar ao real das coisas. Será demonstrado um *rol* de autores selecionados que também se questionaram sobre o problema crítico do conhecimento de modo geral, e se houve alguma proposta concreta de recuperação do homem à sua integralidade.

Em seguida, o trabalho se envergará para a Ciência Ontopsicológica e a sua resposta ao problema crítico do conhecimento, além da demonstração da via adequada para o homem recuperar a reversibilidade entre real e imagem, entre percepção e consciência.

Por fim, as considerações finais com base na discussão e resultados encerrará o presente estudo elaborado como uma Pequena Tese para o Módulo 3, da Primeira Turma, do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

2 Fundamentação teórica

2.1 A questão do problema crítico do conhecimento

Durante toda a história que a nós é possibilitado o conhecimento, constata-se em unísono um problema que é comum a todos os indivíduos e que grandes pensadores buscaram solucionar, ou seja, o homem é, mas não se conhece. O problema crítico do conhecimento podemos dizer que é um problema dos problemas: “*o homem é capaz de conhecer o real*”? Existe prementemente a necessidade de fundar o sentido do existir. O

homem se encontra em um paradoxo e se pergunta: tenho sede de alegria e ao invés disso expio a doença, medo, incerteza. E isso reflete no modo como analisa a realidade ao seu entorno.

Com base nesse problema, as ciências de modo geral não chegam à causalidade última do objeto, eis que não evidenciam de modo integral o próprio instrumento de conhecimento que é o homem.

Existem muitas religiões, muitas tradições, muitas certezas, muitos absolutos, e por esses absolutos ainda hoje se faz guerra, racismo, culpa sobre os outros. Mas o homem como humanidade, não alcança o ponto de encontro. Além disso, esse homem vive os próprios medos, as próprias frustrações e a própria ignorância, não compreende a si mesmo e as coisas em torno: caminha sem conhecer a estrada e a direção (MENEGHETTI, 2010, p. 116).

Portanto, por mais que o homem avance na ciência, que de todo modo é funcional até certo ponto, não chega a realizar-se de modo integral no arco de sua existência, ou seja, sempre está em débito consigo mesmo e não produz ao máximo de acordo com a sua funcionalidade.

Na maioria das vezes, isso gera uma frustração interna e desencadeia em uma série de comportamentos não funcionais à própria individuação humana e a todos aqueles que estão à sua volta. Uma constatação ao menos é evidente: não se pode produzir algo exato a partir de um instrumento inexato, deste modo, como o próprio homem é o instrumento da produção de conhecimento – em todas as ciências humanas, sociais e em todas as áreas humanista-profissionais – o sujeito operador e produtor do conhecimento deve ser exato, no sentido de possuir uma consciência exata, pois, caso contrário, não produzirá um conhecimento com um critério real de verdade. Vidor (2014), por sua vez, enfatiza que: “a verdade do conhecimento, depende do homem verdadeiro. O valor do saber, deriva do valor do ser, para que o conhecimento não se transforme em mera opinião sem fundamento real” (VIDOR, 2014).

Nesse passo, sem sombra de dúvida, o conhecimento é um dos pontos essenciais para promover o desenvolvimento do ser humano no contexto existencial e sócio-histórico-cultural no qual vivemos. É possível ao homem conhecer a verdade? Desde que nasceu, o homem adquire conhecimento a partir de uma evidência: ou daquilo que vê ou como sua inteligência compreende. O modo como se percebe o mundo e as coisas se dá a partir da sensorialidade do organismo.

O conhecimento se faz a todo momento, naqueles mais simples da vida, eis que cada ser humano se torna por onde ele passa, ou seja, fazemos interação com o ambiente constantemente a partir do momento em que existimos.

Porém, existe um viés em que o conhecimento é realizado de um modo mais elaborado, buscando explicar fatos da vida, de modo que se torne evidente ao passo que outros também possam colher aquela precisa informação. Normalmente esses são os pesquisadores. A partir da formação do conceito, de como se concebe aquilo que é visto, sentido ou percebido, de modo ordinário é possível, forma-se opinião (a *doxa*).

No entanto, existe a possibilidade de elaborar um conhecimento científico, na medida em que se utiliza um aspecto subjetivo (interior do organismo do homem em consonância com a racionalidade, pautada nos primeiros princípios evidentes da mente).

Dáí surge a dúvida: como fazer para elaborar um conhecimento científico, ao passo que haja validade fundada no real para os pesquisadores? A resposta é: a necessidade de um critério verdadeiro. “O critério do saber necessita adequação ao ser” (VIDOR, 2014). O ser humano, como um ser hilemórfico, ao passo que é constituído de matéria e forma, também possui um endereço metafísico, ligado à causalidade primeira que é o ser total. Essa informação primária que deve ser evidenciada para chegar ao primeiro ponto de partida na construção do conhecimento. O que existe é a necessidade de encontrar o critério absoluto que é evidenciado por todo conhecimento, a exigência de identificar a verdade máxima do homem (MENEGHETTI, 2010).

Antes de verificarmos a solução que a Escola Ontopsicológica propõe, é de suma importância verificar o arco histórico de como alguns grandes pensadores buscaram solucionar o problema crítico do conhecimento.

2.2 Autores que pensaram acerca do problema crítico do conhecimento

Como dito anteriormente, o conhecimento da alma humana muitas vezes é pautado de um viés religioso; por exemplo, Jesus Cristo já dizia: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Fazendo uma abstração destes categóricos éticos, se descobre a produção de indagações valiosíssimas para tentar resolver o problema homem. A ideia de que o íntimo do homem era Deus, ou seja, uma entidade superior, é muito especificada e clara em diversos autores.

As perguntas clássicas não poderiam deixar de ser feitas, especialmente por aqueles que possuem uma sensibilidade e uma busca pelo saber: Por que existo? Quem sou? Não tendo essa resposta, o homem sofre.

Tratando dos filósofos Pré-Socráticos, Protágoras definia “o homem é a medida de todas as coisas”, ou seja, só posso conhecer o mundo e o real à minha volta a partir da própria individuação humana, e não devo me preocupar em teorizar acerca de constantes diversas da minha individuação, eis que é necessário resolver o problema do conhecimento do homem. É um norte esplêndido para a pesquisa científica, pois já direciona o pesquisador que passa a relativizar muitas informações não relevantes para a sua empreitada científica.

Sócrates, por sua vez, em seus discursos não tinha uma visão muito diferente, tendo em vista que o seu gnosticismo era pautado principalmente na emblemática frase do Oráculo de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”. O filósofo verificava que o homem não se conhecia e conseqüentemente não conhecia o mundo ao seu redor, por isso Sócrates buscava através do seu método (maiêutica e ironia) fazer com que o indivíduo se desprendesse de todos os conceitos pré-estabelecidos e voltasse a conhecer através do simples elementar de cada coisa.

Discípulo de Sócrates, Platão afirmava que era necessário olhar para dentro de si e estabelecer um diálogo: parar e pensar o que eu fiz para chegar onde eu quero; avaliar e corrigir. Marcar um encontro com a alma, um diálogo com você mesmo; um momento de vida interior: o que encontra dentro de si? Para Sócrates a solidão é a falta de si mesmo, quando se é estranho a si mesmo. Aí temos um aspecto de base da filosofia grega, trazido por Sócrates: conhece a ti mesmo, ou seja, domina a ti mesmo (vida interior), que dizem respeito à evolução de consciência, ser e saber, ser e existir, a consciência de quem você é.

Adiante na história, é possível verificar que em alta filosofia a questão existencial é muito bem explorada. É possível verificar a necessidade de demonstrar o fundamento do ato de existir de modo divino. Santo Agostinho e sua famosa frase, *dubito ergo sum*, ilustra com propriedade esse pensamento, partindo do pressuposto de que a existência é real, na medida em que posso duvidar. Diferentemente, René Descartes afirma que penso logo existo (*cogito ergo sum*), ou seja, não só o ato de duvidar que me faz existir, mas pensamento como um todo é a prova da minha existência. Já Immanuel Kant, com a sua crítica à razão pura, não se coaduna com o fato de que a razão seja realmente pura e questiona se o método das ciências aufere, de fato, um critério de certeza.

Não é possível deixar de falar do Renascimento, belíssima época em que o foco era: recuperar o homem. Na era medieval, o homem era um ser impuro, decaído. O Renascimento traz o autoconhecimento, anatomia – a natureza é divina, como explicita Boticelli em suas obras. Estética, o belo são pegadas do divino na Terra. Harmonia significa céu e Terra em equilíbrio.

Por fim, nesse breve esboço histórico, mister se faz citar Edmund Husserl, matemático e filósofo, que em suas conferências realizadas na Europa denunciava e demonstrava que o conhecimento científico, por mais que existissem pontos positivos, não alcança o verdadeiro real do objeto. Portanto, é necessário de uma técnica para reintegrar o homem no simples mundo-da-vida.

Nesse interim é necessário verificar o que se entende por cientista, ou seja, o operador de ciência, que segundo Menghetti (2012), podemos conceituar ciência como, “saber como age o ente. Saber a ação do ser. Saber a ação por como o ser ou a natureza a põe e a gere” (MENEGETTI, 2012).

Pautado nesse escopo, Husserl fora atrás de grandes estudiosos como Freud, por exemplo. Porém, infelizmente não encontrou nenhum expoente que pudesse solucionar o seu problema proposto. Contudo, seu legado se manteve e a sua indagação permaneceu ao longo da história, e, hoje, plenamente pode ser solucionada pela resposta da Ciência Ontopsicológica.

3 Resultados e Discussão

Conforme salientado na fundamentação teórica, a Ontopsicologia busca resolver o problema crítico do conhecimento. Ou seja, o homem é capaz de conhecer o real, porém, pelo modo como somos construídos socialmente, a consciência do homem não reflete o real como de fato é.

Para chegar a esse escopo, essa ciência passou por um árduo processo de maturação e experimentação em mais de dez anos de clínica bem-sucedida. O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti¹ (1936-2013), fundador e expressão máxima da Escola

¹ Antonio Meneghetti nasceu em 09 de março de 1936, em Avezzano (Itália), faleceu em 20 de maio de 2013 (em Faxinal do Soturno-RS, Brasil). É fundador e expressão máxima da Ciência Ontopsicológica, ciência que nasce formalmente na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Angelicum), em Roma-Itália, com a disciplina Ontopsicologia do Homem, iniciada no ano de 1970-1973. Foi Acadêmico da Academia Internacional de Informatização da ONU e cientista italiano de rara formação: possui quatro Doutorados. Segundo os critérios canônicos das Universidades Romanas, foi Doutor em Ciências Sociais e Doutor em Filosofia (Pontifícia Universidade de São Tomás de Aquino, Roma); e

Ontopsicológica, foi um cientista múltiplo e, com base nos conhecimentos aprendidos ao longo da vida somados às novas experiências que buscou com maestria, formalizando a Ontopsicologia.

Apesar de ter no nome “psicologia”, a Ontopsicologia é uma novidade científica que é definida pelo autor como “pesquisa sobre a atividade psíquica na sua causalidade primeira. Pesquisa sobre o projeto lógico elementar que preside a atividade e fenomenologia psíquica” (MENEGETTI, 2012, p. 191), não sendo uma área, escola, abordagem ou corrente da Psicologia. A Ontopsicologia é uma ciência epistêmica, interdisciplinar, fundamental e de base.

De acordo com a teoria ontopsicológica, é preciso verificar se o pesquisador de fato é um operador de ciência, ou seja, será que é capaz de acessar a ação do ser em consonância com sua pesquisa?

Cumprido salientar que “Ontopsicologia significa investigação da existência até à causa primeira que a faz ser ou não ser. A pesquisa do próprio fundamento é essencialmente pesquisa interior, porque é no íntimo que se origina o problema de existir ou não existir” (MENEGETTI, 2015).

A Ontopsicologia nasce da tomada de consciência dessa problemática. Era necessário verificar o homem no aqui e agora como parâmetro da subjetividade que gera a própria objetividade. A estrada para a própria verdade passa exclusivamente por parâmetros de rigorosa interioridade, de uma precisa objetividade da subjetividade.

Era necessário mensurar o homem através da exatidão de resultados: funcionalidade de todos os instrumentos, a saber, homem conforme o próprio real. No homem sadio, flui conhecimento, verdade sadia. A correção do conhecimento parte da correção individual: conscientização do próprio real, pois o saber de cada um é relativo ao seu quântico de existência conscientizado.

Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Lateranense, Roma). Na Rússia, obteve, em 27 de abril de 1998, da Suprema Comissão de Avaliação Interacadêmica da Federação Russa, o título de Grand Doktor Nauk em Psicologia (Protocolo 0104; 4º Doutorado). Possui também a Láurea em Filosofia com abordagem Psicológica (Universidade Católica Sacro Cuore, Milão); Honoris Causa em Física pela descoberta do “Campo Semântico” (Universidade Pro Deo de Nova Iorque, 1994); Honoris Causa em Economia pela Universidade de Dnepropetrovski (Ucrânia). Foi empresário e consultor de Economia e Política em vários países (Itália, Brasil, Rússia, Letônia, Alemanha, Suíça, Ucrânia, etc.). Autor de mais de 50 obras traduzidas para o inglês, francês, alemão, português, russo, espanhol, letão, ucraniano, chinês e italiano. O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti foi criador e fundador da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF) e também da Fundação Antonio Meneghetti Pesquisa Científica Humanista Cultural Educacional - Brasil, sendo Patrono de ambas estas instituições. Para conhecer mais sobre sua vida e obra acesse o website com sua biografia oficial: <http://www.antonimeneghetti.org.br/>.

O homem conhecerá o objeto coexistindo com ele, metabolizando-o segundo o seu existir: sujeito e objeto são um só. Para saber quem é o homem deve-se usar todo o homem. A Ontopsicologia é a ciência que colheu o critério de realidade e individuou o método para levar a essa exatidão de consciência.

A Ontopsicologia regula o conhecimento sobre a natureza original do homem, ou seja, a sua exatidão. Porém, há uma interferência que filtra todas as nossas percepções, o monitor de deflexão.

É preciso salientar que como um dos resultados da pesquisa ontopsicológica, chegou-se a três descobertas fundamentais, que são o campo semântico², o Em Si ôntico³ e o monitor de deflexão⁴. Com esses três princípios elementares é possível evidenciar, através da metodologia Ontopsicológica, se o indivíduo está produzindo ou não um conhecimento exato.

Através do campo semântico é possível reconduzir o intelecto sobre a base do real. É possível perceber a ciência do externo através dos cinco sentidos e a ciência do interior através das variações orgânicas. Isso em qualquer campo do saber humano, pois a Ontopsicologia não dita que a filosofia está errada de per si, mas diz que é errada a consciência, a consciência do homem que busca indagar o ser (MENEGETTI, 2015).

A saída para esta problemática está em como corrigir a consciência do homem para dar um critério de exatidão ao pesquisador e aquilo que se produz da sua atividade intelectual. E isso é possível de ser feito por meio de um *training de autenticação*⁵.

O homem deveria sempre extrair algo de suas vivências que o tornasse mais sábio, que o aproximasse da verdade, que o fizesse conhecer mais a natureza, e por consequência, a si mesmo, e com isso também modificar o seu comportamento, visto que agora, de posse de um conhecimento real, ou aproximado, de alguma coisa, já não se encontra mais na posição em que estava.

Em um correto procedimento científico, a exatidão dos resultados de pesquisa pressupõe que sejam exatos e em perfeita funcionalidade todos os instrumentos usados. Se o único instrumento de conhecimento que diz respeito ao homem é o próprio homem, parece evidente que se ele não for exato, isto é, conforme ao próprio real, as conclusões serão inevitavelmente inexatas. Parece um fato óbvio, porém nunca ninguém se preocupou com isso. Portanto, o conhecimento sempre foi a projeção de um erro que compromete desde o início a possibilidade de colher a verdade do homem (MENEGETTI, 2005, p. 20).

² “Comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações” (MENEGETTI, 2012, p. 38).

³ “Projeto ôntico que constitui o ser humano. Princípio formal inteligente que faz autôctise histórica” (MENEGETTI, 2012, p. 84).

⁴ “Engenho psicodélico deformador das projeções do real à imagem” (MENEGETTI, 2012, p. 174).

⁵ “Uma coisa ou um contexto é autêntico quando se demonstra por como o ser se presencia (em antecipação a qualquer configurado racional ou lógico)” (MENEGETTI, 2012, p. 29).

Essa exatidão deve ser verificada em todos os campos da existência do ser humano de modo integral, pois apenas um homem sadio, completo e satisfeito com sua vida pode fazer fluir um conhecimento e uma verdade também sadios. Um homem que flui como ordem vital a si mesmo é realizado e não compromete o equilíbrio alheio: faz nascer a sua verdade a partir de uma alegria difusa, como a flor quando cujas pétalas se abrem e no seu ser contempla e causa contemplação (MENEGETTI, 2005).

Portanto, existe essa necessidade de exatidão do pesquisador, exatidão nesse sentido podendo ser entendido como a correção da consciência do homem para adequar aquilo que pensa à sua intrínseca lógica de natureza.

Para alcançar a exatidão, além de outros pontos, é imprescindível que o operador de ciência se utilize do critério organísmico⁶, ou seja, o homem não deve deixar de lado a sua racionalidade, que é uma importante ferramenta para a construção do conhecimento, mas deve utilizar todo o corpo na medida em que neste também há uma inteligência que pode estar em função do cientista na elaboração da sua pesquisa.

O homem deve usar os cinco sentidos, mais o sentido interno em consonância com a racionalidade: para ser exato o homem deve refinar o critério organísmico, já que pelo nosso modo de educação perdemos a compreensão desta importante ferramenta.

De modo prático é possível verificar a funcionalidade e a exatidão com os seguintes critérios que são 5: 1. *Funcionalidade*, ou seja, as ações e o mover-se do indivíduo são circulares em função da sua própria individuação e funciona em crescimento; 2. *Correspondência com o iso de natureza*, que nada mais é do que a reversibilidade que o homem tem entre o real das coisas e a sua consciência; 3. *Univocidade entre as percepções*, que significa que o homem independentemente dos sentidos que utilize, alcança sempre o resultado real; 4. *Controle sobre o objetivo*, nesse caso o indivíduo não é objetificado, mas controla a realidade em vantagem própria; 5. *Desaparecimento do sintoma*, desaparecem os erros de racionalidade psíquica, ou seja, o problema é solucionado (MENEGETTI, 2015).

Para se desvencilhar dos hábitos impostos pela cultura, que restringem o homem da sua completude, é necessário que o indivíduo tenha contra-hábitos funcionais para a si mesmo. Obviamente a evidência desses contra-hábitos é obtida através da consultoria de

⁶ “Conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação. Contexto psicobiológico e espiritual. Presença do Em Si ôntico no orgânico humano” (MENEGETTI, 2012, p. 198).

autenticação e faz com que o indivíduo forme um novo estilo de vida, condizente com a lógica da própria individuação. Para alcançar um bom nível de autoestima, devemos descobrir nossa identidade: quem sou? O que sou? E o mais importante e decisivo ainda, o que quero ser?

Essa mudança no estilo de vida não é devida a um ato radical em separado na vida do sujeito, mas, sim, a uma sequência de ações, por mínimas que sejam, em que o indivíduo reforça a sua própria identidade. A Ontopsicologia denomina esse processo de miricismo cotidiano. O miricismo cotidiano diz respeito às pequenas migalhas do dia a dia, aos pequenos detalhes, ou seja, o pouco a pouco que vai se construindo, os méritos que vai se ganhando por suas ações.

O ser humano deve agir com muito amor em relação à própria individuação, ou seja, faz parte de um projeto grandioso, e, sem dúvidas, deve valorizar ao máximo esse projeto, para que possa se realizar no aqui e agora. O amor para a individualidade de cada, para a personalidade de cada pessoa, deve ser compreendido não como confronto, como contrariedade com os outros, mas como constante descoberta, valorização, incremento de si mesmo como alma, como espírito (MENEGETTI, 2013).

A mente se nutre de tudo que está em nossa volta: desde as companhias, as músicas, etc. Por isso deve ser feita a vigília constante de si mesmo. Não é somente no ápice da ponta produtiva que o homem deve vigiar as suas ações cotidianas, mas também o seu tempo livre é de extrema importância. O tempo livre geralmente é entendido como o tempo de não trabalho, onde as pessoas aproveitam o *dolce far niente*. Contudo, na Antiguidade, esse período costumava ser de ganho interior, um momento em que se podia, por exemplo, buscar o conhecimento.

Atenção a como se posiciona a própria vida, porque se escolhe e se exalta a realização no modo e lugar da própria identidade. Deve-se ser e operar uma realização interior total, a vida antes de tudo quer ser bela, consequentemente quer inteligência, arte, preparação, superioridade (MENEGETTI, 2013, p. 94).

Deste modo, o homem deve estar atento, sobretudo nos momentos de *relax*, para que estes sejam um meio de retomada e reelaboração da própria individuação em função própria. O objetivo real do tempo livre é de centrar mais a unidade consigo mesmo, para qualificar o investimento dessa unidade operativa que se é no próprio ambiente de responsabilidade (MENEGETTI, 2013).

O cientista, o pesquisador, além dessa condição, é sobretudo um homem, e não pode se furtar de se verificar e de se qualificar em todos os campos da sua existência, pois a vida é una em si, e os erros existenciais sem dúvida refletem em toda a existência humana, portanto, o homem deve ser e estar íntegro, exato, para que possa produzir um conhecimento exato.

4 Considerações Finais

O problema crítico do conhecimento ainda é uma questão importante em inúmeras ciências, porém, a Ontopsicologia, com o seu método bem elaborado, com mais de dez anos de prática clínica bem-sucedida, demonstrou que é possível sim, o homem conhecer o real. Edmund Husserl muito bem intuiu acerca da falha no processo perceptivo-cognitivo, no entanto, não teve condições de propor um método específico para recuperação do homem ao mundo-da-vida.

A Ciência Ontopsicológica evidenciou que o problema crítico do conhecimento é verídico e que o homem é impossibilitado de conhecer de forma integral o real que o circunda. Porém, essa ciência demonstra também que para o homem conhecer o real, de fato, é preciso que utilize o todo de si mesmo, ou seja, que realize o máximo em qualquer campo da sua individuação, para que através de um estilo de vida sadio e com um trabalho pessoal de construção de si mesmo, possa chegar a compreender a realidade à sua volta.

De acordo com a metodologia ontopsicológica, através de um *training de autenticação*, e do miricismo cotidiano, é possível se evadir do filtro disfuncional do monitor de deflexão, e assim recuperar o homem sadio, integral. Esse homem como instrumento do processo científico, poderá produzir conhecimento com real fundamento de certeza, na medida em que percebe a si mesmo e o objeto de modo verdadeiro. O problema crítico do conhecimento é resolvido a partir da exatidão do pesquisador.

Referências

DE MASI, D. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

MENEGHETTI, Antonio. *A Psicologia do Líder*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.

MENEGHETTI, Antonio. *A riqueza como arte de ser*. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2016.

MENEGHETTI, Antonio. *Arte, sonho e sociedade*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. *Campo Semântico*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. *Cinco lições de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005.

MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. *Intelecto e Personalidade*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006.

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária.

MENEGHETTI, Antonio. *Psicologia Empresarial*. São Paulo: FOIL, 2013.

VIDOR, Alécio. *Opinião ou Ciência*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

VIDOR, Alécio. *Filosofia Elementar*. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.